

Manoel da Silva Mattos

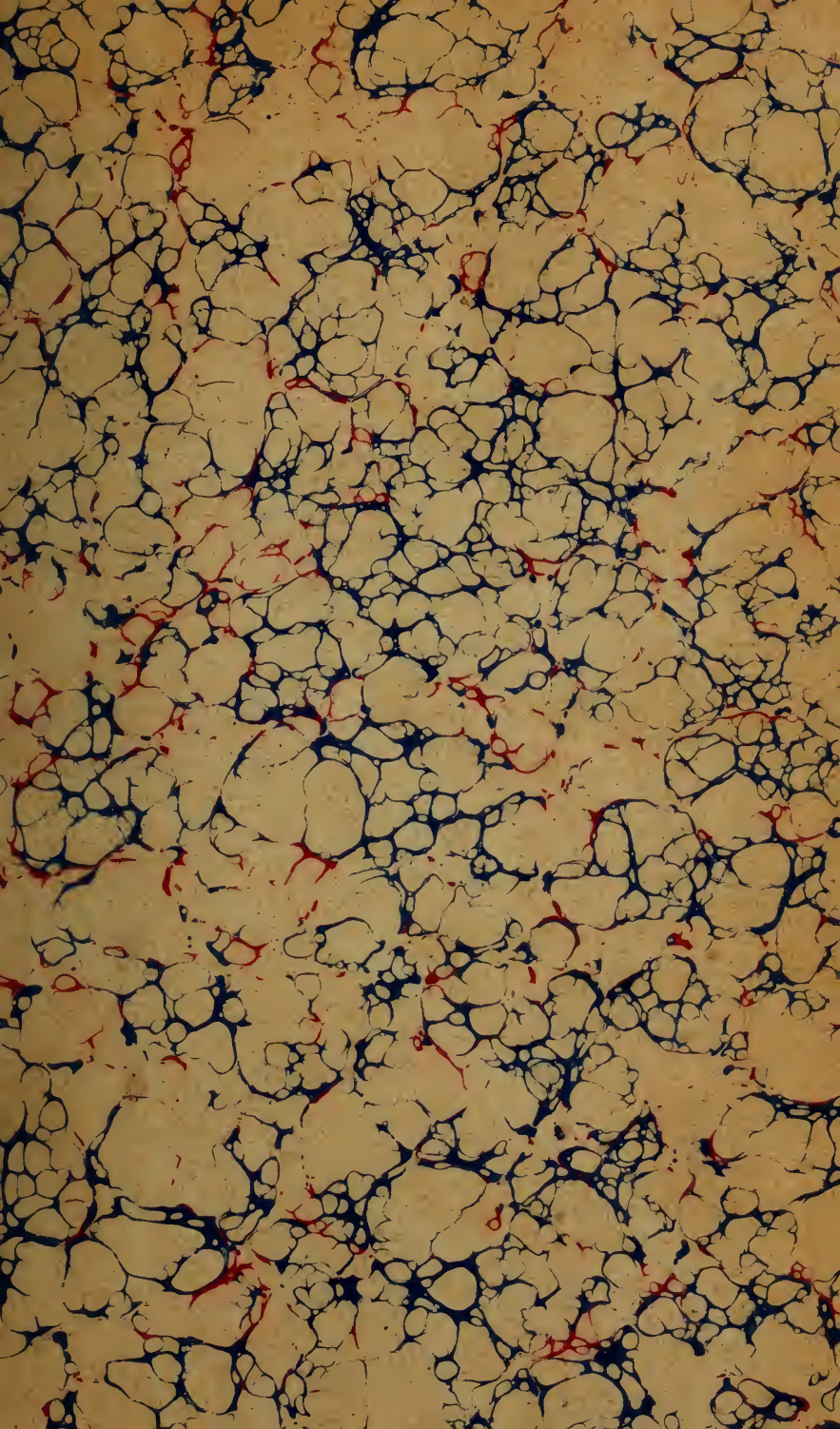
Serrazes

R8169673



*Presented to the*  
LIBRARY of the  
UNIVERSITY OF TORONTO

*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton





A DELFINA DO MAL



# A DELFINA DO MAL

POEMA

POR

THOMAZ RIBEIRO



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1868





# INDICE

	Pag.
Dedicatoria . . . . .	VII
Introduccão . . . . .	3
CANTO I	
A caçada . . . . .	13
CANTO II	
A Ucha . . . . .	39
CANTO III	
Paciencia . . . . .	73
CANTO IV	
O soalheiro . . . . .	99
CANTO V	
Prenda de annos . . . . .	131
CANTO VI	
Idyllio em Gethsemani . . . . .	163
CANTO VII	
Entre-acto . . . . .	195
CANTO VIII	
Providencia . . . . .	223
CANTO IX	
Via-sacra . . . . .	243
CANTO X	
À beira do abysmo . . . . .	285



A SEU IRMÃO

HENRIQUE RIBEIRO FERREIRA COELHO

ABBADE DE SANTA MARIA DE SILGUEIROS

*O.*

O autor.



MEU PREZADO HENRIQUE:

Entre os nomes de amigos bons e bastantes com que Deus me favorece, pareceu-me que de preferencia devia escrever o seu na dedicatoria d'este livro. Varias rasões m'ò aconselharam:—Um poema, que eu consagro á humanidade afflicta, um livro que me esforcei por orvalhar de balsamos para muitas feridas, de philosophia para muitos erros, de virtudes para muitos crimes, de cauterios para muitas chagas gangrenosas e até de ridiculos para muitas aberrações sociaes, um livro enfim que eu quiz fazer de ensinamento e de piedade, a quem melhor do que a um sacerdote de Christo, dispensador de balsamos e clemencias, podia ser offerecido?

Alem d'isto: quem, como o abbade, tem sido caçador toda a sua vida (Deus lhe perdoe!), quem nos montes da *Laceira* tem acompanhado as vozerias venatorias, es-

tendido o seu coelho na *Ponte do entrudo*, almoçado á sombra do *Fuso*, accendido cigarros na *Ucha* e dado esmola á *Delfina do mal*; quem viu nascer este modesto livro á sombra das arvores da nossa *Parada de Gonta*, e crescer e completar-se na *Quinta de Santo Estevão* e nas *Caldas da Felgueira*; quem conhece quasi todos os personagens (os que são conheciveis), aos quaes de industria conservei os proprios nomes, ha de achar mais prazer que ninguem em ver desdobrar as paizagens da nossa aldeia, as levadas dos nossos rios e os reconcavos dos nossos montes, nas paginas que para ahi vão escriptas a sabor de uma phantasia um tanto agreste e deseducada. E eu gosto d'ella assim; a phantasia de um poeta, Deus me livre de a ver amaneirada e palaciana.

Sabe porque chamei «agreste» á minha? porque olha nada por si e tudo pela natureza; porque se compraz em ver pouco as hodiernas magnificencias dos homens para se extasiar diante das velharias de Deus; porque, em vez de alizar e encobrir as rugosidades das ruinas, põe o seu cuidado e o seu trabalho em destruir, em esboroar os artecidas estuques do romanticismo, e quer bem a nu o musgo da rocha e as cicatrizes da face.

Abade, a arte e a poesia que se não inspirarem da verdade, e se não modelarem pela natureza, não são poesia, nem arte.

Muitos amigos me perguntam porque não canto uma pagina gloriosa da historia em mais remontada poesia. Porque me não supponho com peito para a tuba epica,

e porque me inspira menos a gloria que a miseria. A gloria impera e manda; a miseria chora e pede. A gloria é vaidosa e ingrata; a miseria, modesta e humilde. O heroe é como o tufão que passa: trôa, assola . . . espanta! fica-lhe após um côro immenso composto de hymnos, silvos e maldições; côro que ás vezes se dilata pelos echos das idades até se perder no abysmo incommensuravel dos tempos; a miseria é a voz suave e meiga que se dirige á consciencia, e que só proclama os seus direitos, pedindo á sociedade a esmola dos seus deveres. A gloria epica, a guerreira, é, se tanto, uma vaidade nacional; a miseria, uma infeliz verdade social.

Podem, bem sei, dizer-me que o heroe resume e symbolisa uma idéa grande, social ou humanitaria (quando symbolisa). Já os antigos representavam na sua Minerva a idéa armada! Oh! mal vestida idéa! quantas vezes não ficas tu esmagada sob o peso da armadura? ou, quantas vezes o homem que te foi dado para instrumento, não te faz instrumento, a ti, da sua vaidade egoista?!

A idéa armada atrôa pela bôca dos canhões, offusca pelo fumo das arcabuzadas, esmaga pelo tropear dos ginetes, destroe, devasta; precisa, para se implantar, do solo movediço e fumegante das ruinas; para florescer, de uma rega abundante de sangue; e quantas vezes antes que fructifique, o vento da reacção a desarreiga ou a devora, alvoroçando-lhe o incendio nas proprias ruinas que a sustentam?

A idéa semeada por Christo, sim! e por todos os sol-

dados do martyrio, que essa era luminosa! Os martyres não tinham armas, tinham crenças; não offuscavam a humanidade, alumiam-n-a; não punham a ponta da lança ao peito do que não cria, punham-lhe ante os olhos o exemplo; traziam-lhe a doutrina á alma, e ao coração o amor; davam-se todos e não pediam nada; entravam inermes na liça; quando as flores da fé precisavam regadas com sangue, era o seu que se derramava; e como ía nelle um grande amor, eram fructos de benção os que se colliam.

Eis porque não sei cantar glorias guerreiras, e admiro-as. Os Cesares e os Napoleões são as maximas monstruosidades da gloria. Quantas vezes, armado com a luz da minha philosophia, não vou eu devassar os subterraneos lobregos d'aquellas existencias tenebrosas? quantas não transponho os porticos sonoros dos seus pantheons illuminados pelos esplendores da historia? quantas não subo os degraus das suas columnas, para ler lá em cima as pereciveis legendas de seus feitos, e para me abraçar ao marmore frio das suas memorias? E no receso dos seus gabinetes, e nos capitolios dos seus fastigios, e nas bases de seus obeliscos, e na estrada de suas victorias e desastres, não encontro mais que sangue e ruinas!

— Cesar! . . . — Napoleão! . . . Que dois grandes nomes! porém sómente nomes. Christo é mais — é uma doutrina. Oh! se os padres, os seus successores, se não houvessem transviado! mas, ai! que tantos foram nescios e tantissimos foram maus! Deus perdoe aos muitos que



amesquinham e abastardaram a sua obra! Padre Henrique, perdoe-me tambem, se quizer; mas eu não posso ver na Igreja a reacção, o interesse, a hypocrisia! Quanto mais augusto considero o templo, mais abomino os seus profanadores. Jesus prérgou a verdade, a humildade e a liberdade. Nunca se esqueça d'isto. Aconselhar é direito dos mais velhos.

Mas se as glorias guerreiras me não inspiram, não ha tantas outras glorias? . . . Ha! E que faço eu neste poema senão cantar a gloria da caridade e a gloria da resignação? estas, sim, que são filhas do amor; nestas creio eu, porque são intimas; não se dissipam em fumo, nem em vozerias; chegam intactas pelo menos á sepultura, e deixam, por unicos signaes da sua passagem, lagrimas nos olhos dos consolados, sorrisos na face do consolador. Mas é das glorias que o mundo chama immortaes que estamos fallando, e podem apontar-se as litterarias como exemplo.

Abbate, não creio na immortalidade de nenhuma.

Se fosse licito comparar coisas pequenas ás grandes, dir-lhe-ia que esta carta-prologo me está lembrando os dialogos familiares dos dois irmãos Cicero e Quinto nas apraziveis solidões de Tusculum, onde o grande orador escrevia os seus livros, quando os heroes da turbulencia e da guerra o afastavam dos cuidados da republica que ía transformar-se em imperio.

Note que não ousei fazer esta referencia para comparações: aponte-i-a apenas como exemplo; e, se aquel-

las seriam loucamente vaidosas, este é tanto mais para seguir-se, quanto de mais alto vem. E pois que incidentemente fallei de Cicero e dos seus dialogos philosophicos, deixe, antes que passe avante, penitenciar-me com uma phrase do grande pensador. Vem a proposito de lhe dizer que não creio na immortalidade da gloria.

Diz Cicero no primeiro livro das *Tusculanas*, proclamando a immaterialidade e immortalidade da alma:

«E que procuram tambem os poetas senão eternisar a sua memoria? Testemunha aquelle que diz:

«—Romanos, para Ennio olhae agora vós!

«Ennio, que vos cantou os celebres avós!»—

«O que Ennio pede por ter cantado a gloria dos paes é que os filhos façam viver a sua.

«.....»

«Mas para que fallar dos poetas, se até os artistas aspiram á immortalidade! Phydias, não podendo escrever o seu nome no escudo de Minerva, gravou nelle o seu retrato. E os nossos philosophos? *não escrevem elles o seu nome nos mesmos livros em que proclamam o desprezo da gloria?»*

Ha perto de dois mil annos que esta phrase foi escripta por um dos maiores homens do maior imperio do mundo; e se fosse possivel conceber na mais arrojada e

louca das minhas phantasias que por uma visualidade mysteriosa chegava aos que moram alem da campã a representaçã das coisas minimas da terra, eu suppria que o grande orador tinha acordado agora no seu tumulo de Gaeta, afastado o cobertor de marmore que o cobre ha perto de vinte seculos, e com um sorriso de desdem me enviava esta phrase, nova, fresca, improvisada para mim, que não creio na immortalidade da gloria. *e escrevo o meu nome no livro em que proclamo o desprezo d'ella.*

O padre Henrique póde attestar que sou um dos mais crentes homens d'este seculo. o que não quer dizer que seja muito. Sabe tambem que o estado quasi habitual do meu espirito é de duvida. É o peor estado da alma.

O scepticismo é uma fé; ha nelle uma idéa firme e assentada: a negaçã positiva, ou a positividade da negaçã (não sei se o abbade entende isto; a mim, custar-me-ia a entender o que escrevi, se não tivesse no espirito o pensamento que não sei explicar melhor); a duvida é a calma da do espirito: não tem escarcéus que o abysmem, nem pampeiros que o despedacem; mas tambem não tem uma briza do mar que o leve a um porto, uma bussola que lhe diga o norte, uma voz que commande, um desejo á prôa, um pensamento ao leme. É o estacionar em mar sem vento; é o ranger e aluir-se em vagas mortas.

A duvida é o limbo das almas na estaçã da vida.

E eu duvido, não a respeito de tudo, mas a respeito

de muito. E não será esta a grande epidemia moral do nosso tempo?

Á fé profunda, e depois fanatica, de outr'ora, succedeu o scepticismo desdenhoso do seculo XVIII. As duas crenças radicaes — a do sim e a do não — encontraram-se, travaram renhida pugna, e, no momento em que a philosophia descrente ía talvez cantar o hymno de uma passageira victoria, cáem por terra attenuados da luta ambos os contendores que se haviam travado braço a braço! Vem para elles a mais absurda tolerancia, que é filha das extremas intolerancias, acha-os sem forças, e une-os em matrimonio sacrilego!

Do qual matrimonio nasceu esta monstruosidade abortiva que se chama « duvida ».

Feito assim o *autem genuit*, servindo de diagnostico á moderna epidemia moral, deixe-me dizer-lhe que ha coisas a respeito das quaes eu ainda creio ou descreio positivamente.

Por isso eu lhe dizia que era um dos maiores crentes d'este seculo. Exemplo: *Apesar de escrever o meu nome á frente dos meus livros não creio na immortalidade da gloria litteraria.*

No decimo canto d'este poema ha de ler estes versos:

«Quando tinha esperança, amei a gloria,  
sonho o mais seductor da humanidade!  
sonho que nos eleva á divindade  
no sacro altar do pantheon da historia.

Mas quando vejo o resfolgar vulcanico  
das crateras que assopra a sociedade,  
e o transmutar de face a quanto existe,  
e o vacillar constante da verdade,  
e este desmoronar da fragil tenda  
que no infinito coube á raça humana,  
que dia a dia treme, oscilla, range,  
e ameaça abysmar a caravana  
ao proximo bramir do cataclysmo,

a mim pergunto então:

—Pois o fragil batel em que boiâmos  
no temeroso pelago do abysmo  
será nau almirante em que embarcasses  
de Deus ao nuto, *ó rei da criação?!—*

.....

Vaidade humana, cinge a c'róa e canta!  
pois te aclamas rainha, eia, soberba!  
toma o sceptro... de canna, e ascende ao solio...  
de lodo, que amassaste!... Ai! o teu erro!  
Humanidade, em tua lida acerba  
és seria, emquanto és nobre no desterro;  
ridicula, subindo ao capitolio.

.....

Bem pôde ser que breve  
o que em ti vive acabe,  
ó terra! e fiques erma  
soidão nas solidões,  
dizendo que és enferma  
os ais de teus vulcões!  
E ahi tens a *eterna gloria*  
que se abysmou!

e a *immensa luz da historia*  
que se apagou!

.....

E quantos nomes são findos,  
e quantos clarões extinctos,  
no vortice das eras?

Homem dos futuros lindos,  
ó sonhador de chimeras,  
subterra a tua vaidade!  
risca das folhas da historia,  
dos dictionarios da gloria,  
o sonho — *immortalidade!* —

Isto que no seu monologo diz Albano, senti-o eu, e sinto-o ainda.

Um dia Luiz Napoleão, após uma das suas mallogradas tentativas revolucionarias, ouviu ler uma sentença que o condemnava a prisão perpetua; voltou-se para os assistentes e disse-lhes: — «Podeis ter a condescendencia de me dizer quanto tempo dura a perpetuidade em França?» — Pois, a respeito da immortalidade d'estas glorias mundanas, chegam-me agora pruridos de paraphrasear a pergunta do condemnado que pouco tempo depois era imperador dos francezes, e dava beijamão aos seus juizes.

Quantos Homeros haveria antes de Homero? . . . Perde-se a pergunta no abysmo das olvidadas eras, e nem um echo surde a repetir um nome! Quem sabe já hoje a lingua do cantor da *Iliada*? . . . Quem saberá amanhã a dos cantores do Lacio? E nós . . . Findemos aqui

este *memento* da gloria, e deixemos em paz os sonhadores.

Tenho aqui sobre a minha mesa de trabalho a *Divina epopeia*, de Alexandre Soumet. É um livro de hontem; esta edição traz a data de 1841. Haverá seis pessoas em Portugal que tenham lido a *Divina epopeia*? creio que não; lêem-se-lhe menções enthusiaslicas nos tratados de litteratura moderna? tambem julgo que não; se até a França parece têt-o esquecido! Pois não conheço poema epico de mais subidos quilates que a *Divina epopeia*! Se a gloria até no ser caprichosa mostra não ser immortal!

O homem é o mais egoista dos animaes, porque pensa em si; é o mais vaidoso, porque se desprende da terra nas azas da imaginação; mas é tambem o mais triste, porque só elle sabe que morre.

As maiores grandezas, os maiores feitos, os maiores nomes da terra, passam, por fatal gradação, da historia á tradição, da tradição á lenda, da lenda ao mytho, do mytho ao esquecimento. A historia considera-os, a tradição illustra-os, a lenda distanceia-os e divinisa-os; o mytho é a declinação do prestigio, a cambiante e indefinida luz do crepusculo que precede a noite do olvido.

Sabe porque o meu nome vae nos meus livros? pela mesma rasão porque os escrevo: para merecer dos meus vizinhos contemporaneos a consideração que se deve ao homem que trabalha. O escriptor, o portuguez principalmente, não póde, que eu saiba, ter outra aspiração.

Dito isto a Cicero, com as reverencias que lhe são devidas, caíamos outra vez em nós.

Resta-me dizer-lhe a ultima e principal rasão porque lhe offereço este livro:

Completo hoje trinta e seis annos; vou pois na idade em que dia a dia se vêem rarear as fileiras d'aquelles a quem demos as nossas affeições. D'aqui ávante declina o sol das alegrias, vão emmudecendo a pouco e pouco as vozes dos nossos coros, começam a apagar-se as luzes do nosso templo, e nos canteiros e pomares, ou que semeámos, ou que vimos crescer e cultivámos, cada nordeste que passa, quando não lasca um tronco, leva uma folha amarella, ou uma flor definhada.

De duas arvores frondosas que nos abrigavam, que eram o orgulho e a gloria da nossa floresta sacra, respeito e veneração de quantos se lhes acercavam, e asylo de quantas penas e pobrezaas lhes vinham pedir sombra, uma, não a mais forte, mas a de mais suave ramagem, levou-nol-a um vento frio do outono, sem respeito á viuvez e á orphandade que íam ficar sem consolação. O vasio que entre nós deixou aquelle desaparecimento subitaneo entristece-me e apavora-me. A nós pois, arbustos que nascemos das suas raizes, cumpre estender os ramos, de um lado, por sobre o chão mortuario; do outro, para o tronco viuvo, em volta do qual os nossos braços devem enlaçar-se e fazer muralha contra a intemperie que nos procura.

Já vê porque venho estender-lhe a mão; aceite-a e



segure-a. Quanto mais o destino persiste em me tornar só, roubando-me affeições queridas, mais instinctiva necessidade eu sinto de me prender e de me segurar com ancia ás que me restam.

Duas palavras agora a respeito do poema:

Tinha escripto o *D. Jayme* para a patria, quiz escrever a *Delfina do mal* para a humanidade.

Como era ás penas que me dirigia, tomei a resignação por assumpto.

Pareceu-me que um dos maiores males da humanidade hoje era o desalento, e, como consequencia fatal, a tendencia crescente para o suicidio.

Não considerei o suicidio como crime, nem perante as leis humanas, nem perante os preceitos divinos; tambem o não proclamei fraqueza, nem loucura; deixei tudo isso á esteril declamação dos physiologistas, dos philosophos, dos moralistas e dos canonistas; pareceu-me que o suicida era doente do coração, e dirigi para ali os meus cuidados.

Foi outro dos meus intuitos pôr bem a nu as chagas da miseria, e procurar que a poesia servisse a approximar d'ellas a caridade.

Como accessorios, busquei nos velhos, mas ainda vive-  
doiros, costumes do nosso paiz, os fundos para os meus quadros e bosquejos. Ahi ha de encontrar, entre outros, as caçadas beirôas, os coros das lavadeiras, as historias de bruxas e lobis-homens, o acalentar ao berço, o soa-lheiro das velhas, os presentes das camponezas, o serão da aldeia com as suas cantigas ao desafio, emfim, alguma

coisa de bem portuguez do muitissimo que ainda por ahi ha, mercê de Deus. Os costumes de um povó representam uma parte importante da sua nacionalidade, e parece-me que bem faz o que os deixa consignados naquillo que porventura possa viver mais algum anno que a existencia individual. Muita da nossa litteratura, que é illustre, precisava de se fazer mais portugueza.

Aos que censurarem o estylo familiar com que vãõ escriptos quasi todos os meus versos, tenho que oppor uma das mais valiosas opiniões sobre o assumpto. Nem posso mesmo resistir á tentação de transcrever aqui alguns periodos de Lamartine, que neste momento muito de molde se me deparam no seu *Curso familiar de litteratura*:

«É preciso, diz elle fallando de M. Alexandre, um poeta bretão novo e não conhecido ainda, que o visitava, é preciso que o verso descalce o seu cothurno . . . é preciso desacostumal-o dos seus passos em tres tempos como os das nossas tragicas no theatrõ . . . para o fazer andar em passo natural, *musa pedestris*, segundo a tão justa expressão de Horacio.

«Esta poesia que anda a pé, que se não veste á antiga, que não põe carmim nem alvaiade na cara, que não traz mascarar tragicas nem comicas na mão, mas que tem no rosto a expressão verdadeira dos seus sentimentos e que falla a linguagem familiar, esta poesia que parece uma novidade, porque é a natureza desco-

berta em nossos dias sob os europeus da declamação e da rhetorica em verso, será a poesia . . . em que M. Alexandre parece dever primar . . . O poema do lar! deve ser tanto mais poetico quanto mais a poesia tem até hoje desprezado estas riquezas de descripção, de sensibilidade, de naturalidade, de paixões suaves . . . A epopeia da familia! . . . A Iliada do coração! Que assumpto para quem sabe ver, sentir e amar! — «Oh! se eu não tivesse mais que setenta e cinco annos — escrevia Voltaire passados os oitenta — eu lhes mostraria o que era um poeta.» — Eu digo como Voltaire, quando contemplo a fecundidade de um tal assumpto: — «Ah! se eu não tivesse mais de quarenta annos queria consumir vinte com este poema epico da familia.» —

Isto diz M. de Lamartine, um dos primeiros poetas do mundo.

Tambem eu não sei se terei tempo de escrever outro livro, cultivando sempre, como desejo, este genero de poesia, ou se, quando a vida me sobre, terei paciencia ou vontade que bastem.

Ha, entre outros, um assumpto social que eu muito desejaria ver tratado num poema: é o *duello*; excrescencia degenerada dos santos principios da honra; tribunal que não satisfaz, nem justifica, nem illiba; sentença do acaso; parada de vidas no azar da morte; sangue derramado *por ordem* de uma sociedade que tem justo horror á pena capital e a risca dos seus codigos; e san-

gue derramado inutilmente, porque nem a morte do offendido é reparação para si ou lustração para as torpezas do offensor, nem a morte do miseravel póde santificar a sua memoria ou recompor as desgraças de que foi causa. Que logica a da sociedade, que se revoluciona contra o principio absurdo da vindicta social como pena, e promove, e incita, e instiga, e determina, a vindicta particular como justiça! Que logica a d'esta sociedade, illustrada e illustre, boa, honrada e sobretudo briosa, que, offerecendo ou retirando a mão, decreta um sacrificio, faz uma victima, e no dia seguinte ao da execução iniqua pretende recusar uma esmola á viuvez e á orphandade, que são obra sua!

E que ha de fazer o homem, ainda o que assim pensa, quando um dia a sorte inexoravel lhe ordenar o sacrificio das suas opiniões e sentimentos? Ou bater-se com o seu adversario, ou lutar com a sociedade! Cruel dilemma que ha poucos dias ainda a cidade de Lisboa encontrou escripto com sangue generoso num dos seus mais formosos suburbios!

José Julio de Oliveirà Pinto, homem de profundo talento, de solida instrucção, e sobretudo funcionario de inquebrantavel honradez, viu-se forçado a sacrificar aos psêudo-brios de uma selvageria engommada as suas profundas convicções, e os seus mais acerbos desdens por esta deploravel anomalia das nações cultas; a propor um duello de morte; a tomar duas pistolas nas mãos que nunca souberam manejar outras armas que não fossem

a penna e os livros; e a esconder-se na valla da morte das vaias da sociedade!

E pasma sinceramente a Europa da festa dos *costumes* na côrte de Dahomé!... Estes *costumes* nossos ficarão muito distantes dos da costa da Mina?...

A morte de José Julio foi uma perda nacional. Não tem este paiz tanta sobejidão de illustrações que possa malbaratar existencias como a d'elle.

A poesia tambem tem a sua acção pratica e social; póde ser astro ou raio, alumiar ou fulminar. Da altura do ponto culminante onde vive não olhe só para cima ou para o largo: dirija as suas vistas ao coração dos povos, falle-lhes, eduque-os, melhore-os.

Eu, enquanto podér, trabalharei; conversarei com a minha lyra enquanto nella restar uma corda, e um sentimento em mim. É este o meu prazer e a minha necessidade. Pois que hei de eu fazer se não for isto? A nossa sociedade mesmo não consente que um poeta seja para mais. Inda que o poeta se chame Lamartine, deixa-se morrer pobre e solitario, como um reptil que espreita o sol de Deus nas ruinas de um velho palacio que ninguem quer! Sublime precito do genio! do genio, o mais imperdoavel dos crimes que podem assombrar as mesquinhas individualidades das maiorias omnipotentes! Por isso elle exclama da sua angustiosa solidão:

«Eu bem sei que a inveja e a mediocridade, que tudo querem rebaixar até ao seu nivel, contestam neste se-

culo a possibilidade do equilibrio entre as faculdades do homem de acção e as do homem de pensamento; mas a historia de todos os seculos e de todos os paizes protesta contra este conceito. Moysés, David, na Judéa; Confucio, na China; Mahomet, na Arabia; Solon, Demosthenes, na Grecia; Scipião, Cicero e Cesar, em Roma; Dante e Machiavel, em Florença; vinte homens de estado historicos, a um tempo grandes oradores, grandes escriptores, grandes coragens, attestam a compatibilidade perfeita da acção com o pensamento . . . Dividir o homem em dois, é querer cabeças sem braços, ou braços sem cabeças . . . Deixemos pois a inveja e a mediocridade consolarem-se da sua impotencia, mutilando as naturezas generosas; deixemol-as, que serão sempre esmagadas todas as vezes que nascer um homem verdadeiramente grande, e uma posteridade justa para o julgar.»

Homens como Lamartine têm realmente direito de se queixar; comtudo eu mais quizera que elle deixasse esse cuidado ao presente que o admira, e á posteridade que o ha de vingar.

O homem superior obriga as suas lagrimas a voltarem dos olhos ao coração, e não as deixá cair no papel em que escreve; só se as não chora por si.

Não tenho outra ambição mais que a de ser poeta; é uma grande ambição, mas eu confesso-a. Ter os meus *otia tuta* numa quieta mediania, por bem modesta que seja, no meio das agrestes paizagens da nossa Beira.

onde me conhecem algumas arvores plantadas por nossos paes! . . . Se a sorte me consentisse o que lhe peço, com que suave tristeza eu sentiria cerrar-se-me os olhos para o meu ultimo somno!

Nesta poetica solidão d'onde lhe escrevo, debaixo do mesmo tecto onde habitou Garrett, cuja sombra veneranda e aureolada vem conversar commigo, pelas horas mortas da noite e trazer-me uma ou outra das suas *folhas*, viçosas sempre apesar de *caidas*, eu sinto mais do que nunca a necessidade de fugir da vida publica e voltar ás amenidades da natureza e ás consolações da poesia.

Tenho a dois passos a risonha e ampla bahia de Cascaes, vejo d'aqui o mar a perder-se de vista, e todo constellado de vélas, estrellas cadentes do oceano a cruzarem-se em todas as direcções; vejo das verde-escuras aguas da bahia erguerem-se aqui e alem borbulhões de escuma, como se golphinhos de prata surdissem em rebanhos, e corressem, corressem, sumindo-se de repente, porque outros após elles surdiram e os vem perseguindo ao longe! . . . Como eu me fico horas preso á melancolia d'aquelle monotono brinquedo, deixando correr a phantasia,

«longe por esse azul dos vastos mares»

até encontrar o céu alem no extremo horisonte!

Como chego a invejar a sorte do pescador aventureiro que ao pôr do sol deixa a praia, murmurando a sua canção, do mar e de Deus sómente ouvida, para se ir fundear ao largo, tendo a leste os dois pharoes da barra, a noroeste o de Nossa Senhora da Guia, por cima os pharoes de estrellas! — a providencia que o vigia do céu e da terra.

E quantas vezes não vou eu visitar as fendidas fortalezas que estão atalaiando a bahia desde a cidadella de Cascaes até á torre de S. Julião da Barra, como um collar glorioso de condecorações guerreiras? e quantas não fico em silenciosa contemplação, quando, ao descaír da tarde, me apparece o venerando busto de um veterano sobre o parapeito do seu forte; memoria moribunda da nossa historia guerreira; tendo, por fundo, o mar... que foi nosso; por pedestal, um torreão asseteirado; e, por brazão, o escudo gasto das quinas?...

Mirra-te ahí solitario, pendido goivo das ruinas, e que as auras do mar nos tragam enquanto vecejas os teus aromas de gloria!

Todo este silencio tem vozes para mim e me acorda na alma a poesia melancolica e suave que é todo o meu enleio e delicias. Scismar é a minha sina; o extasis, a minha poesia.

O homem publico é o homem de todos; como ha de elle ser de si?

Meu querido Henrique: se eu verei realisado o meu sonho, e se, no remanso do nosso lar, eu poderei dizer



um dia como M. Alexandre, o poeta querido de Lamar-  
tine?:

«Dans ces bois où j'allais écouter l'infini,  
Comme l'oiseau chanteur j'ai su bâtir mon nid;  
Mon cœur dans le retraite où sa fierté l'enchaîne  
Repond à d'autres voix qu'à celle du grand chêne,  
Et les fleurs du désert, les torrents, le ciel bleu,  
Les lacs, ne sont pas seuls à me parler de Dieu:

.....  
Le portrait de ma mère est là qui nous sourit;  
Je sens autour de nous rayonner son esprit;  
Durant les entretiens, les jeux de la soirée  
Je consulte du cœur cette image adorée,  
Sachant bien qu'elle assiste et protège ici-bas  
Le père en ses travaux, les fils en leurs ébats!»

Estoril, 1 de julho de 1867.

*Thomaz Ribeiro.*





A DELFINA DO MAL





# INTRODUÇÃO

Si vales, bene est.  
CICERO.

Meu Adelino, os annos d'alegria  
que nós passámos nesta pobre terra,  
ora em sonhos d'ardente phantasia,  
ora a caçar co'os nossos cães na serra,  
ora a pescar nas presas do *Pavia*,  
ora a talhar do mundo... a paz e a guerra.  
saudades te farão de certo, amigo!  
Eu tenho immensas d'esse tempo antigo!

Eramos tres, só tres, e essa trindade  
 valia para nós o mundo inteiro.  
 Onde existiu mais pura outra amizade?  
 affecto mais leal? mais verdadeiro?...  
 Ó aurea juventude! ó mocidade!  
 ó sonhos d'um passado feiticeiro!  
 enchei-me o peito vão d'essas memorias,  
 que valem mais que as ambições de glorias!

Eramos tres; é justo que não fique  
 na ingrata solidão do negro olvido  
 o meu pequeno irmão, o nosso Henrique;  
 assomado, amavel e querido;  
 generoso no amor, prompto ao despique;  
 ora a chorar de pejo, ora aguerrido;  
 fronte adoravel, fronte aterradora!  
 semi-selvagem e semi-senhora.

Quando em noites de estio, e lua cheia  
 da fadiga febril nos intervallos  
 sonhavam os tres longe da aldeia  
 amores, e viagens, e regalos,  
 ao irmos pôr em obra a nossa idéa...  
 tinhamos magra bolsa e maus cavallos!...  
 Caíamos dos céus da alta poesia  
 na mais austera e chã philosophia!

E quando n'alta noite, veladores,  
 no aposento commum do salão velho,  
 que não tinha de ornatos e primores  
 mais que... o forro a cair e um gasto espelho,  
 deixavamos o leito e os cobertores  
 para nos agruparmos em conselho!...  
 Quem nos visse da mal cerrada porta  
 à luz da lamparina semi-morta,

vira um grupo, formoso, na verdade,  
 de tres inoffensivos nigromantes;  
 pés nus, com patriarchal simplicidade:  
 lençoes, fingindo mantos roçagantes!...  
 Ai! sorrira-se ao ver a mocidade  
 pintada nos imberbes tres semblantes  
 dos mais serios assumptos decidir:  
 Deus, caça, gloria, amor, pesca e porvir!

Lembram-me os teus amores tão violentos;  
 paixões malbaratadas tão sem tino!  
 tuas noites de insomnias e tormentos  
 maldizendo o teu ser e o teu destino!  
 e só porque os teus olhos tão ciumentos  
 viram... o que não viram, Adelino!...  
 Hoje tu proprio ris do que então era!...  
 Ai! quem nos dera a febre e a primavera!

As montanhas da *Vide*, as da *Laccira*,  
 o *Monteiral*, o *Crasto*, a *Domindinho*,  
 a *Castainça*, as lombas da *Ortiqueira*,  
 a *Labor do cordeiro*, o *Salgueirinho*,  
 a *Leira das meninas*, a *Regueira*,  
 a *Faifa*, a *Corredoira*, o *Pe-pedrinho*,  
 já não sabem d'alegres vozerias,  
 do estrondo festival das montarias!

Tudo lá vac, tudo morreu! A esp'rança  
 era sonhos, mas bellos, Adelino!  
 Pena quem muito anhela e pouco alcança,  
 mas gosa mais que o preso o peregrino:  
 tem, podre calma, aspecto de bonança.  
 Não é porque eu lamente o meu destino,  
 mas só digo embalado entre carinhos:  
 — Quem me dera o passado e os seus espinhos!

Tres loucos nos chamava a turba austera  
 de mulheres de bem, d'homens prudentes,  
 que sempre estão da vizinhança á espera  
 de censurar amigos e parentes;  
 e nós riamos d'isso! a primavera  
 não teme as intemperies inclementes!  
 nunca invejámos, nunca, a taes creaturas,  
 nem alma, nem juizo, nem venturas.



Tudo acabou; o tempo avaro e frio  
as flores nos levou da mocidade!  
eis-nos da vida no encalmado estio;  
distantes, porém ricos... de saudade;  
queimada a mente; o coração vasio;  
eu, deputado; tu, auctoridade;  
o nosso Henrique, abbade austero e serio,  
amparo de seu pae num presbyterio.

Olha o correr do mundo e o das venturas!  
olha o mudar dos tempos e dos annos!  
olha o paiz dos sonhos e loucuras,  
como o doira a saudade e os desenganos,  
agora que da vida nas agruras  
colhemos da experiencia os dons e os damnos,  
e de braços cruzados sobre o peito  
já temos seria a fronte e triste o aspeito!

Não somos velhos, não! mas, como os velhos,  
apraz-nos já fallar d'antigos feitos;  
ninguem nos pede adagios, nem conselhos,  
mas já vamos a elles sendo atreitos.  
Memorias são os unicos espelhos  
a que os velhos se miram satisfeitos;  
imitemol-os, pois: escuta, amigo,  
vou-te fallar do nosso tempo antigo.

Noites de inverno e noites de uma aldeia  
 só passadas em torno da lareira:  
 ao pé do velador e da candeia  
 muita fresca aldeana fiandeira;  
 e depois de comida a alegre ceia,  
 e de arrumada a loiça e a cantareira,  
 muitos contos ao lar; muitas cantigas!  
 Oh! como se está bem com raparigas!...

Senta-se no seu throno de monarcha .  
 — velha, nobre cadeira de pau santo —  
 o chefe da família, o patriarcha!  
 differe... em ter capote em vez de manto;  
 couchega-se alem mais na borda da arca  
 o engelhado hortelão mettido ao canto,  
 afagando no collo um nedio gato,  
 contando historias e enxugando o fato.

Se te agrada este quadro, e se desejas  
 fallar do que lá vae, num lar amigo,  
 deixa o concelho e a casa; oh! não, não sejas  
 preguiçoso esta vez: vem ter commigo  
 á habitação de paz que tanto invejas, —  
 ao nosso franco, abbacial abrigo;  
 bem sabes que a nós dois, para a *trindade*,  
 falta o *padre!* busquemos pois o *abbate*.

Eis completo o *mysterio*: eis-nos reunidós  
na velha residencia de *Silgueiros*.

Uivam lá fóra os lugubres mugidos  
do vento, dos caudaes, dos aguaceiros,  
mas reina a paz no lar. Almas e ouvidos  
para mim sejam só, meus companheiros!


Da *Delfina do mal* guardaes memoria?

Preparae-lhe uma esmola, e ouvi-lhe a historia.






CANTO I



A CAÇADA





# CANTO I

---

## A CAÇADA

Tremei, gandaras e montes!  
ó feras, fugi! fugi!

A. F. DE CASTILHO.

Não têm leões temerosos,  
nem tigres crueis, as Beiras:  
raros javardos cerdosos,  
veados, corças ligeiras,  
répastam nos seus montados;  
mas têm por milhões contados  
pardos coelhos medrosos  
e perdizes chocalheiras;  
têm nos valles paludosos

patos; lebres, nas clareiras:  
e nos sêrros pedregosos  
quantas raposas matreiras!  
Nada mais... ou pouco mais;  
mas se para altas memorias  
de soalheiro e serões  
nos faltam tigres reaes  
e carrancas de leões,  
como têm os orientaes  
em romanescas historias,  
isto dá fastos e glorias  
aos caçadores beirões!

O caçador é selvagem,  
solitario rei das brenhas;  
o mato, os sêrros, as penhas,  
são seu mundo e paraíso:  
nunca repara que a aragem  
lhe traz um canto divino!  
que a aurora lhe manda um riso!  
que um rouxinol na ramagem  
lhe está modilhando um hymno!  
nunca os seus passos retarda  
o enlevo d'uma paizagem!  
nunca descança, nem cança!  
tem um amor — a matança!  
tem um encanto — a espingarda!  
uma familia — os seus cães!



Não lhe encareçam na terra  
outro paiz mais que a serra,  
outra ventura, outros bens!

Matar o que é fraco e foge,  
ou geme ferido ou preso!  
triste vivente indefeso,  
que tem seus filhos e amores!  
que tem as pedras por cama;  
por mantimento, umas flores;  
por coberta, humilde rama;  
rara cova em que se aloje,  
e em que elle se alberga hoje  
para fugir ámanhã!  
Caçadores do occidente!  
e arvoraes vaidosamente  
trophéus d'uma gloria vã?!

Que vem roubar-vos á horta  
o coelho cauteloso?  
um pobre talo mimoso...  
uma herva apenas vos corta!  
Que furta a perdiz da encosta?  
um grão de trigo ou cevada,  
que ao segador nada importa  
porque o deixou na resteva,  
ou que a leiva mal composta  
não quiz cobrir na vessada:

ahi tendes o que vos leva!  
tristes miserias d'um nada!

E só por isto, insensatos,  
farejaes de vall' em vall'  
o rasto, a penna, a pennugem,  
que ficou presa nos matos?  
genios selvagens do mal!  
por isto os tiros estrugem  
os maninhos e os reguengos,  
e os echos dos arredores  
repetem de serra em serra  
brados de dez caçadores,  
latidos de cem podengos?!...  
Grande gloria em grande guerra!

Por isto roubaes a vida  
a quem Deus a concedêra?  
aos solitarios dos montes,  
que sonham junto das fontes,  
e brincam co'a primavera!  
que são as glorias do prado!  
as alegrias da selva!  
que sabem fallar co'as flores,  
e acarinhar seus amores  
sobre tapetes de relva!?

Por isto... não é, de certo!

que fôra a vingança estulta,  
vergonha da Europa culta,  
gloria aos leões do deserto!

Como descêra na escala  
o velho mundo, que ousava  
fallar dos tigres de Java,  
das pantheras de Bengala...  
Ahi tendes caça formosa!  
eia, valentes! ás feras!  
caça aos tigres e ás pantheras!  
Quando a fome negra os rala,  
todo o bosque ondeia e estala,  
como se horda de gigantes  
lhe mettesse hombros possantes.  
Uivando sinistras vozes,  
trava-se combate horrendo  
entre hecatombes ferozes!  
vende-se vida por vida!  
silvam-se injurias estranhas!  
cada garra contraída  
traz restos quentes d'entranhas!

Esta luta, sim! dá gloria,  
e ha trophéus no desbarate!  
não é de açougue! — é combate!  
não é matança! — é victoria!

Em honra á nossa pujaça  
e aos nossos feitos valentes,  
não matâmos fracos entes  
por gloria, nem por vingança.

Negro instincto carniceiro,  
que cheira a escravos e a feras,  
já nos vem d'antigas eras,  
e faz — o hespanhol, toireiro,  
e o portuguez, caçador;  
o inoffensivo carreiro,  
algoz dos seus mansos bois,  
e carniceiro, o pastor.

Inda corre em nossas veias  
sangue desencadeado  
das raças crucis de heroes.

Vem-nos dos circos de Roma  
os instinctos sanguinarios;  
dos crescentes de Mafoma,  
e das phalanges do norte;  
vem dos elmos dos templarios,  
filhos de Christo e Mavorte!  
de tantos frades guerreiros  
de lanças e breviarios,  
de matinas e batalhas,  
cujo mosteiro... era um forte  
de oratorios e muralhas!

.....  
 .....  
 Inda os reis usam de espadas!...  
 nem que os povos fossem feras!...  
 Emblemas da tyrannia!  
 herança da barbaria!  
 maculas de longas eras,  
 que inda o manso christianismo  
 não conseguiu ver lavadas  
 nas aguas do seu baptismo!

—  
 Vae nos montes da *Vide* e da *Ortigueira*  
 o estrondear festivo da caçada.  
 Robustos e gentis filhos da Beira,  
 d'olhos de fogo vivo e tez crestada!  
 de dia, açoites dos altivos montes,  
 á noite, orgulho, em salas e serões,  
     das beirôas travêssas!  
 correi, filhos dos largos horisontes!  
 voae de sêrro em sêrro! eia, beirões!  
 hoje o dia é feliz: já cem cabeças  
 vos pendem dos sangrentos cinturões.  
 Bradae, bradae aos cães; o brado estruge  
 pelos concavos seios da montanha;  
 em baixo, o rio brama, chora e muge

em catadupas mil.

Quando um tiro resoa, ouvem-lhe a sanha  
os pacíficos echos dos algares,  
e lá vão acordar, rasgando os ares,  
as amplas, magestosas solidões.

Serpeia, sulca os matos a matilha  
arquejante, febril,  
como um jacto de raios sulca os ares,  
quando as nuvens d'abril  
rebentam em trovões!

Ó delírio! ó caçada! ó meus beirões!

Olhae! vêde os meus guapos caçadores;  
vêde-os na faina; vêde-os na canceira!

a matilha anda accesa,  
tudo é tiros, latidos e clamores!

Um, lá traça a espingarda em bandoleira  
para descer á cova onde o coelho

entrou *furtado*

a fugir da matilha e do silvado.

Outro, co'a ponta da arma o tojo arreda,  
para seguir de perto em linha incerta,

mastim que vae latindo na vereda

de coelho fugido; e attento, e alerta,

ora corre veloz... ora se esconde

e pára!... e escuta!... e se levanta!... e grita!...

late de novo o cão? retoma a trilha!

vôa de sêrro em sêrro e o braço agita,  
chamando os companheiros e a matilha.

Um tiro parte... errou!... segundo tiro!...  
mais um!... mais dois!... prorompem os clamores  
dos echos, dos mastins, dos caçadores,  
pela immensa amplidão dos horisontes,  
como se um furacão minasse os montes!

— «Abaixo, cães! *Leão! Raio! Vampiro!*»

(e á voz seguia o silvo do assobio)

— «Lá desce encosta abaixo! *Aguia! Vulcano!*»

— «Toma a vinha!»

— «Lá vae direito ao rio!»

— «Albano! vae ferido! atira, Albano!

aponta! mede-o bem!»

Ouviu-se um tiro,  
e tudo se calou. Após momentos  
ouviu-se alguém dizer:

— «Dá cá, *Vampiro.*»

Chegára a turba alegre ao pé d'Albano,  
que olhava para todos triste e absorto.

— «Poeta, aceita os nossos cumprimentos.

Sem querer offender-te, ha mais d'um anno  
que não matas coelho tão bem morto.»

— «Creio que não, Ricardo.»



— «Mesmo agora,

pois minha lingua o manda, e é meu destino  
quanto sei revelar-te e quanto sinto,  
temi que lhe atirasses, em má hora,  
em vez d'um tiro, um verso alexandrino,  
que, embora regular nos hemistichios,  
te não desse o prazer... de o pôr ao cinto.»

— «Pois vê como te enganas, fallador;  
ao ver como dos cães vinha acossado,  
fôra por mim este coelho errado,  
se não fosse um poeta o caçador.»

— «Então, para o remate d'uma estrophe  
querias esta rima?»

— «Certamente.»

— «Qual era o teu assumpto?»

— «A humanidade.»

— «O theatro da scena?»

— «Alem!»

— «A Ucha?!»

— «Justamente.»

— «O teu heroe?»

— «A pobre da *Sagucha*.»

— «Ora até que entendi! e isto consola,  
comprender-te a final:

este coelho vael-o dar de esmola

à *Delfina do mal*.

Olha se vês a filha, e aponta um verso  
aos seus olhos crueis e matadores.



Ó poeta! poeta!... és um perverso!  
Adeus! vou-me reunir aos caçadores.»

Ricardo, o fallador, julgae-o embora... um louco;  
mas não, não lhe negueis o amor, a compaixão;  
quanta palavra insonte apenas mancha os labios,  
e nem da mente vem, nem vem do coração?

Ricardo partiu, e Albano  
sobre o rochedo ficou;  
ia afastar-se *Vampiro*,  
mas olhou, viu-o, voltou.  
Sobre o cano da espingarda,  
que inda quente fumegava,  
Albano o braço poisou.

Scismava...

Com seu olhar triste e fundo,  
vago, inquieto, vagabundo,  
se via a Ucha, tremia;  
se olhava o monte fronteiro  
e em baixo o rio palreiro,  
sorria, tão contrafeito,  
como quem disfarça o pranto;  
se o fitava no infinito,  
nos labios prendia um grito  
que lhe fugia do peito.

Tirou do seio uma carta,  
e era de ver com que horror,  
tremendo, a lia e relia,  
e murmurava:

— «Não tarda!...

pobre Antonio! desertor!  
manchaste a bandeira e a farda!...  
Ai! triste, triste Maria!  
que desventurado amor!»

Porque olhava tanto Albano,  
cabana, céu, rio e monte?  
que procurava, ou que via,  
que tanto ali se prendia?

Na choça via uma velha  
de mãos e pés mutilados  
sentada numas cobertas,  
como o vestido, andrajosas!  
os olhos, de sangue orlados!  
os pés, com chagas abertas!  
as mãos... de costras nojosas!

E chama a gente impiedosa  
(ha de tudo em Portugal!)  
á solitaria da Ucha,  
por medo— a *Mulher do mal*,  
e por alcunha— *Sagucha!*

A pobresinha é leprosa.

Via na encosta defronte  
um longo atalho deserto  
que se recurva no monte  
entre os rochedos aberto,  
e se enovela, e desdobra,  
'té se perder no horisonte;  
e pareceu-lhe que via  
as roscas de immensa cobra.

Cuidou ver... e viu de certo,  
lá bem no cume do oiteiro,  
sob a rama d'um pinheiro,  
sinistro um vulto encoberto.

Seria um lobo esfaimado,  
espreitando traíçoeiro  
tenra cordeira, ou cordeiro,  
que andasse ali tresmalhado?

Seria bandido açor  
que, escondido a testemunhas,  
sobre os rochedos da lomba  
aguçasse as curvas unhas  
para roubar uma pomba?!...

Era Antonio, o desertor.

Via no rio uma presa,  
em que as aguas saltitantes  
descançavam entancadas,  
remanso de curtas horas,  
somno de breves instantes,  
para caírem canoras  
em revoltosa cascata  
d'aljofares e brilhantes  
sobre o seu leito quieto.  
Como um rancho de princezas  
saíndo nuas do banho,  
que sentem rumor estranho  
de viração ou de insecto,  
e fogem do espelho liso,  
que no seu seio as retrata,  
entre harmonias de riso  
para os seus leitos de prata.

Via sobre as mansas aguas  
espesso toldo sombrio  
de loiros, que inspiram brio,  
de chorões, que choram maguas.

Ambas as margens franjadas  
de junça, e de murtinheira  
que se carrega de ninhos,  
e que dá flores ás tranças  
da pastora cantadeira.

e aos peixes da ribanceira  
retintos, negros murtinhos.

Pavilhão regio, onde o rio  
pára um momento, sereno,  
a descansar da viagem;  
oásis ledó, fresco, ameno,  
quebrando o aspecto sombrio  
da parda, agreste paizagem.

Sob as franças da ramagem,  
grato repouso das brizas,  
um eito de pedras lisas,  
onde treze lavadeiras,  
ajoelhadas na folhagem,  
batem as alvas camisas,  
longos lençoes de paninho,  
gravatas, meias, e anaguas  
com entre-abertos e rendas,  
colletes finos de linho...  
tudo, emfim; aquellas aguas  
que digam todas as prendas  
de cada moça aldeana  
que hão de ser vistas na festa  
e procissão de Sant'Anna!  
Todas, não; cada uma d'ellas  
tem dentro da arca dobrado  
lenço do trinque engommado,

ou de seda ou de cambraia,  
que só ha de ser botado  
por cima da nova saia.

Todas riem, todas cantam,  
uma só canta e não ri!  
todas têm luxos que espantam,  
só ella os não tem ali!

É bella! a face, morena;  
o seio, a arfar d'anciedade,  
não diz remorso, diz pena,  
que póde bem ser — saudade.

Tem olhos negros e nobres;  
mas rotos, miseros trajos!  
Parece a pobre entre as pobres;  
geme, canta e lava andrajos.

Sobre as faces maceradas  
volita um rir de quem geme;  
nas roxas mãos enrugadas  
só farrapos lava e espreme.

Ai!... mas lava noutras aguas!  
em presa estreita e mais funda!  
Não querem folhos e anaguas  
contacto de roupa immunda;

e é toda a sua barrêla  
de parches e ligaduras!..  
Quando Deus a fez tão bella  
porque lhe não deu venturas?!

E todas rindo e cantando,  
só ella a cantar... sem rir!...  
E Albano absorto escutando!...  
Vamos as coplas ouvir:

Côro de lavadeiras

— «Batei, lavadeiras! cantae, raparigas!  
que a vida tem risos, a lida, condão;  
os prados têm relvas, as rocas, estrigas;  
de dia, as barrelas, de noite, o serão!»

Maria

— «Eu no céu tenho uma estrella,  
na terra, uma sombra:— a dor.  
Diz-me o rio que sou bella,  
teima que não cada flor.»

Côro de lavadeiras

— «Batei, raparigas, que o linho é de neve,  
de cantos, a aldeia, d'amores, o lar!  
Saudades e penas, o rio que as leve!  
Cantar como as aves! viver é cantar.»

Maria

— «Numa tarde bem formosa  
Deus meu berço visitou;  
mandou-me ser desditosa!...  
a Virgem viu-me e chorou!»

Côro de lavadeiras

— «Lavae, lavadeiras! a festa não tarda!  
que danças, que abraços a festa nos traz!  
que valem as fúrias da mãe que nos guarda  
dos olhos travessos de muito rapaz?!»

Maria

— «Pedi ao prado uma rosa,  
o prado a rosa me deu;  
feriu-me os dedos raivosa  
e de offendida morreu.»

Côro de lavadeiras

— «Batei, raparigas, colletes e anaguas!  
quebrae-me essas pedras, que são de cristal.  
Sois filhas mimosas do sol e das aguas,  
e irmãs d'umas flores que nascem no vall'.»

Maria

— «Pedi a Deus na amargura  
um affecto igual aos meus!...



Quem não pôde ter ventura,  
pedindo-a, entristece a Deus.»

Eis o que, attento e mudo, Albano ouvia e via;  
gemidos entre o riso; entre a alegria, a dor!  
tal em vergel florido, e á luz do meio dia,  
corroe nojoso verme o calix d'uma flor!

Quereis saber o nome áquella desditosa  
que só farrapos lava e só andrajos tem?  
Maria da Sagucha! é filha da leprosa!  
esp'rança, amor, bordão, que ampara a pobre mãe.

.....  
.....  
.....  
.....

Quando Albano olhava os céus,  
patria de eterna bonança,  
junto á virgem via Deus,  
o amor e o poder— a esp'rança.

— — —  
Ía longe a montaria;  
apenas de espaço a espaço  
vinham quebrar-se na encosta

os echos da vozeria.

*Vampiro* erguia a cabeça,  
e via seu dono absorto!  
d'um lado, uma arma vasia;  
e do outro, um coelho morto.

E os esplendores da tarde  
iam já deixando a terra;  
ao longe o sino da aldeia  
repicava: Ave Maria!  
Surgia, pallida e bella,  
do nascente a lua cheia  
sobre os penhascos da Estrella!

Absorto em lutas estranhas  
à voz do sino acordou  
o scismador das montanhas,  
e descobriu-se, e rezou.

Pouco tempo depois, noite fechada,  
entrou, saltando, a porta da cabana,  
venturosa, risonha, altiva, ufana,  
a filha da Sagucha:

— «Mãe! mãe! se tu soubesses a ventura  
que venho annunciar-te,  
ó minha mãe! havias de alegrar-te.

Aqui fóra, aqui mesmo ao pé da Ucha,  
 deu-me o senhor Albano este coelho  
     tão grande, gordo e velho,  
 que dá para um banquete de princeza.»

— «Oh! sim?! deixa-m'o ver!»

— «Tem mais d'um anno;  
 vaes ver; tenho a candeia quasi accesa...

Olha!»

— «Tudo é por Deus! bem haja Albano!»

— «Bem haja! Escuta o resto: Alem, defronte,  
 vinha descendo agora para o rio

    um vulto de rapaz;

parei, parou!... tremi! O vulto... O monte,  
 mesmo com ter luar, era sombrio.

Julguei que um lenço branco me acenava!  
 fugi, contente e a rir, mas sem que atraz  
 volvesse os olhos mais; ria e chorava!...

    que medo e que alegria!

Quando o senhor Albano achei lá fóra,  
 dei um grito e corei, como se um crime  
     houvesse commettido!...

—Boas noites, senhor!— e ao dizer isto  
     soluçava e tremia!

—Boas noites, Maria.—

Depois disse-me triste e commovido:

—A voz do coração não se reprime.

Nem sempre um anjo bom vence o demonio!

Leva esta esmola a tua mãe. Adeus.

Sabes quem vem descendo aquelle oiteiro?—  
Tremi...

—Não conheceste acaso Antonio?—  
Tinha-m'o dito o coração primeiro!  
—Conheci— disse. E agradei aos céus!»

—«Ó filha, abraça-me, filha!  
Viste-o? é elle? viste-o bem?  
Compõe-me o lenço, a mantilha,  
quero agradecer-lhe tambem.

Varre a casa, accende o lume,  
e vae fazer-te uma flor.  
Olha, o ingrato nem presume  
que nos deve tanto amor!

Ai! o teu lenço tão velho!...  
Tens os pés roxos e nus!  
Alisa o cabello ao espelho...  
É tão mortíça esta luz!..

Bem hajas, Virgem! Senhora  
do mar, da terra e dos céus!  
tenho dois filhos agora!...  
Seja pelo amor de Deus!»

Emquanto esta alegria a choça povoava,  
emquanto o pobre lar saudava o firmamento,

á branca luz da lua Albano assim fallava,  
pallido, a meia voz, e Antonio ouvia attento:

— «Puro amor te espera, Antonio,  
em dois peitos que são teus;  
e na alma que se abre a Deus  
não deve entrar o demonio.

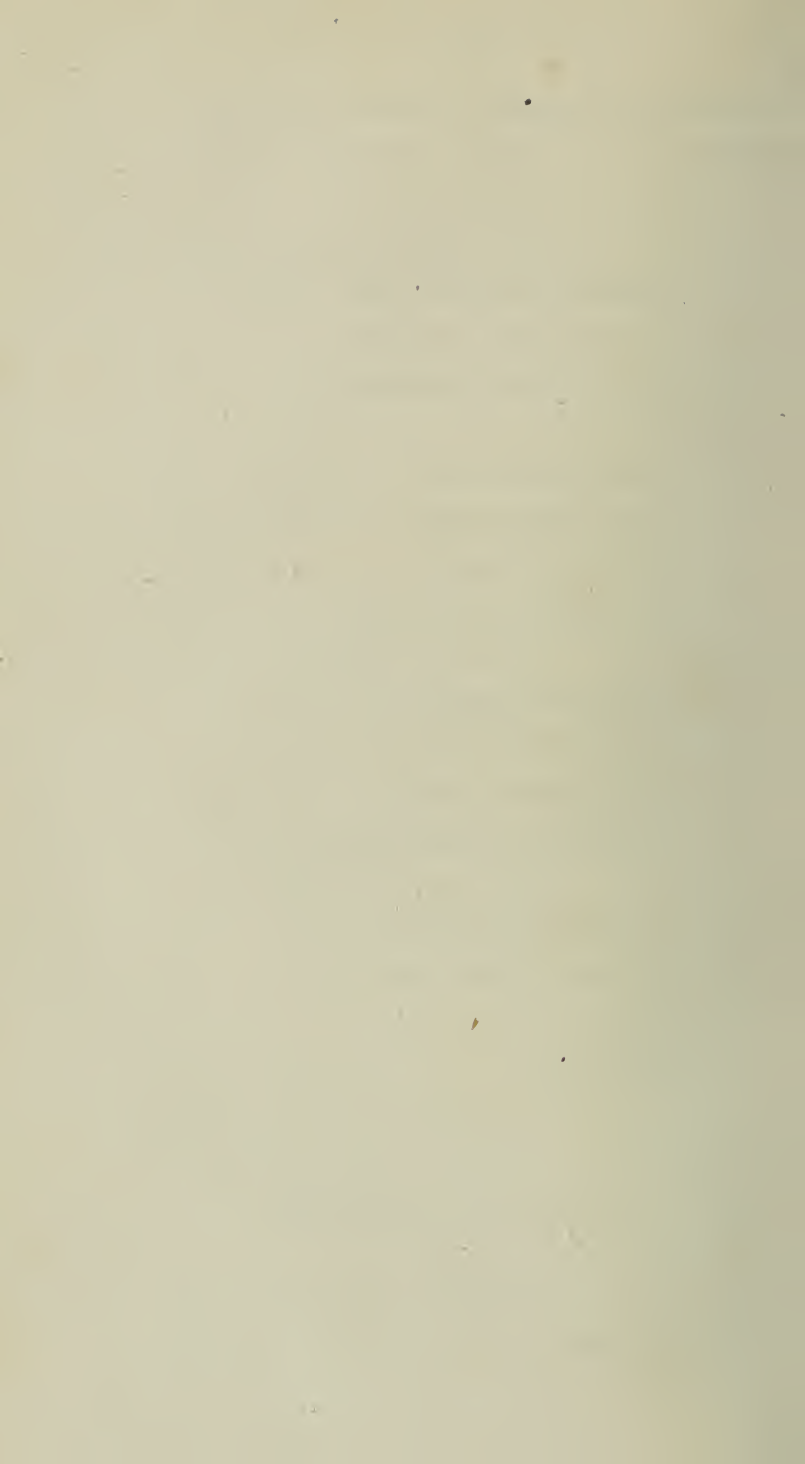
A pobre velha, tu vês,  
se lhe roubassem Maria,  
de fome e sêde morria,  
que já não tem mãos nem pés.

Se tal for tua maldade,  
á triste Mulher do mal  
crava no seio um punhal!  
Sê ladrão, mas tem piedade!»

— «Porquê me insultaes, senhor?  
ha crime em querel-a e amal-a?  
Sabeis que vou desposal-a,  
sabeis...»

— «Sei que és desertor.

Já vês que as muitas cautelas  
não serão de mais aqui;  
toma conta! olha por ti...  
que eu hei de velar por ellas.»





CANTO II



A UCHA







## CANTO II

—

### A UCHA

Quomodo sedet sola!...

JEREM.

Beirões! é justo que saiaes das terras  
que vos viram nascer, e é tempo agora:  
o sol d'outono esplende e se namora  
nas doiradas folhagens d'estas serras  
e nas aguas do rio transparente  
que murmura entre as vinhas e se esco  
de cachões em cachões;  
a estrada é larga e bella! Eia, beirões!  
à travêssa Coimbra! á grã Lisboa!

Já não ha que temer  
de serras e bandidos;  
Vizeu, sae d'esses muros denegridos  
que te deu Viriato! O açoite echoa;  
os cavallos contorcem-se engatados;  
o conductor espera... Eia, morgados!

Sus, sus, formosas filhas do Pavia,  
que sois chamadas —bellas— por tão longe!  
vinde todas! é grata a romaria!  
Só, vive o crime, o desditoso e o monge.

A Coimbra! a Coimbra! a estrada é bella!  
que pittorescas regiões serpeia!  
d'um lado, o Caramulo; do outro, a Estrella;  
e defronte, o Bussaco, o solitario  
altar de Deus e tumulo da França,  
que no silencio e na mudez descança;  
que esconde no seu bosque o seu mosteiro  
deserto, aberto, vão! como o sacrario  
d'onde roubaram vaso e pão sagrado.  
Tal guarda o amor na ausencia uma alma terna;  
tal guarda o cão fiel sepulchro amado.

Sobre as cristas da Estrella, a neve eterna;  
no Caramulo negro, o eterno fumo.  
Ali, relvas, rebanhos, pegureiros,  
fallam de Braz Garcia e Viriato;

aqui, de cada oiteiro erguido a prumo,  
serranos, caçadores, carvoeiros,  
mostram aos pés do sêrro escuro e ingrato  
o florido pomar dos seus Besteiros!

De toda a parte a magestade, a gloria,  
que se aprende nas folhas d'uma historia,  
que ao neto ensina o avô; ao rio, a fonte;  
que, se esquecer ao plaino, lembra ao monte.

No meio d'este abraço de gigante  
que cerram as montanhas do horisonte,  
de passo a passo o variar constante  
de hortas, jardins, florestas e pomares,  
horisontes, e climas, e estações,  
terrenos, perspectivas, aguas e ares,  
e as mudanças de trajés, de linguagem,  
de character, costumes, condições,  
prestam vivos esmaltes á paizagem.

Chegando junto á ponte da Ortigueira,  
demorae-vos um pouco, viandantes,  
na solitaria ponte;  
refrescae-vos nas aguas d'essa fonte,  
e descançae á sombra feiticeira  
de seus myrtos, roseiras e chorões,  
que tendes de subir longa ladeira.

Subi. Achaes no solitario monte  
uma choça de taboas triste e pobre,  
e nella, ou junto d'ella, o cantoneiro.  
E, se olhardes d'ali para defronte,  
rio abaixo, vereis que se descobre  
no fundo, na raiz d'ingreme oiteiro,  
em profunda garganta de montanhas  
onde o rio passou, minçando um sêrro,  
outra mais pobre choça... antes — caverna! —  
de rocha negra e tecto de colmeiro.

Uma noite fatal, nesse desterro,  
fabricaram os genios da vingança  
essa masmorra, esse infernal encerro,  
onde o não visse Deus, o mundo, a esp'rança!  
lançaram fogo em torno ao bosque e ao mato,  
arrancaram a hervinha da ladeira,  
para que o solo nu, crestado, ingrato,  
afugentasse a moça cantadeira  
e os pastores! mas Deus, que tudo vê,  
por indignado, semeou-lhe ao pé  
a mais viçosa e fresca laranjeira!

Rara vez, rara noite, um fumo tenue,  
bafo, signal de vida em casal ermo,  
sae, quebra e se condensa em torno á choça!  
tal como um véu de crepe enluta e encobre  
um rosto macerado e um seio enfermo.

Ali não soa um echo! um riso! um ai!

nem blasfemia, nem prece!

O sol, o pae dos pobres, se ali dece,  
quasi sempre nublado e mal distincto,  
vê, alumia, chora!... não aquece  
a mudez tumular d'este recinto.

Aqui tendes a *Ucha*.

Ha já dois mezes  
que passaram as festas de Sant'Anna;  
todos folgaram muito! oh! quantas vezes  
se falla inda nas festas!... A cabana...  
o esquife da leprosa, esse faz dó!  
roubou-lhe... tudo! tudo! um desertor!  
roubou-lhe a filha, o seu amparo e amor!  
e a leprosa ficou... mais morta! — só.  
Eis porque este silencio tão gelado!  
este luto que ensombra o monte e o prado!  
esta dor sem chorar que faz horror!

Sentada entre a porta aberta,  
à branda restea furtiva  
do pallido sol d'outono,  
vê-se a leprosa Delfina...  
entre dormente e desperta,  
entre a insomnia, o sonho e o somno.

Uma vez, a face inclina  
 para sobre os seus joelhos,  
 outra, a levanta e murmura,  
 e entre-abre os olhos vermelhos...

.....  
 .....

Deus, que horror! ai! como a lepra  
 corroe, come, encrusta, enruga,  
 cutis que foi tão formosa!  
 como absorve, como enxuga  
 a seiva d'uns labios bellos!  
 e como cresta e cobreia  
 faces que foram de rosa,  
 e amarellece os cabellos!  
 e como retorccc, esmaga,  
 e devora lentamente  
 dos pés e das mãos os dedos,  
 essa escondida serpente,  
 sem lhes abrir uma chaga!  
 e amortece uns olhos ledos  
 dentro d'essa orla de fogo  
 que nas pupillas reluz  
 e que as palpebras inflamma!  
 carvão ardente sem chamma!  
 ferro candente sem luz!...

.....

E após estragos enormes,

á victima consumida,  
 para horror da natureza,  
 deixa... fragmentos informes,  
 de braços, que não têm vida!  
 de pés, que não têm firmeza!

.....  
 .....  
 .....  
 .....

Mal atado na cabeça  
 sobre o revoltó cabello  
 tem velho lenço de seda  
 que o fumo fez amarello.

Aos hombros... Onde ha pincel  
 que possa pintar seus trajos?!  
 capoteira... de... burel...  
 de pellucia... de boeados!  
 disforme andrajo d'andrajos!  
 e todos dilacerados,  
 vis, esqualidos, pendentés!  
 porque o monstro da miseria  
 tem fome, e garras, e dentes.

Tem, a guardar-lhe uma chaga  
 d'um calcanhar todo em sangue





A saia era a consciencia!  
 ali, cada remendo era um espelho  
 a que a fatua excellencia,  
 a ignara sociedade,  
 podia ver o rosto seu disforme  
 e tremer da verdade!  
 A saia... Era um poema  
 aquelle andrajo enorme!  
 farda de gala e dó  
 dos corpos da indigencia!

o = *benedictum nomen Dei* = de Job!

o = *Mane—Thesel—Phares* = da opulencia!

A saia era um brasão  
 a retratar no escudo esquadrelado  
 as guerras, os trabalhos, a nobreza  
 d'uma grande nação...  
 da maior das nações! povo emigrado,  
 que se chama *pobreza!*  
 nomada, cuja patria é o mundo todo!  
 párea da sociedade, cuja mesa  
 são as pedras da rua! e a cama—o lodo!

A saia era um pendão  
 que a desgraça hasteava alto, bem alto,  
 ao pé das fatuidades da grandeza,  
 para seu vilipendio e seu baldão.

.....

.....

A saia pois que a veste  
 é a alva do precito;  
 tem cheiro a funeral  
 e lembra o sambenito.

Eis a *Delfina do mal*,  
 sentada entre a porta aberta  
 á branda restea furtiva  
 do pallido sol d'outono,  
 entre dormente e desperta,  
 entre a insomnia, o sonho e o somno.

Vêde-a... Ó Deus! que sonho a agita?  
 que pensamento a persegue?  
 Agora, um espectro evita!  
 logo, a funda magua entregue,  
 a soluçar tristemente,  
 immerge em lethal quebranto,  
 e deixa pender a frente!  
 e deixa correr o pranto!

.....

Murmura!...

.....

Ouvi-a:

— «Ai! se inda me vivesse o meu querido Bento,  
 seria o meu amparo! o meu bordão seria!  
 O filho da minh'alma, ouvindo o meu laménto,

viria socorrer-me! Embora tu, Maria,  
 cega por amor impuro...  
 indigno amor!  
 me deixasses, sem cuidares  
 dos meus pezares,  
 da minha dor!

Deixa-se assim quem nos cria  
 entre beijos e caricias,  
 que são na terra as primicias  
 do amor celeste?!...

Olha para ti, Maria!  
 que me mataste!  
 que te perdeste!...

Foge, Antonio! longe, ai! longe!...

.....  
 Deixarem a morta em vida  
 neste sepulchro escondida!  
 só!... tão só co'a sua magua!  
 sem pensares, tu, Maria,  
 que tua mãe não podia,  
 neste paiz tão alpestre,  
 colher um fructo silvestre,  
 encher uma bilha de agua!

.....  
 .....

Querer fallar, e assustar-me  
 o accento da minha voz!  
 Querer andar, e arrastar-me  
 como a serpente na brenha!  
 Ver a dois passos o mato,  
 sem ter um feixe de lenha!...

Ai, Maria!

ninguem no mundo presume  
 quanto, em noite humida e fria,  
 me doe chegar-me á lareira,  
 sem ter quem me accenda o lume.

.....

.....

Só tu, Deus, Senhor, que habitas  
 o teu céu azul sem termo,  
 lanças vistas de bondade  
 ás solidões do meu ermo!

Só tu me guardas do vento,  
 me abrigas da tempestade,  
 e, por mão da caridade,  
 me dás conforto e sustento.»

.....

.....

Que dor aquella! que martyrio intenso,  
curtido assim, na solidão! no olvido!...  
Que mudo pranto num pragal caído  
não brota a flux d'um coração de mãe!...  
E o tempo corre no seu carro immenso!  
o outono, o estio, a primavera, o inverno,  
hão de volver-se no seu giro eterno,  
e... ninguem hoje?!... inda amanhã ninguem?!...

Dizem que o Aljube tem sinistras vozes,  
miasmas, vermes, maldições e pragas;  
que lembra o inferno esse tinir das bragas  
contra os lagedos da prisão sem luz;  
que ha monstros lá, como os leões, ferozes,  
que têm na frente a maldição accesa,  
e saturnaes em cuja ascosa mesa  
Satan se invoca, e se maldiz a cruz!

Job, sim, foi martyr, que se viu mirrado!  
chagas no corpo, mil angustias n'alma!  
teceu-lhe a c'roa do martyrio, a calma  
com que da vida via abrir-se o nó!  
Tem o que morre um só lençol gelado,  
silencio e vermes no ignorado abrigo,  
onde lhe furta o soluçar do amigo  
campa chumbada entre o pó vivo e o pó!

Mas á masmorra tenebrosa, immunda,

onde se roja acorrentado o crime,  
entre as blasfemias com que a dor se exprime  
d'esp'rança um raio muita vez sorri!  
e aqui, a presa da soidão profunda  
despende a vida em cada nova chaga!...  
Da luz da lampa que se agita e apaga,  
os raios sobem!... nenhum volta aqui!

De Job o nome inda é fanal de gloria  
aos que padecem neste vall' d'horrores!  
ai! perdeu tudo entre miseria e dores:  
filhos, esposa, bens, saude e irmãos!  
mas se disforme nol-o pinta a historia,  
Deus, apiedado ante esse horror profundo,  
para limpeza do seu corpo immundo,  
deu-lhe um tijolo e conservou-lhe as mãos!

Se é muda a campa, e negro olvido a ensombra,  
o que descança no mysterio enorme  
não vê, não sente, não tem pena, — dorme!  
que a fria lousa que nos causa horror  
presta, aos que choram, protectora sombra,  
e aos desgraçados, festival bonança!  
mas ver-se morta para toda a esp'rança,  
e achar-se viva para tanta dor!...

.....

.....

Olhos que tendes lagrimas  
diante d'essa cruz,  
aquellas dores sevas  
que vêdes, ai! compungem-vos!  
deixae aquellas trevas!  
voltac-vos para a luz!

Entre os giestaes da Laceira,  
juntando ramos e lenha,  
vão e vem dois pequenitos  
tão gordos e tão bonitos,  
que vel-os andar faz gosto.

Dez annos tem Rosalina;  
doze terá Seraphim;  
ambos irmãos.

A menina  
tem mais esmalte no rosto  
e mais meiguice, que, emfim...  
sempre é rapariga.

O irmão  
é mais robusto; podéra!  
por isso Deus o fez homem.  
E tem força em cada mão...  
ira e raivitas, de fera!

Se em lutas de braço a braço  
 por ora fica vencido,  
 deixem-m'o ser mais crescido,  
 e, se podérem, que o domem.  
 Heis de ver o heroe d'então!

Vê-se ali mesmo no monte  
 como elle se impõe á irmã,  
 guia, guarda e valentão!

Quando a debil Rosalina  
 tenta destroncar da urgueira  
 algum rebentão mais grosso,  
 luta embalde purpurina  
 de porfia e de canceira;  
 e vae sentar-se por fim,  
 triste de ser pequenina.  
 Depois resigna-se, e a medo  
 pede auxilio:

— «Seraphim!  
 vem ajudar-me! não posso  
 arrancar este gravanço;  
 não quebra, não dobra,  
 por mais que me canço!»

Seraphim chega num pulo,  
 e diz á formosa irmã:  
 — «Arrede-se lá, fidalga!



olhe não quebre os anneis!  
 As mãos dos homens têm callos,  
 mas têm os dedos mais sãos!  
 Vejam! que urgueira tão grande!  
 ih! que grossura de tranca!...  
 quanto dás a quem t'a arranca  
 sómente co'uma das mãos?»

Diz; num momento,  
 raiz ao vento!

Às vezes Seraphim  
 diz para Rosalina:  
 — «Ouves, fidalga? imagina  
 que um lobo grande e esfainado  
 se erguia de bôca aberta  
 a teus pés d'esse silvado!...»

Já d'um pulo a irmã formosa,  
 pallida, a tremer de medo,  
 arquejante o coração,  
 transpozera o curto espaço,  
 galgára o mato, o rochedo,  
 e caíra aos pés do irmão,  
 que a contempla e ri,  
 e lhe diz, erguendo o braço  
 com ares de protecção:  
 — «Ó medrosa! eu estava aqui!»

Pois, apesar de tão robusto e audaz,  
 eu sei de que tem medo, e muito medo,  
 o nosso pequenito Ferrabraz.  
 De que é?!... Direi, mas peço aqui segredo:  
 treme de lobis-homens e defuntos  
 e dos encantamentos do bruxedo!

Uma vez Rosalina  
 ficou-se a olhar attenta!...  
 co'os olhos muito abertos!  
 co'a bôca mal cerrada!...

A rosa da campina  
 co'as brizas da alvorada,  
 a palma dos desertos  
 aos impetos do vento  
 tambem assim se dobra  
 e fica recurvada;  
 mas nunca tem a palma  
 a fórma tão graciosa;  
 mas nunca tem a rosa  
 a côr mais nacarada.

Seraphim sorriu-se, e quedo  
 ficou pasmado a espreital-a  
 pela fisga d'um penedo.  
 Como era bello e gracioso  
 aquelle grupo mimoso  
 sem movimento e sem falla!...

Em baixo, á beira do rio,  
na quebrada pedregosa,  
erna, negra, horrênda, a Ucha;  
sentada á porta, a Sagucha,  
pobre, só, triste, chorosa.

Mal Rosalina a descobre,  
a impor... a pedir silencio  
estende a mão pequenina!  
e sem bolir, por momentos,  
ficaram-se ambos attentos:  
Rosalina, para a pobre;  
elle, para Rosalina.

.....  
.....

Ai! se através dos teus prantos  
para os ermos da Laceira  
olhasses, pobre Delfina!  
víras o sol no occidente  
a coroar-te dois anjos  
com diadema refulgente,  
e a franjar-lhes azas brancas,  
d'oiro e d'azul transparente!  
e tu disseras:

— «Meu Deus,  
teus anjos vem! soa a hora!

que eu vejo abertas agora  
as aureas portas dos céus!

Sou martyr, mandas-me a palma!  
meu corpo enfim se deslaga!...  
com elles me desça a graça!  
com elles suba a minh'alma!»

Não viu! seus olhos não viam;  
cobria-os o pranto amargo,  
pranto que não desce á face,  
que, se não morre em lethargo,  
volve á fonte d'onde nace.

— «Ergueu-se o vento da tarde,  
e vem tão frio! — diz ella. —  
Lar em que o lume não arde  
é como a campa: enregela!

Ó sol, se te demorasses  
sentado sobre essa penha!...  
aqueces-me o seio e as faces!  
bem sabes, não tenho lenha!

Não deixes o vall' sombrio!  
não transponhas o arvoredol  
Não fujas, sol! tenho frio!  
não vás dormir! tenho medo!»

— «Ouviste, Seraphim?

—murmurava baixinho Rosalina,  
tremendo-lhe na voz a caridade  
e accendendo-lhe a face purpurina—

ha de morrer assim

a Delfina do mal? pobre Delfina!

Tem frio a pobresinha! e nós que temos  
tanta lenha no lar, roupa tão boa,

dêmos-lhe a lenha que ajuntámos! dêmos!

Diz sempre a nossa mãe, que não perdoa  
o pae do céu ao que tem muito, e ao pobre  
não quizer dar a parte que lhe sobre.»

Dizia-o co'as mãos postas,

agora olhando o irmão, e agora o céu.

E, leve como a pomba, quando escólhe

carumas para o ninho,

corre, procura, abraça e toma ás costas

o pródigo feixinho

que ajuntou, que enfeixára, e que era seu!

Corria monte abaixo!... eis que lhe tolhe  
os passos Seraphim:

— «Pára, louquinha!»

lhe diz, tremendo, o irmão, com voz sumida,  
pallido o rosto, os olhos encovados,  
e os cabellos em pé.

— «A pobresinha

—lhe tornou assustada e commovida

a meiga irmã — não tem lenha no lar!  
tu, meu irmão, és bom! roubar-lhe a esmola

é ser mau e ladrão!

e ser ladrão, de quem?!...

Repara como choro; hoje ao serão...

o pae beija-me sempre, e ao ver-me triste

ha de me perguntar porque chorei;

verás como te ralha, e a santa mãe,

e o pae do céu que o sabe. Eu lhe direi

como tu foste mau, que me affligiste

por eu ser boa! Oh! não! não tens perdão!»

— «Ouve! escuta, Rosalina!

escuta um momento só!

ou foges d'essa Delfina,

ou eu te deixo aqui só,

e parto. A noite vem perto;

os lobos co'a noite vem;

e tu ficas sem ninguem

neste maninho deserto...

Jesus! tu caes, Rosalina!...

apertas-me tanto o braço!...

Basta já! não tenhas medo!

agora toma este abraço,

e vou contar-te um segredo:

Vês alem, mesmo defronte,

esse negro sêro?»

— «Vejo!»

— «E vês no fundo do monte  
essa escura penedia  
onde nem musgo se cria?...  
alem!.. alem!...»

— «Vejo tudo.»

— «Chamam-lhe a *Ponte do entrudo*;  
ponte má! Por baixo d'ella,  
muito fundo, muito fundo,  
passa outro rio escondido,  
dando uns ais de moribundo  
num borborinho confuso,  
emquanto encachoa as ondas  
pelas soturnas barrocas.  
Vês este penedo erguido  
como torre sem janellas?»

— «Vejo, sim.»

— «Chama-se o *Fuso*.»

— «E aquellas penhas redondas  
alem?»

— «São as *Maçarocas*.»

— «Quem serão as fiandeiras  
que podem torcer nos dedos  
taes fusos, que são rochedos?»

— «Quem serão?... as *feiticeiras!*»

O feixe que a menina segurava  
caiu-lhe prompto ao chão!

de purpurino, o rosto ficou livido!

trememente o coração!

Foi conchegar-se ao seio que arquejava

de seu pallido irmão!

— «Não tremas tanto, mulher!

enquanto estiver contigo

têu irmão, não corres p'riço.

Escuta o que vou dizer.

Toma-me bem sentido em quanto eu conto:

Quando a lua não vem, ou quando é posta,

em cada noite á meia noite em ponto,

descem para este vall' de cada encosta

sombras que soltam ais; e o pé mais prompto

não as segue jamais! ninguém arrosta

co'a morte quasi certa.

O mundo é todo negro; a mata escura,

calada como os mortos, e deserta,

começa a ramalhar á meia noite

e á estalar sem quebrar! mas não que a açoite

um sopro só de vento.

Um demonio vermelho vem do sul

a cavallo numa aguia de fogo;

chega á Ponte do entrudo, e num momento

faz um grande remoinho e desce logo;

assenta-se no chão, puxa d'um raio,

e accende uma fogueira muito azul.



A luz que d'ella vem busca e rebusca,  
 olhando para tudo de soslaio,  
 porque teme encontrar signal de cruz  
 que o faça revirar a cara fusca  
 e voltar aos infernos d'onde veiu  
 depois, põe-se a escutar medonho e feio  
 se acaso alguma voz falla em Jesus.

Se nada vê, nem ouve, atrepa ao Fuso,  
 solta agudo assobio, que se espalha  
 como gritos de morte pelos echos,  
       tristes almas penadas  
 que o demonio semeia pelos montes  
 para saber o que se faz no mundo.

Mal o assobio parte,  
 os rios ficam seccos  
 e ouvem-se pelas fontes  
 umas palavras muito lastimadas  
 e uns cantares que vem de muito fundo.

E accendem-se no vall' milhões de luzes,  
 que voam, param, sobem, descem, giram,  
 azues, verdes, vermelhas, amarellas,  
 a ferver em cachões, a borbulhar . . .  
 É como se de noite ali caíssem  
       do céu muitas estrellas  
 e começassem loucas a dançar,

por ficarem de todo espavoridas  
 de as acordarem no primeiro somno:  
 são as gotas do orvalho d'estes campos  
 que o demo assopra, accende, e ficam soltas;  
     e as floritas do outono  
 que muda o encantador em pyrilampos...»

— «E que são pyrilampos?»

— «São as borboletinhas de luar  
     que andam de noite ás voltas  
     no meio do pomar  
     a subir e a descer,  
 que se te accendem se as estás a olhar,  
 e que se apagam quando as vaes colher.

Mas não pára inda aqui: nos pinheiraes  
 começam de se ouvir grandes risadas  
 e d'esvoaçar uns negros passarões  
 que se ajuntam nos ares em manadas...

    como as nuvens pejudas  
 que trazem os relampagos e o vento  
     em noites de trovões, —  
 quando o pae se ajoelha ao pé do lar,  
     eu digo as orações,  
 tu choras, e a mãe busca o ramo bento!

Esses passaros maus são feiticeiras  
     e bruxas (são as velhas),  
 que, para se evadirem dos casaes,

ao dar da meia noite, untam-se todas,  
 cabellos, pés e mãos, pescoço e orelhas,  
 com oleos infernaes,  
 e dizem ao demonio esta heresia:  
 — Lindo bode e senhor! (Chamam-lhe bode  
 por ser cornudo.) A quem por si não pôde,  
 faça uma graça a tua bisarria:

quero-te ir visitar;  
 faze-me ave á tua escolha,  
 que eu quero voar, voar,  
*por cima de toda a folha.* —  
 Diz, e sem mais estorvo,  
 lá vae a bruxa ao ar,  
 coruja, noitibó, morcego, ou corvo!

Por entre as moitas de carqueja e tojo  
 ora se erguem ao ar, ora se somem,  
 umas vezés saltando, outras, de rojo,  
 bichos de quatro pés e caras d'homem.  
 São tristes lobis-homens que em manada  
 andam de rastos a cumprir os fados,  
 e lá se vão por mal dos seus peccados  
 para a Ponte do entrudo amaldiçoada!

E ali tudo se junta; apagam-se os luzeiros;  
 a mata fica muda, e inteira a escuridão!  
 o vento nem bafeja as ramas dos pinheiros;  
 o mocho entra na toca; o sapo entra no chão!

Alem, na Ponte do entrudo,  
empoleirado em seu throno,  
o infernal augusto mono  
dá a beijar o pé felpudo  
ás bruxas acoradas  
e aos lobis-homens sombrios.  
Tem muitas prendas guardadas  
no bojo d'um grande cofre,  
e aquece os membros esguios  
ao lume, que cheira a enxofre.

Depois, a côrte maldita  
ali relata á porfia  
seus estragos, e dá conta  
dos males que fez de dia  
aos meninos, ás piaras,  
aos vinhedos, ás searas,  
e aos velinhos, tanto monta.

Uma diz que deu feitiços  
d'amor a duas rivaes;  
outra, que fôra aos silhaes  
matar o gado aos cortiços.

Uma, assára uma cordeira  
viva á luz d'uma candeia;  
outra, enredára uma teia  
que inda estava na urdideira.

Aquella, espreitára uns noivos,  
 e teve a *grande ventura*  
 de os levar á sepultura  
 co'uma peçonha nuns goivos.

Mais uma, torce os destinos  
 felizes das creaturas,  
 e entra pelas fechaduras  
 sugar o sangue aos meninos.

Outra, deu feitiço ás hortas,  
 e ao dono, um terçol num olho,  
 deixando-o calvo e zarolho,  
 e em cima co'as pernas tortas!

.....  
 .....  
 .....  
 .....

A Delfina do mal... que pensas, Rosalina?  
 que passa toda a noite a suspirar na Ucha?  
 Oh! Deus te livre a ti das mãos d'essa Delfina!  
 a velha que ali vês é bruxa e grande bruxa!»

— «Jesus! pois será verdade?  
 não posso crer, Seraphim!»

vê! chora tanto! é maldade  
fallar d'uma pobre assim!

Olha! as mãos sem um só dedo!  
e as chagas de cada pé!...»

— «É! foi-me dito em segredo!»

— «Mas é mentira!»

— «Não é!»

— «Tu mentes, mau menino! A tua voz suave,  
mocinha loira e bella, é santa, e Deus a ouviu!  
Calumniar um pobre é sempre culpa grave!  
Vem, Rosalina, vem, que Seraphim mentiu!»

Quem disse estas vozes? quem veio á mofina  
ladeira da Ucha, sósinha, e tão nobres  
palavras soltára? Quem foi? — Josefina,  
o archanjo da aldeia! o arrimo dos pobres!

A rosa singela, ciume dos lyrios!  
a virgem formosa, rival dos amores!  
o orgulho nas festas! a irmã nos martyrios!  
conforto de tristes! remedio de dores!

Inda o sol na despedida  
viu co'a luz d'um raio incerto

que no tugurio deserto  
já havia calor e vida.

Seraphim vinha da fonte  
co'a bilha que trasbordava,  
e Rosalina apanhava  
maduros fructos do monte.

E Josefina? a senhora?  
a fidalga tão formosa?  
fizera a cama á leprosa!  
varria a casinha agora!

Tudo eram murmúrios, fadigas, perfume,  
cuidados, caricias e alegre canceira,  
na cama fofinha, na ceia, e no lume,  
que em chamma zumbia na humilde lareira!

Tudo eram suspiros de affavel transporte!  
suaves palavras d'amigo conforto!...  
Á barca perdida sem rumo, sem norte,  
sorria uma esp'rança, mostrando-lhe um porto!

Após momentos, a Ucha  
ficou só, mas farta e quente.  
Sentada ao lume, a Sagucha  
dizia com voz tremente:



— «Bemdito, ó rei das estrellas!  
bemdito seja o teu nome!  
bemdito, Senhor, que velas  
pelos que têm frio e fome.»





CANTO III



PACIENCIA





## CANTO III

---

### PACIENCIA

Deus dedit, Deus abstulit . . . sit  
nomen Domini benedictum.

JOB.

Ó solidão, és triste! és temerosa!  
De noite, quando os echos das quebradas  
calam a estranha voz, e nas montanhas  
nem murmuram as brizas maguadas,  
nem carpe ao longe o som d'harpa saudosa,  
nem freme a selva em vibrações estranhas,  
e dormem céus, e valle, e roble, e montes  
na profunda mudez dos horisontes,  
és triste, ó solidão! és temerosa!

Embora esplenda o firmamento em lumes,  
 embora o lago lhes reflecta as flammas,  
 embora ao roble que não tem queixumes  
 o rócio desça e lhe salpique as ramas,  
 e a flor aspire mysticas fragrancias,  
 e a lua, triste, absorta, silenciosa,  
 caminhe no infinito solitario  
 como um phantasma envolto num sudario,  
 és triste, ó solidão! és temerosa!

Quem te não teme? quem, mudez nocturna?  
 falle o monge, o poeta, o justo, o forte!...  
 Ai da que vive em solitaria furna,  
 talvez pedindo as solidões da morte!  
 Ai da indefeza, mutilada velha,  
 tão sósinha, tão pobre e tão saudosa;  
 sem filhos e viuva!... e canta e vela  
 emquanto dura a chamma na lareira;  
 mas quando a chamma for extincta... ai d'ella!  
 era-lhe abrigo, e luz, e companheira,  
 e fica... a solidão mais temerosa!...

Canta a leprosa Delfina  
 sentada á sua fogueira;  
 jámais foi no mundo ouvido  
 nem canto mais dolorido,  
 nem mais triste cantadeira!

Canta... por gastar as horas!  
 por afugentar o medo!  
 e neste cantar, que é luta,  
 a chamma a acompanha, e escuta  
 de fóra, mudo, o arvoredo.  
 O olhar triste e afogueado  
 passeia na escura estancia;  
 num velho berço vasio  
 prende-o emfim torvo e sombrio,  
 e canta uns cantos da infancia:

— «O berço é barquinha leve,  
 e a minha filha vae lá;  
 cruz d'oiro, enxoval de neve,  
 sua mãe tudo lhe dá.

Ah!... ah!...

Voga! ao largo! espaço em fóra!  
 dorme, anjinho, dorme já;  
 chegando ás praias da aurora,  
 o Senhor te acordará.

Ah!... ah!...

Mão no leme, outra na véla,  
 pobre mãe velando está;  
 em passando a ultima estrella

pára a barca; o céu é lá.

Ah!... ah!...

Phantasmas, fugi! fugide!  
 anjo da guarda, vem cá!  
 se dorme, tu lhe preside;  
 se acorda, espera que eu vá.

Ah!... ah!...»

Interrompe-se a triste!... Um canto ao longe  
 quebra a mudez da noite silenciosa;  
 treme a Sagucha, e alvoroçada escuta,  
 como a tímida lebre que presente  
 ao pé do seu covil os caçadores.

Dizia o canto que se ouvia ao longe:

— «Porque te escondês, Maria?  
 vejo-te sempre; não fuja!  
 sou como as aguias de dia;  
 de noite, como as corujas.»

— «A voz canta nos altos da Ladeira  
 —murmurou ella;— algum pastor que passa  
 com seu gado inda agora!... Deus permitta  
 que os lobos o não sintam. Tive medo.»  
 E tornou a cantar num tom mais alto,



como se desejasse annunciar-se  
ao viandante incognito:

— «O berço é barquinha leve,  
e a minha filha vae lá;  
cruz d'oiro, enxoval de neve,  
sua mãe tudo lhe dá.

Ah!... ah!...»

De novo o canto ao longe, e mais distincto:

— «És como a lebre na brenha  
por fugires de ser minha;  
eu, como a roda na azenha,  
que anda sempre e não caminha.»

— «O canto desce monte abaixo!... acaso  
moleiro que foi tarde á freguezia  
e volta ao seu moinho!... Mas se fosse  
perdido estranho em meio d'estas fragas?...  
Se elle me ouvisse a minha voz... quem sabe?

Volve á terra a leve barca,  
minha filha não vem lá!  
eis fugida a pomba da arca;  
anjo da guarda, onde está?!»

.....  
.....

Perdeu-se ao longe a derradeira nota...  
 o silencio recresce... a velha escuta!...  
 nem mais um som d'essa canção d'amores  
 chega de fóra á solitaria estancia!

— «Ninguem! ninguem! — diz ella —  
 meu canto ouviu de certo...  
 que o guie amiga estrella!...  
 E a voz vinha bem perto!...»

Havia aqui, não sei que extincta esp'rança!  
 não sei que pena occulta! A quem padece  
 dá qualquer voz modulações de prece;  
 qualquer astro do céu, luz de bonança.

O mundo é sempre o mesmo; em nós demora  
 espelho em que se altera quanto existe;  
 conforme for nossa alma alegre, ou triste,  
 assim o mundo nos sorri, ou chora.

Só é soidão completa a sepultura.  
 A acompanhar-se a si, já que era só,  
 continuou cantando a sem-ventura.  
 O fallar só é conversar comsigo!  
 é duplicar o ser, crear-se abrigo,  
 companhia, familia, esmola e dó;  
 é dividir em dois o coração:  
 dar um á dor, dar outro á caridade;



que um chore, outro sorria.

A humanidade  
tem instintivo horror á solidão.

— «Bordei-te enxoval de linho,  
touquinhas de tafetá;  
a alfazema e rosmaninho  
cheira o berço, e choras, má?!  
Ah!... ah!...»

— «Com que, ha meninos em casa?!  
— diz uma voz junto á choçá —  
mais outro peixe na braza,  
visto que a familia engrossa!

Vão lá fiar-se das velhas!  
d'estes annos! a Delfina!...  
já lhe furaste as orelhas?  
já deste o peito á menina?

Pois, senhora, é caso novo!  
tu, doente, e velha, e feia!...  
depois, que não falle o povo!  
e que não murmure a aldeia!»

— «Já basta, maldizente! — diz sorrindo  
a Delfina do mal, que conhecêra

a voz motejadora de Ricardo—

a porta é franca, e o pobre lar tem lume.»

— «Seja Deus nesta casa! —e entrava a porta

Ricardo, o caçador, de bolsa ao lado,

bigode retorcido e botas brancas,

polvorinho e chumbeiro a tiracollo,

espingarda na mão, chapéu á banda,

e o *Raio*, o seu lebreiro, a acompanhá-lo. —

Dizem que João Quinto algumas noites,

disfarçado em saloio, percorria

as ruas de Lisboa, e ouvia casos

de tal patifaria que pasmava.

Eu, como o grande rei, venho a deshoras

percorrer meus dominios; só não jogo

ás escuras, como elle, as estocadas,

nem tenho uma Odivellas.

Ha quem diga

que mais formosas freiras nunca houvera,

e que o bom rei já lia o breviario

como um frade Bernardo! e mais se conta

que, mais do que ás matinas, ia ás vespéras,

e preferia ao côro... o dormitorio!...

Eu nada sei, nem tu; que apesar mesmo

de teres presumpções de grã doutora

(Deus perdoe ás tontices da madrinha

que te ensinou a ler!) és velha e tonta!

e sabes que prohibe a Santa Igreja

isto de assoalhar vidas alheias!  
 e então vidas de reis, que são sagradas,  
 e não têm peccadilhos como a gente!  
 se os têm (que eu nunca vi!) são d'outro lote:  
 são peccados augustos! soberanos!  
 d'um sabor como tu nunca provaste,  
 nem eu hei de provar por meus peccados!...  
 (Que blasfemia, Jesus!)—por minha dita!

De quanto eu disse espero, boa velha,  
 que não tenhas ouvido uma palavra,  
 o que me priva do celeste goso  
 de te pedir aqui perdão do escandalo.»

Calou-se;

encostou á parede a arma voltada,  
 compoz junto á fogueira um ninho ao Raio,  
 foi pendurar na cronha o trem da caça  
 e sentou-se a fumar.

Havia ali que perguntar? havia;  
 mas que receio lhes tolhia as vozes?...

Quebrou ella o silencio:

— «Uma visita á Sagucha

d'um taful a horas mortas?!»

— «Tinha saudades da Ucha,

e a noite não tranca as portas.»

.....  
 Novo silencio... de quem pensa e espera.  
 .....

— «Quando entrou fallava e ria,  
 e agora tão triste e mudo!...»

— «Eu poupo a minha alegria;  
 quiz ver-te, vejo-te, eis tudo.»

E com visivel intenção corria  
 com inquieto olhar a casa toda.

— «Olá! que riqueza e aceio!...  
 a cama tão repuxada!

loicinha tão bem lavada!

lenha aqui e o lar varrido!...  
 alguma fada cá veiu!»

— «Foi anjo... e fada, acertou.»

— «Tem azas sob o vestido,  
 ou tem varinha, Delfina?»

— «Varinha e azas.»

— «E o nome?»

— «Adivinhe!»

— «Josefina!»

— «Josefina; adivinhou.»

— «E a morgadinha formosa  
 veiu sósinha?»

— «Isso sim!»

— «E a morgadinha formosa  
 veiu sósinha?»

— «Isso sim!»

trouxe, por aia, uma *rosa* ;  
e, por guarda, um *seraphim*.»

— «Foi pois visitada a Ucha  
por toda a côrte celeste!  
devia ter semelhanças  
d'Eden o paiz agreste.

E trouxe-te acaso esp'ranças?...»

— «Nenhumas! trouxe conforto;  
veiu trazer paciencia  
às agonias d'um horto!»

— «E tu esperas?...»

— «Quem sabe?!

espero! não sei mentir!  
sinto fugir a existencia,  
mas, antes que a vida acabe,  
a minha filha ha de vir!»

— «Pobre mulher! e tu queres  
apertal-a ao coração,  
abençoal-a... perdoar...»

— «Oh! dizei: — pobres mulheres! —  
pois não é nosso condão  
despender a vida a amar?!...»

Dos olhos treme a debruçar-se o pranto;  
abaixa o rosto; sobre a mão cerceada  
as lagrimas estanca,  
e na costra enrugada

ficam luzindo, como luz o orvalho  
de tronco secco em mutilada arranca.

— «D'Albano que sabes?»

— «Nada.»

— «Prometteu que hoje viria?»

— «Prometteu.»

— «E Josefina

saberá d'elle?»

— «Não sabe.»

— «Anda ha quasi um mez correndo!...»

— «E só Deus sabe por onde!

Vêde que sorte mofina;

levei a rezar o dia,

e o meu protector não veiu!...

Quem sabe onde ella se esconde?...

e quem sabe se inda existe!

sinto o coração tão triste

chorar-me dentro do seio!...

Ó minha infeliz Maria!...

Senhor, era meiga e boa!

perdeu-se! filha coitada!

choro mais que a minha pena

vêl-a assim tão desgraçada!...

Sabe que o mundo a condemna,

não tem perdão, nem soccorro...

fugiu... porque se perdeu!

sabe que choro e que morro;  
 chora... a morrer, que o sei eu.

.....  
 .....  
 Nos meus braços a criei,  
 neste berço a acalentava!...  
 inda ha pouco recordava  
 cantigas que eu lhe cantei!

.....  
 Vinheis saber d'Albano!

esperae! prometteu que vinha, vem!  
 disse-m'o o coração, que nunca mente;  
 elle sabe que espero, e Deus clemente  
 acolhe sempre supplicas de mãe.»

— «É tarde, e não convida o frio outono  
 a nocturnos passeios pelos montes!  
 o poeta esqueceu-se da promessa  
 no prosaico prazer d'um fundo somno;  
 por mais presentimentos que tu contes...»

— «Não hajaes medo, não, que hoje se esqueça;  
 alem de lhe doer a minha dor,  
 são annos ámanhã do seu amor!»

— «Basta! fallou e fallou bem, Delfina!

chama-se isso *dizer o desengano*.

Agora explico eu tudo! Josefina,  
que te visita sempre de manhã,  
veiu hoje á noite... por saber d'Albano.»

— «E por saber de mim!»

— «Alma christã!

ter inveja é peccado! e o confessor  
deve dar-te pesada penitencia!  
Pede ao padre te diga por favor  
(se elle tiver do mundo a vã sciencia,  
que tudo póde ser!)

qual tem maior poder: se o dó, se o amor!

Emfim, seja o que for,  
eu que vinha tambem por saber d'elle...  
e por saber de ti... longe o ciume!  
conversarei contigo ao pé do lume.  
Fallemos do teu berço: tu cantavas,  
a acalantar... o que?»

— «A minha esp'rança

e a minha saudade!

Sou tão pobre, senhor, que no universo,  
do que tive, só resta a soledade!  
de quanto nella amei, só tenho um berço!  
pobre berço, vasio, e frio, e quedo!

emborcado no chão!...

ninho roubado por cruel brinquedo!  
e eu sou a rola que se carpe em vão!

.....



Nelle criei meus filhos  
com tanto aceio e amor! . . .  
Deus dá, dispõe de tudo  
a mão do Creador! . . .  
Eu, como Job, me curvo,  
bemdigo-te, Senhor! »

— «Pois que o meu gracejo em vão  
luta co'a tua tristeza,  
e na pugna porfiosa  
já que o vencido sou eu,  
expande o teu coração!  
dá largas á natureza!  
bem vês, mulher desditosa,  
que o meu sorriso morreu!  
Deixa fartar as desditas  
no teu coração, Delfina!  
vem nas lagrimas bemditas  
raios da graça divina!  
Mulher que não tens esposo!  
mãe que os teus filhos perdeste!  
em ti o pranto é formoso  
como o orvalho num cypreste!  
Reconta-me as tuas penas,  
irmã da noite sem brilho;  
tens de maguas larga historia;  
se o quer a voz e a memoria,  
conta a morte de teu filho.»

Houve um longo silencio em que Ricardo fingiu não ver os prantos da leprosa, e erriçava o bigode, como o forte que treme de chorar. Tossiu, ergueu-se, caminhou para a porta, abriu, cerrou-a, e tornou a sentar-se.

Recobrada

começou a Sagucha a narrativa:

— «Ides ouvir, senhor, d'uma profunda pena a dolorosa historia. O céu quando condemna aos golpes do martyrio, abre o infinito á dor! És grande em tudo, ó Deus! guarda-me o immenso amor, que eu tenho-o merecido. Á tua omnipotencia submissa hei de offertar cumprida a penitencia que me impozeste! espero-o! é perto a grande luz! a via-sacra é finda! eu vejo erguida a cruz.»

Vibrava-lhe na voz a commoção sagrada!  
relampagos no olhar! no gesto... uma inspirada!...

— «Menina me casei; quinze annos tinha só quando o pastor, ao dar-me o indissoluvel nó, disse: —Mulher, és serva; ao teu senhor te curva; verás que nunca a magua o teu prazer inturva, se és virtuosa e boa; emfim tu serás mãe!  
é Deus que te visita! a prole é o summo bem nas plagas do desterro; é quem na curva idade

vos é bordão e amor!... — Piedosa falsidade!  
olhae-me bem, senhor!... Findava um anno mais,  
e dava á luz um filho, a esp'rança de seus paes.

Eduquei-me, sabeis, com foros de rainha  
em casa da fidalga, e ali minha madrinha  
me fez de mestra e mãe. Quando ella nos morreu  
tudo chorava triste!... afflicta era só eu!  
eu só! porque ao saír d'aquella casa nobre  
sabia... o que é melhor que nunca saiba um pobre!  
Graças ao que aprendi fui mestra a minha vez:  
fui mestra do meu filho; e a mim... a mim, talvez...  
que idéa horrenda, ó Deus! deveu a sua morte!...  
Era moreno e esbelto! era arrojado e forte!  
era uma inveja vel-o! e eu sempre a il-o furtar  
ao trafego da enxada! ao rude trabalhar!...  
ai do fidalgo pobre!

Era homem o meu Bento;  
um dia, vem, julgae do meu contentamento!  
dizer-me o seu padrinho, um velho austero e chão:  
— Teu filho sabe muito, e vae ganhar o pão  
co' o seu trabalho honrado; alem, na *Lagiosa*,  
querem-n-o para mestre! — Eu choro, e de saudosa,  
era viuva já! quero negar... cedi!  
cedi, vendo-o tão bello! e a enxada estava ali!

Ouvistes já fallar, senhor, d'uma alcateia  
que andava devastando a villa, o campo, a aldeia?

bandidos sem temor, assombro do paiz,  
 feras, a quem da Estrella os rudes alcantis,  
 tendo-lhes dado berço, eram guarida e fojo?  
 tinham das feras tudo: o salto, a garra, o rojo!  
 O maioral bandido, o maximo ladrão,  
 tinha uma alcunha vil... nem vol-a eu digo! não!  
 era escutar-lhe o nome e logo um tremor frio  
 corria cada membró! o rosto, de sombrio,  
 livido se tornava! emmudecia a voz!  
 era um profundo horror, como se entrasse o algoz!  
 cada palavra sua annunciava o inçendio,  
 o latrocínio, a morte, o incesto, o vilipendio!  
 sorria... ai que sorriso! aós tratos mais crueis!  
 das victimas guardava os dedos e os anneis!  
 ereis creança vós, não sabeis nada!

Um dia,  
 meu filho era na escola; ó Deus! quanta alegria  
 iria lá talvez!... que mocidade e amor  
 em tanto botãosinho, em tanta loira flor!...  
 Devia ser o céu! mas perto era a desdita!  
 de chofre se abre a porta! e a legião maldita  
 entra! e o prende! e o leva! Ó Virgem mãe de Deus!  
 como seria triste o silencioso adeus  
 do mestre que partia á escola que chorava!...  
 Ness'hora ao pé d'um berço inda eu feliz cantava!

.....  
 Por noite velha abriu-se a minha porta, e vi  
 o vulto d'um bandido! eu seroava aqui

mesmo onde agora estou; não dei sequer um grito.

— Santas noites, me diz; Deus seja aqui! — Maldito!  
impio! blasfemador! fallar ousava em Deus!...

— Quem sois, senhor? lhe digo. — Enviado sou dos céus;  
venho, moido e só, seguindo a esmo o trilho,  
dizer-vos: Mãe, correi! salvae o vosso filho!

— De que? Jesus! e ergui-me; acaso... ao seu dever...  
calae-vos!... não! fallae!... meu filho vae morrer?!...

— Ó bello amor de mãe! ha muitas esperanças!  
não morre assim um mestre! e as pobres das creanças?

— Não gracejeis, por Deus! — Pois bem; caiu nas mãos...  
(perdoa, Deus do céu!) de meus crueis irmãos!

— Salvae-m'o! e ajoelhei; já tudo comprehendia.

— A que vim eu aqui? animo! Ave Maria!

não tem meu coração odios, nem vicios maus:

no inferno sou o archanjo, o lyrio entre os lacraus;  
emquanto o chefe e os mais sangram com bruta calma,  
ante o meu morto ajoelho, e rezo-lhe por alma,  
e o lavo, e o penteio, entoando-lhe a oração:

== *Lembra-te, homem, que és pó!* == vêde se eu sou christão!

— Horroraes-me! — Ingrata! ides ouvir-me, e vêde  
que injusta sois: tem sempre o tigre fome e sêde;

a sorte do bandido é a sorte de Lusbel;

o mundo é vingativo, e a lei é tão cruel!...

A noite vae no fim; já rompe o novo dia;

o pôr do sol que nasce é o termo da agonia  
do vosso filho; é tempo! agora o seu perdão

de vós depende: á um'hora, ao pé do rio Dão!

quarenta peças d'oiro é o preço do resgate!  
 ou boa mãe que o salve, ou cruel mãe que o mate!  
 O ponto é no *Penedo*, ao pé de *S. Gemil*.

—Foje! foje de mim! cruel! blasfemo! vil!—

Mostrou-me o seu rosario e persignou-se attento:

—Deus manda perdoar! vá por tua alma, ó Bento,  
 que é luz que vae diante!— E poz-se a caminhar!  
 e via-se benzer! e ouvia-se rezar!...

E eu fraca! e eu mulher!...

Quarenta peças d'oiro!...

uma riqueza immensa! os cofres d'um thesoiro!...

impossivel, meu Deus!... Pedir... e quem as tem?!...

roubar... roubar!... Jesus! cala-te, pobre mãe!...

vender... o que?... a mim?... a minha linda filha

que dorme no seu berço?... Ucha?... enxoval?... mantilha?...

a ferrugenta enxada?... o vaso do alecrim?...

a cruz do meu rosario?... é benta e de marfim!...

Quarenta peças d'oiro!... homem de Deus, espera!

oh! pára! pára! escuta! eu fui talvez severa!

tu és humano e bom! ouve o que vou dizer:

entrego a minha vida!...—E elle a desaparecer:

—Quarenta peças d'oiro é o preço do resgate!

ou boa mãe que o salve, ou cruel mãe que o mate!—

Disse, e limpava o rosto! após, desceu!... desceu!...

Rompia o sol na serra! minh'alma se accendeu!

—Vem, minha filha, vem!—

Tomei-a nos meus braços;

transpuz a serra e o vall', voando nos meus passos;

de povo em povo entrei pedindo em alta voz:  
 —Esmola por piedade! — e ao meu pregão atroz  
 corria a caridade a ouvir a pobresinha,  
 e a descorar de medo, e a dar... tudo que tinha!  
 Num braço a minha filha, um cesto na outra mão,  
 e a ouvir-se um choro immenso, e a erguer-se o meu pregão:  
 —Quarenta peças d'oiro é o preço do meu Bento!  
 quem compra a minha vida?! — Era um feroz lamento!  
 e o sol subindo sempre! e o Dão longe de mim!  
 mais outra e outra aldeia, e o cesto cheio emfim!

Marcava meio dia a torre da Lagiosa  
 quando eu descia a encosta, anciada, pressurosa,  
 e era já perto o Dão! Num denso pinheiral  
 da outra encosta, um silvo, e um côro sepulchral  
 de riso escarneador veio chumbar-me á terra!  
 eis em novello immundo as viboras da serra!

Depois tudo o que vi foi mal distincto:  
 ergueu-se d'entre o mato um vulto! e outro!  
 e mais! e mais!...  
 rostos que tinham lume!  
 olhos que tinham sangue!  
 e conversavam entre si... e olhavam-me!...  
 cruzava-se o cardume  
 e as vozes infernaes!...  
 eu assistia exangue...  
 absorta...

morta!

a procurar se via quem não via!...

De repente...

um grão clamor!

tumulto recrescente!

brada a voz do chefe em grita!

erguem-se os perros das clavinas!

e eu sósinha a tremer! a tremer!

a procurar meu filho, e sem o ver

entre o revoltear d'aquella gente!

e um brado horrendo, atroz, veio gelar-me toda!

tremeu-me sob os pés a terra, e andou-me á roda!

—Mata! mata!...—

Não! não sonhei! ouvi distinctamente,

e vi-o!

era elle! era o meu filho, que fugia,

correndo para mim,

pallido! moribundo!

Bradei-lhe... não me lembra o que dizia!

elle a acenar-me que fugisse, e eu presa

pelos fortes grillhões da natureza!

E a turba sobre a victima!

e a victima açodada

fugindo aos seus algozes,

que a seguem voz em grita!

no rio a salvação,

e o rio é perto! é perto!

dois passos mais, e o Dão!



e após, materno seio!  
 foge!... cruel desdita!  
 nas margens d'um centeio  
 um pé vacilla incerto!  
 tenta suster-se... cae!!...

um turbilhão de fumo!... uma descarga!... um ai!...

.....

Achei, tornando a mim passadas horas,  
 minha filha apertada ao coração.

Depois... veio-me a lepra!  
 e agora... a solidão!»

—

Poucos instantes mais, ao pé da Ucha,  
 ouviram-se tinir umas esporas  
 e após dizer alguém:

— «A taes deshoras  
 lume e conversa em casa da Sagucha!»

E o Raio ergueu-se, a festejar o amigo  
 que entrava a porta,  
 escondendo nas flores d'um gracejo  
 o luto d'uma esp'rança que traz morta!

— «Até que abrigo  
 e gente amiga encontro. Olá, meu Raio!  
 só tu vens abraçar-me?!... Entendo!... É certo!

presente-se a desgraça e o nuncio d'ella!  
 antes que estruja o vento no deserto  
 sentem-n-o as caravanas e a gazella!

.....  
 Em vão busquei! perdi o alento e a esp'rança!  
 e tu, pobre mulher, acaso esperas?»  
 — «Se eu inda não vi rosas, nem bonança!  
 Deus deve-me o céu limpo e as primaveras.»

— «Pagas-me no teu sorriso  
 o meu trabalho perdido!»  
 — «Quem vos paga é o paraiso  
 que tendes tão merecido!»

— «Delfina, a ingrata Maria  
 não volta do errado trilho!»  
 — «Vós me fareis companhia:  
 sois meu pae, sêde meu filho!»

— «Pede a Deus te encurte a vida,  
 vivida tão sem ventura!  
 já tens a palma florida;  
 martyr, pede a sepultura!»

— «Deus vê-me; em cada existencia  
 a desgraça esmalta a prece;  
 paciencia! paciencia  
 é o brasão de quem padece.»



CANTO IV



O SOALHEIRO





## CANTO IV

---

### O SOALHEIRO

Sito rumpes arcum semper si tensum habeas.

PEDRO.

Nós somos como o alqueive inda mal culto:  
se lhe lançarem sempre uma semente  
enerva-se-lhe a seiva creadora;  
precisa de pousio que o descance,  
ou de que se lhe alterne a sementeira.  
Tal é noss'alma. O pranto, se é perenne,  
embrutece-a, caleja-a, torna-a muda,  
insensível á dor mais lacerante;  
o riso eterno a tornaria inane.

inerte, abstracta, vaga, incoherente,  
até cair no idiotismo insonte.

É mister alternar-lhe o pranto e o riso,  
e o pousio per-meio.

Assás de penas  
tenho contado já; repouso agora,  
e algum sorriso após, se a minha musa,  
mais dada ás amarguras que aos prazeres,  
quizer acompanhar-me e rir commigo.

Deixemos a miseria no seu antro,  
a desgraça no seio onde brotára,  
e vamos procurar novo câminho.

Á noite, baile no palacio nobre  
dos morgados de Gonta e Santo Estevão.  
D'elles nada sabeis? e eu nada, ou pouco;  
sabemos só que é hoje o anniversario  
da mais rica fidalga que passeia  
nas vinte freguezias convizinhas;  
sabemos que se chama Josefina;  
sabemos, porque a vimos uma tarde  
em casa da Sagucha, que é formosa;  
branca de neve; altiva a fronte grega!  
tem olhos scismadores, grandes, bellos,  
da côr do céu e como o céu profundos,

que rara vez se fitam, para logo  
se perderem no vago do infinito  
em distracção angelica! O cabello,  
negro, longo, luzente, basto, ondado,  
mal se lhe póde accomodar em rolos,  
ou captivar em tranças, e derrama-se  
em soltas espiraes em torno ás faces,  
que têm covas de riso. O corpo airoso  
vê-se partir na cinta e arredondar-se  
para um seio virgineo, onde a cambraia  
consente adivinhar brandos contornos  
e uns filetes azues de veias finas  
cruzando pelo jaspe, que se encurva  
suavemente! . . . um sonho de Canova,  
d'onde um collo de cysne se levanta!  
Abaixo d'umas curvas graciosas  
que deram moldes por sendaes á Grecia,  
pois vivem sequestradas sob as ondas,  
rufos e pregas das modernas modas,  
as mais absurdas que tem visto a plastica,  
espreita o pé mais fino e mais pequeno  
que pousar possa em pedestal de Venus.  
A mão que o desaffronta dos vestidos,  
colhendo com divina magestade  
a longa seda em recolhidas pregas,  
Lobo a julgára de coalhado leite;  
os dedos afilados e flexiveis  
vão terminar-se nuns botões de rosa.

A bôca melindrosa e purpurina  
aljofares nos mostra ao desfranzir-se  
num sorriso... que pôde ser um extasis!  
Sobre o todo o véu branco da innocencia.  
Ahi tendes o que eu sei.

O que presumo  
é que na estancia amena onde repousa  
a senhora de Gonta em leito morbido  
hão de entrar cantos d'ave noite e dia,  
cantados no atrevido limoeiro  
que lhe sobe á janella e lhe dá pomos;  
ha de haver luz coada pelas folhas,  
semelhando o crepusculo nascente;  
ha de haver sempre a tepida frescura  
das floridas manhãs da primavera;  
ha de ser branca a estancia, como o leito,  
e as cortinas, de gaze verde e rosa,  
e que ha de ali voejar fragrancia idyllica  
de rosas, de jasmims e laranjeira.  
No jardim, por debaixo da janella,  
ha de haver uma fonte que murmure  
ás marmoreas gentilicas estatuas  
uns segredos que traz de sob a terra  
a Venus, a Diana, a Marte, a Jove,  
merencorios d'amores e ciumes.  
No fundo, um bosque e ruas escondidas.

Feliz! oh! bem feliz quem as primicias



do seu amor houver! feliz Albano  
se for Adão naquelle paraíso!

D'Albano, o scismador, sabemos todos  
que é moço e varonil, e que tem negros  
olhos, cabello e barba; tez morena;  
erriçado o cabello, atraz voltado;  
franco e raro o fallar; as sobrancelhas,  
quasi direitas, carregadas sempre:  
signal de dor, ou de pensar profundo;  
que ás vezes ri, mas por estudo e esforço,  
e é sempre triste, quando a sós comsigo;  
que foge á sociedade e aos seus caprichos;  
que busca as solidões avidamente,  
e que ali só respira a pleno peito;  
que se perde a scismar horas e horas,  
parando absorto, ou caminhando a esmo;  
que é magro, e alto, e pallido; severo  
comsigo só; com todos complacente.  
Não sei se é crente, ou sceptico; já vimos  
que tirava o chapéu quando tocava  
signal d'Ave Maria um sino ao longe.  
Feliz, ou desgraçado? Aquelle rosto  
esconde, não revela a intima historia;  
não sorri, não; mas rara vez suspira,  
e será do canção, ou da tristeza  
que accomette os felizes e os selvaticos.

Que faz? No gabinete onde trabalha  
 ha versos sobre a mesa; uma palheta  
 ao pé d'um cavallete, onde apparece  
 o seu retrato mal completo, em fundo  
 d'abruptos alcantis, lascados troncos  
 e infragados regatos; nas paredes,  
 paizagens, onde avulta mal distincto  
 sempre um rosto d'archanjo entre as folhagens;  
 num piano d'Erard, trechos de musica,  
 onde uma phantasia ardente e meiga  
 começa de carpir saudosas queixas,  
 e pára quando as flebeis harmonias  
 mais inspirados fogos traduziam!  
 tudo incompleto e vago, como os extasis,  
 os sonhos, os murmurios d'um poeta  
 que teme desejar e que deseja,  
 que teme revelar e denuncia!  
 E do seu nome em tudo isto a lettra...  
 uma só, a primeira... atomo inglorio!  
 sêllo vaidoso que no pó se grava!  
 pedaço d'alma que nos cãe no lodo!

Ricardo já sabeis que é grosso e forte,  
 audaz, valente. Voz que estruja os montes  
 nunca houve, nem ha, maior que a sua;  
 ninguem celebra mais um bom *bigode*  
 posto na cara a caçador de fama.

Tem o cabello negro e corridio;  
rosto formoso; olhos fulgentes, vivos  
e negros d'azeviche; alvos de neve  
o collo e o corpo; o rosto e as mãos queimadas  
na venatoria lida. Em cada phrase,  
um gracejo fugaz, ou dito caustico;  
diz que Voltaire e que Balzac o inspiram;  
é Bocage no amor, Luculô á mesa,  
e Pollux na amisade. Alma illustrissima,  
soberbo coração... melhor que a lingua!

De quantos hão de entrar no baile á noite  
tres personagens só conheço... e é muito!  
Quantos não vão a festas, quantos, quantos,  
sem lá ninguem saber d'onde vieram,  
nem os donos da casa conhecerem?  
Um baile é o espectaculo gratuito  
onde todos vão ser platéa e actores;  
exposição de collos e brilhantes,  
de falsos europeis e côr postiga;  
onde se propicia encontro a amores,  
a comedores pasto, somno ás velhas,  
noticias a jornaes, oiro a modistas,  
e themas para mofa a maldizentes;  
onde tudo é feliz, exceptuando  
os senhores da casa que se esmeram

em obsequios, dispendios e cuidados  
 que ninguem agradece. Um baile é isto.  
 Um baile d'hoje é um soalheiro illustre.

.....

—Um *soalheiro*— disse eu?...  
 creio que disse, não juro;  
 mas se disse, e o termo é impuro  
 na estancia d'uma epopeia,  
 o meu canto não recusa  
 nada por plebeu; e espero  
 que o meu leitor bem amado  
 consentirá de bom grado  
 que, pois que o nome lhe disse,  
 ao soalheiro o conduza;  
 e que as velhinhas da aldeia  
 venham pela sua vez  
 conversar ao sol da tarde  
 na sua linguagem rude.  
 É que ha muito que se estude  
 num quadro tão portuguez.

Eu tenho medo, formosas,  
 que os vossos ouvidos fira  
 este capricho da lyra  
 que tanto quer á verdade;  
 e a verdade é feia ás vezes;  
 mas quem ha de á tentação

fugir? senhoras, quem ha de  
quebrar encantos? eu, não.  
A lyra quer, e eu não posso  
resistir ao seu desejo;  
perdoaes-me?... oh! sim! bem vejo.  
O soalheiro é tão nosso!...  
Vinde, vinde ao soalheiro,  
ao parlamento da aldeia,  
ao forum do mulherio,  
á notavel assembleia,  
onde pôde o mundo inteiro  
murmurar da vida alheia  
com liberrimo alvedrio.

Nem vós sabeis quanto é nobre  
este comicio senil!  
assembleia maldizente,  
contra a qual verga impotente  
do tempo o braço viril!

Pôde passar sobre a terra  
geração e geração;  
crie a paz; destrua a guerra;  
na febre dos cataclismos  
revolva-se o mundo embora;  
a aldeana povoação  
ha de salvar dos abysmos  
o soalheiro e o serão.

Vem do principio das eras,  
ao fim dos tempos hão de ir,  
têm futuro e têm memoria,  
são padrões e têm brasão;  
se, fatua, os despreza a historia,  
consagra-os a tradição  
e os guarda às eras por vir.

Foram paes da gazetilha,  
mestres de noticiaristas;  
os discipulos e a filha  
podem renegar da origem,  
phantasiar filiações;  
mas é filha e são discipulos,  
dizem-n-o a phrase e as feições.

Hoje mesmo por seu turno  
são inda os jornaes da aldeia  
francos, gratis para todos;  
um, diurno; outro, nocturno.  
Bem distinctos redactores  
redigem os dois jornaes:  
o — *soalheiro* — é das velhas,  
o — *serão* — das raparigas;  
typo e formatos iguaes.  
Um d'elles sae todo em prosa;  
d'outro sae parte em cantigas.

Seguem diversa politica,  
o que os traz em guerra eterna;  
chufas, insultos, rancor,  
jogam-se e pagam-se á vista.  
O soalheiro é retrógrado;  
quando mais, conservador;  
o serão é progressista.

Leitores, ao soalheiro!  
Se não será de valia  
a discussão, e animada,  
sendo o baile da morgada  
dado para ordem do dia?!

Resta descobrir agora  
o remansoso logar  
onde as velhas engelhadas  
vem fiar, dobar meadas,  
tomar sol e diffamar.

Busquemos:

Além... faz vento!...  
nada! Aqui... Deus, que poeira!  
se as velhas sabias... pois não!  
Este é o *Largo da Amoreira*...  
peior! este é do serão!  
Andam comnosco as miragens!

Pensem: vou buscar pela memoria

umas recordações da minha infancia  
que inda, apesar do tempo e da distancia,  
vejo ledas sorrir na minha historia.

.....

Em tres distinctas paragens,  
conforme os dias e os mezes,  
na velha aldeia de Gonta,  
se congrega o soalheiro:  
é, no outono, ás *Quatro quinás*,  
e no *Outeiro* algumas vezes;  
na primavera, no *Alpendre*;  
no inverno, ao pé da capella  
que está no cénro da aldeia.  
(O estio é sempre de ferias  
nesta e naquella assembleia.)

.....

.....

Pois seja outono, embora! hoje no *Alpendre*  
celebra sessão magna o grão soalheiro,  
por excepção; graves rasões d'estado,  
conveniencias de serviço, indicam  
este abrigo por mais apropriado.  
Se ali convergem, se ali vem passar  
os caminhos que dão para o *Terreiro*,  
onde a fidalga mora, — em que outra parte  
o batalhão senil ha de acampar?



É ponto d'estrategia, e Buonaparte  
 não teria escolhido outro logar.

Leitores, ao Alpendre! ao soalheiro!

Vae a sessão tumultuosa:  
 recriminações, e ápartes,  
 apostrophes e aggressões,  
 vaias, celeuma insultuosa,  
 perfidas insinuações,  
 chovem de todas as partes!

Escutemos: falla agora

*Manaita:*

— «Assim Deus me salve  
 como a vi ao lusco-fusco  
 a dar abraços no Antonio  
 numa casa de Parada...»

— «Em casa de quem?»

— «Ahi está  
 quando me leva o demonio!  
 Não digo de quem, já disse!  
 e foi verdade!»

— «Mentira!»

— «Sim? é mentira? oxalá  
 que aquella rosa divina

me não torne a alumiar,  
se eu não vi honte' á noitinha  
a Maria da Sagucha  
numa casa, ao pé do lume . . .  
digo mais! tem ido á Ucha!»

(Jura falso; é de costume,  
por isso ninguem se admira.)

— «Inda antes d'hontem á noite  
foi a senhora morgada  
levar esmola á Sagucha  
co' esta pequena . . . Vem cá!  
conta, conta, Rosalina:  
quando tu mais a fidalga  
viram aquelle tormento . . .»

— «Vês? e acredita a creança,  
que nem é de sacramento!»

— «Deixa fallar a menina,  
testemunhadeira! . . . Conta!  
quem viste lá co'a Delfina?»

— «Ninguem: chorava e chorava,  
sósinha, encostada á porta,  
como qualquer que não tem  
lume, nem pão! tanto monta . . .  
como morta!»

— «Ora aqui tens! . . .»

— «Mal peccado

que vossês inda algum dia  
me peçam todas perdão  
de virem na minha cara  
dizer que não vi, que não!...»

— «Santa Maria!

O espantinho da mulher  
não deixa fallar ninguem!  
pois olha, mais desgraçada  
que aquella... não póde haver!»

— «Sim, sim! tem mais que comer  
do que tu nunca tiveste.»

— «Porque a senhora morgada...  
Ó mulher, és uma peste!»

— «Anda!... acaba!...

deixas a conversa em meio?

tudo é: — senhora morgada —

tudo é: — senhora morgada... —

Vá, diga o mais, não se esqueça!...»

— «Que tens que dizer, malvada?!»

— «Digo... que será ditosa...

se as visitas á leprosa \*

lhe não derem na cabeça!...»

(Não falla mal a Manaita.)

— «Co'a mão esquerda me benzo!

Ai! que mulher!... ai! que raio!...»

— «Pobre moleira, agua fresca!

póde dar-lhe algum desmaio!...

Pois não vêm a santarrona

*feita de pau d'amieiro*

*creado no meu lameiro?!...*»

— «Tem a Manaita rasão!»

— «Falle! falle!»

— «Se não quer  
ouvir, ou fallar...»

— «Embora!  
suma-se! deixe a mulher!»

— «A gente diz... por dizer;

não por falta de respeito,

nem com damnada intenção.»

— «Nem mais! Tu comes-lhe a sopa,

e eu como só do—se-o-tenho;—

tens bom pasto e boa roupa,

e eu co'a pobreza me avenho!»

— «Pois eu por mim...»

— «E eu tambem!»

— «Se é rica, pouco me importa!

póde jantar duas vezes,

que eu janto uma, e vivo assim.»

— «Se tem estrepes á porta

e espinhos dentro da sala,

não me hão de ferir a mim.»

— «Não vou lá mezes e mezes.»

— «Que fuja e que me não veja

quando eu for importunal-a!»

(Isto quer dizer: — inveja.)

— «Aqui estou eu, mais não lhe quero mal...  
o mal que eu lhe desejo elle me venha!  
que, andando no domingo á tarde á lenha,  
vi uma coisa que me fez scismar!»

— «Que foi, Maria?»

— «Conta!»

— «Que seria?»

— «Ao pé do *Monteiral*  
senti correr a toda a brida!... ergui-me,  
e vi por monte abaixo á desfilada  
o cavallo castanho da morgada,  
e a dona dobradinha como um vime  
sobre as clinas do bruto,  
que nem sequer levava um pello enxuto.  
Andavam na fundada uns caçadores,  
e ella correndo e olhando; de repente,  
ouvi-lhe... (ponho as mãos sobre umas *Horas!*)  
— Meu Deus! que ia eu fazer?... Oh! felizmente  
que me não viu ninguém! — Dobrou-se atrás...  
o cavallo empinou-*se!*... ó Mãe divina!  
foi-se a voltar e descambou-lhe um pé!...  
tentou poisar as mãos, fugiu-lhe o chão!...  
— Animo, *Açor!* — dizia-lhe a menina!  
eu, tremendo agachada,  
a cobrir-me co'as mãos para não ver,  
e elles barranco abaixo de roldão!»

— « Jesus! »

— « Meu Deus! »

— « Gritáras d'um penedo! »

— « Queria, sim, gritar, mas tinha medo  
d'ella morrer e d'eu ficar culpada!

Depois, fui-me espreitar d'entre uns silvados... »

— « E que viste? »

— « Jesus! que falta o ar! »

— « Vi-os ambos no chão estatelados,

na *Barroca da Serpe* lá no fundo;

e vi-a levantar-se a coxear,

encostar-se ao salgueiro, e ver na perna

muito sangue a correr e um bom rasgão! »

— « E tu sem lhe acudires!... sempre ha gente!... »

— « Nunca, nunca pensei que eras tão crua! »

— « Se me tremia tanto o coração!... »

fôras-lhe acudir tu, que és mais valente!... »

— « Que mais?... Viu muito sangue... continua! »

— « Vi-a sorrir, dizendo: — Pouco importa! — »

Depois, foi-se ajoelhar de vagarinho

ao pé do seu cavallo, que arquejava

sem se mover, no chão;

abraçou-lhe o pescoço, e com carinho

disse, pondo-lhe a cara sobre a clina

(assim Deus me perdôe!): — Eu não, estou morta!

não, não, meu pobre Açor!

mas fiz-te muito mal, fiz, meu amigo;

lambeste-me inda as mãos esta manhã,

eras tão bom e tão leal commigo!...

Jesus, como eu sou má!

Ergue a tua cabeça tão formosa;  
se podesses saber a minha dor!—

Elle, como se fosse alma christã,  
olhou para ella, assim como quem diz:

—Menina, eu bem percebo, mas não posso  
erguer-me d'este fosso!

—Animo, Açor! acima! acima! vá!  
não foi nada, passou! e eu nunca mais  
serei creança e louca; tu que queres,  
se trago tão perdido o coração!...

Açor, Açor, não ralhes das mulheres!—  
Cavallo em pé, e ella a lavar-lhe o sangue,  
sem se lembrar do seu! Deliberei-me  
a descer para ella, e já de perto:

—A fidalga caiu?— lhe disse. —Não!

O meu cavallo... um leve tropeção...

Mas peço-te um favor: não digas nada.

Ahi tens para os teus filhos.— Montou... foi-se!

Um pouco mais, e era uma vez morgada!»

.....

— «Lá que ella anda perdida de cabeça  
e assim meio arvoada;  
isso anda, o diabrete da morgada! »

— «E. então por boa peça! . . .»

— «Ó moleira! . . . começa! . . .»

— «Eu sei coisa mais bonita!

Ella anda sempre sósinha . . .»

— «Sósinha, a cavallo e a pé!»

— «Tal e qual!»

— «D'aquella idade,

nem sei como o pae a deixa . . .»

— «É preciso ser bem cru!

sem temor de Deus, nem fé!»

— «Cala-te, por caridade;

fallo eu, ou fallas tu?»

— «Quem falla és tu, Damiana;

acaba, acaba a conversa.»

— «Vinha outro dia na estrada,

ao pé da minha cibana . . .

contaram-m'o, que eu não vi;

vinha a passo, ou vinha a trote,

pouco importa para o caso;

nisto viu-se um rapazote

bem vestido, — um figurão!

já co'uma perita e um buço,

correndo atrás da morgada;

chegou, passou-lhe adiante

num lindo cavallo ruço,

virou, cortou-lhe a passagem,

e disse com ar chibante:



—Senhora, é longe a romagem,  
d'onde vem tão triste e só?—

Ella tremia, encarnada,  
a ver se avistava alguém.

—Bella, estamos sós na estrada,  
ninguem nos ouve, ninguém!

—A minha casa está perto,  
e eu não sei porque motivo...

—Primeiro foi por ter dó  
de achar assim num deserto  
uma menina tão só!

mas ao ver quanto é formosa,  
quem não ficára captivo?

—Senhor, os homens de bem  
respeitam sempre as mulheres!—

E nisto chorava a triste,  
e chorava tanto! tanto!

—Meu Deus! a chorar de pejo!  
o meu amor não resiste!

vou já seccar esse pranto,  
quero enxugar-t'o num beijo!...—

Inda não acabava, e já sentia  
cingida co'o chicote a cara toda!

Sentiu que a um grande abalo  
cedêra o seu cavallo;

olhou de roda... e nada!...

e nada!... Só se ouvia

um galopar ao longe, e uma risada

d'homem que estava perto e lhe dizia,  
apontando-lhe um punho vigoroso:

—Vá lavar essa cara!  
parece-me um leproso! —»

— «Bravo!» bradava o soalheiro em côro.

— «Viva a morgada!»

E a meia voz sorrindo:

— «Demonio da mulher! se ella anda espiritada!»

— «Aqui está quem a viu á meia noite,

ao pé da *Corredoira*,

a cantar, a cantar á lua cheia,

que era um regalo ouvil-a! uma sereia!»

— «Por uma noite bem bonita,

e de São João, por signal,

vi eu saltando a morgadita

numa fogueira no quintal

Saltava e ria que era um gosto;

trazia tudo em reboliço;

e as barroquitas do seu rosto

par'ciam rosas! que feitiço!

Nisto, ouviu-se de repente

na aldeia um côro a cantar;

ella escuta, e deixa a gente,

e vae sentar-se a chorar!

Isto vi eu! mas que choro,  
 que partia o coração!  
 e a dizer: — Que lindo côro  
 e que saudosa canção! —

Sempre vou dizer agora  
 o canto das raparigas  
 com que ella tanto se mata:  
 — *São João por ver as moças  
 fez uma fonte de prata!* —  
 Por isto só ella chora!»

— «Aqui ha tempos... haverá dois mezes,  
 fallou assim a um padre virtuoso:

—Tenho tanto dinheiro,  
 que nem sei mesmo em que o empregue ás vezes;  
 quer ser meu esmoler?

tome esta bolsa. — E disse-lhe um segredo.

Pouco tempo depois uma mulher,  
 a mais pobre e doente  
 de legua, ou legua e meia em redondeza,  
 tinha saia de pano forte e quente,  
 chinelas e bajú, camisa e cama,  
 e cobres na algibeira! — uma princeza!»

— «Mas se o pae lh'o não dá,  
 avarento como é, d'onde lhe vem?

No tempo em que era viva a santa mãe,

inda vá!

dava-lhe tudo, e bem podia ser...

mas assim, quem lh'o deu?»

--«Eu cá não sei!»

—«Sei eu!

uns anneis d'oiro que mandou vender!»

—«A morgadinha vae bem!

atrás d'um bom poupador...»

.....

—«Olha, olha o que lá vem!»

—«Bravo, que tafularia!

Quatro senhoras... tres homens...

com seu creado de farda!..»

—«Quem me dera na ucharia!

vae chegar nobreza em barda!

ha de haver vianda basta,

vinho a potes, doce a rôdo...»

—«Faz' como eu cruces na bôca

contra o demonio do engodo,

e vae-te espiando a roca.»

—«Olha esta que vae na frente!

como o seu vestido arrasta!

como o seu cavallo branco

dá pinotes de contente!...»

—«Parece nova e bonita

por baixo-do véu azul.»

—«Conheço-a: é D. Constança

do palacio do *Paul.* »

— «Rompe Troia esta peralta!»

— «Tal e qual.»

— «É pequenita,  
mas dança!... aquillo é que dança!»

— «Manha e léria não te falta,  
e por fim não sabes nada!

esta é prima da morgada,  
a que vive em Santo Estevão.»

— «Quem? esta, a D. Joannita?!...»

Se inda ha tres annos que a vimos,  
e ella era tão pequenina!...»

— «Fez-se mulher no entrementes!»

— «Oxalá que eu seja cega,  
e aquella rosa divina...»

— «Manaita, se juras, mentes.»

— «Sim, sim, seja lá quem for!»

— «Inda agora não conheço  
este paninho d'armar?!

Vêm-n-a ali muito aceiada?

vive por muito favor

na quinta que é da morgada.

É bonitinha e faz vista,

sabe escrever e contar,

mas nada tem, mesmo nada;

tem o que traz sobre o corpo...

se o não dever á modista.»

— «Dizem que o senhor Ricardo...»

— «Vá! dize tudo!... Já agora!...»

— «É quem lhe faz pé d'alferes.»

— «Queres dizer: — que a namora.»

— «Isso é que eu não sei, Thomasia;  
todas nós somos mulheres...»

— «Não te assustes do moscardo,  
que já tens a pell' durasia!»

— «Ó comadre, dá cá a mão!

Que menina!... A gente, ás vezes...

Quem falla? eras já taluda

pelo tempo dos francezes,

e queres fingir que não...»

— «Que Anna Bolena!...»

— «Caluda!

vossês não olham quem passa?»

— «Dois... quatro... cinco... seis... oito senhores!»

— «Felizes tardes!»

— «Venham com Deus.»

— «Olhem que graça!»

— «Lindos rapazes! lindos! oito flores!

sem presumpção! tirarem os chapéus!...»

— «Isto é gente de tronco!»

— «É um gosto vel-os!»

— «E os lacaios atrás... que bem fardados!»

— «Eu conheci-os todos: são morgados

que vem dançar á festa.»

— «E hão de ir dizer depois os da cidade,

os — carinhas de fome — que não presta!»

— «É verdade! é verdade!»

— «Ha de ser d'insilvar esta funcção!

Como a fidalga não será ditosa  
com tanto pretendente á roda d'ella,  
a dizerem-lhe todos que é formosa!...»

— «E que alegria o velho D. Gastão...»

— «Pois agora sei eu...

(neste mundo por fim é tudo engano!)  
quem ha de ter bem negro o coração!»

— «Eu sei!»

— «Mais eu!»

— «Mais eu tambem!»

— «Albano!»

(Ih! forte admiração!)

— «Pois pôde ser que eu me engane,  
mas de quantos vem á festa  
nenhum lhe dá mais affecto!»

— «Eu digo mais: nenhum presta  
ao pé d'elle, em corpo e alma.»

— «Aquillo é rapaz completo!  
basta ver com que amargura  
elle chorou por seus paes,  
que passou noites inteiras  
sobre a sua sepultura!»

— «Nem mais!»

— «Pois verás, não leva a palma;  
morre por ella, isso vê-se!  
mas, como se sente pobre,

quer voar, faltam-lhe as azas...

esmorece!»

— «Pobre, inda assim...»

— «Que tem elle?

tem a Domingas — a preta—

uns livros numa saleta

e os pardieiros das casas!»

— «Fazendas...»

— «Deve tudo!»

— «Foi uma casa grande!... más cabeças...»

— «E maus annos tambem. Por fim, Coimbra...»

— «Coitado, o pae... levou-lhe muito o estudo!»

— «Sim, sim! quem quizer que o gabe,

que a mim já me não engana!

Lá que elle sabe, isso sabe!

Anda agora de romagem

ao altar de S. José:

quer ver se faz a viagem

do Brazil, sem molhar pé.»

— «Se tu és moleira, e basta!

inda que alguém se levante,

sempre a tua lingua arrasta.»

— «Que tens que dizer d'Albano?»

— «Ora o lanudo! morgado!...

verieis que ao fim d'um anno

já andava mais penteado!

Diz assim uma cantiga:



*Não te importe a minha vida,  
nem te cansem meus destinos;  
tenho sido pretendida  
d'outros meninos mais finos.*

Aprendi-a em rapariga.

Que tome a frente quem ande,  
quem tiver azas — voar! »

(Não é difficil ser grande;  
difficuldade é medrar.)

.....  
.....

Já temos aprendido quanto basta.

Quando se anda buscando uma verdade  
é nosso mestre o mundo — a sociedade,  
na distancia do throno ao soalheiro.

Cada qual como póde a vida arrasta;  
tem o astrologo o céu; os reis, a terra;  
o diplomata, a paz; o heroe, a guerra...  
fique aos poetas... o universo inteiro.





CANTO V



PRENDA DE ANNOS





## CANTO V

### PRENDA DE ANNOS

Era a noite da loucura,  
da seducção, do prazer.

GARRETT—*Folhas caídas.*

Hoje é toda fulgor, toda fragrancia e musica,  
toda murmurio e riso, a senhorial mansão!  
reverberae, cristaes! soae, concertos magicos!  
voae, almas e amor, na valsa e na canção!

Erguei-vos de prazer, amantes seios turgidos!  
alegre mocidade, ebria de fogo e luz,  
estrellas do sarau—formosas virgens pallidas,  
dae, dae a mão tremente á mão que vos conduz!

Voejae na aerea dança, ó loiras aves nomadas!  
relampejae, fugi, reapparecei subtis!  
cruzae-vos, repassae, multiplicae reverberos,  
aureas visões d'um sonho! anhelos que sorris!

Erguei-vos, crepitae, tremei, luzes prismaticas!  
roseos festões, sorri! labios, fallae de amor!  
referva, corra, espume em Niagara esplendido,  
em ondas o prazer, em raios o esplendor!

Mal pisa o rancho aereo as alcatifas morbidas,  
de pombas semelhando, em seu voejar sem fim,  
bando que paira, e vae roçar co'as azas candidas,  
voando ao rés da terra, as flores de um jardim!

Redomoinhae na valsa, ó mariposas tremulas,  
que não sabeis que a vida ao pé da luz se esvae,  
e que ao prazer vos furta um só momento rapido  
entre o soar de um beijo e o esmorecer de um ai!

A vida é aura do mar que passa em harpa eólea,  
e treme de prazer ao som que fez vibrar;  
e em vez de ir seu destino, á rosa, aos céus, aos jubilos,  
volve, na harpa se enreda, expira e cae... no mar!

A dança é febre, excita!... e após, canção frigido  
que toma corpo e alma! É a virgem do salão,

ave agarrada a um seio onde Vesuvio intimo  
a espia e lhe prepara a morte na erupção.

Folgae, que o prazer passa e o baile tem bem proximos  
os lustres e a manhã! sonho de amor fugaz!  
raio que fulge e expira em meio a dois crepusculos!  
sorrisos que um bocejo accende e outro desfaz!

Virgens, segurae bem na lisa fronte angelica  
a singelinha flor que vossa mãe vos deu!  
se o baile vos tentar sumir no escuro vortice,  
furtae a flor e a mão á mão que vos prendeu.

E quando, após o baile, a estancia muda, placida,  
onde a innocencia véla os sonhos virginaes,  
vos acolher, não veja o vosso espelho fulgido  
o escorregar d'um pranto, o vasquejar dos ais!

.....  
.....  
.....  
.....

Ê toda hoje prazer, toda fragrancia e musica,  
toda esplendor e riso, a senhorial mansão!  
reverberae, cristaes! soae, concertos magicos!  
voae, almas e amor, na valsa e na canção!

No relvoso, extenso pateo,  
que circumdam trepadeiras,  
como doira as laranjeiras  
luz que foge dos salões!  
como bate nos seus muros  
e em seu ambito reboa  
tanta voz que dentro soa  
em protestos e em canções!

Como a fonte se derrama  
em palhetas de oiro e prata!  
como o lago lhe retrata  
tanto sylpho em seu cristal!  
como as flores das grinaldas  
que se encurvam das janellas  
bebem raios das estrellas  
nesta noite festival!

E as singelas camponezas  
que se encostam junto ao muro!  
que sorrir tão franco e puro  
de seus roseos labios sae!...

Como as aves, acordadas  
pelo estrondo e pelas flammias,  
se debruçam entre as ramas  
a espreitar o que lá vae,

e a cantar um canto vago



que aprenderam junto ao ninho,  
todo amor, todo carinho,  
todo aneio e candidez,  
como o idyllico murmurio  
que escutou discreta faia  
junto á fonte, ao pé da olaia,  
uma vez... uma só vez!

E o jardim! que mago aroma,  
nos canteiros e alegretes,  
de baunilha e limonetes,  
de violetas e serpol!  
e as campanulas, que tremem  
quando as beija a meiga lua!  
e a pendente fronte nua  
do saudoso girasol!

Vede agora em cada ramo  
dos loireiros viridentes  
quantas lampadas pendentes!  
quantos lumes a brilhar!  
Quem te deu, saudoso bosque,  
tantas folhas rutilantes?  
tantas flores de brilhantes?  
tantos pomos de luar?!

Tudo é luz, frescura e risos,  
tudo canticos e flores,

junto ao ninho dos amores  
 da formosa sem rivaes!  
 céu e lua, astros e brizas,  
 fonte e aroma, e rosa e planta,  
 tudo esplende e tudo canta  
 uns hosannas festivaes.

Quinze annos!... Luz de aurora e céu de amor!... quinze annos!  
 Ó rosea primavera! ó singeleza! ó graça!...  
 Que triste e longa historia ante os meus olhos passa!  
 que lutos eu colhi! que dor!... que desenganos!...

Cala-te, consciencia! esconde-te, memoria!  
 que vens aos meus festins, como tremendo espectro,  
 Macbeth ensanguentado, a reclamar teu sceptro!  
 a lividar-me o riso! a acinzentar-me a gloria!

.....

Quinze annos conta a bella Josefina,  
 e céus e terra lhe consagram festas;  
 como se a fada abrisse a mão divina  
 e apparecesse inteiro o paraíso.

No bosque onde estrelleja  
 tanta fulgente rosa diamantina,  
 ha murmurios, e danças, e coreyas.  
 Não são antigas nymphas das florestas:

são beiroas modestas,  
pobrinhas do logar,  
que trazem no regaço umas estreias,  
esp'rando que ali venha ella, a formosa,  
cheia de graça e riso,  
a quem hão de offertar a prenda pobre,  
lembrança do seu dia,  
e dizer-lhe: —Senhora, ao nosso lar  
chegou esta alegria!  
esta prenda é signal de muito amar  
à nossa irmã, qué é boa, e linda, e nobre;  
para que Deus a faça bem ditosa  
as nossas mães ficaram a resar,  
e nós, porque não finde a romaria,  
voltamos de hoje a um anno aqui dançar. —  
Depois uma florinha, uns ramilhetes,  
um pomo grado, uma fitinha verde,  
o alvo cordeiro, a trança de cabello,  
a fina renda, a caixa de alfinetes,  
o lencinho bordado, o annel singelo . . .  
os mil pobres thesoiros que adivinha  
no lar sem pão uma alma de rainha.

Alem, ao pé do lago,  
no floreo pavilhão,  
entram agora uns vultos, e em segredo  
fallam e andam subtis, como se a medo  
se escondessem ali! . . .

quem será?...

outros furtivamente colhem flores,

alecrim fino e ramos do arvoredor,

e os levam para lá!...

reina a fadiga, e em cada rosto ledo

ha susto que sorri!...

.....  
.....

Voltemos aos salões febricitantes,

ao centro do prazer, onde se inclina

cada frente, se passa Josefina;

cada lume, se os prismas de brilhantes!

Abri passagem à rainha,

nomadas grupos dos salões!

quando a realeza se avisinha

fazem-lhe estrado os corações.

Como é formosa! que singelo

vestido azul!... convem-lhe a cor!

no collo... o collo! e no cabello...

tranças lustrosas e uma flor.

Quem póde, quem sabe contar os segredos

que peitos amantes gemiam ali?

quem sabe que amores, anceios e medos

se escondem num rosto que treme e sorri?

Se as bellas soubessem que força de encanto  
lhes brilha no rosto, lhes soa na voz,  
que fogo celeste scintilla em seu pranto,  
na prece, no mando... que fôra de nós?

Não são as vaidosas que ostentam nas salas  
requebros mentidos, ou pompa fallaz  
de riso ou suspiros, de enfeites e galas,  
que prendem! rainhas d'um reino fugaz,

enluta-lhes o olvido as glórias da festa;  
a c'róa lhes murcha; o sceptro lhes cae;  
só tu, ó formosa, singela e modesta,  
conquistas imperio que nunca se esvae.

Onde ella assoma, o borborinho e o aspecto  
das salas se transmuta;

modifica-se o tom;

tal se altera na voz, na orchestra, o som  
que ora treme, ora ri, ora se enluta,  
quando surge no palco um nôvo affecto.

Eil-a junto ao piano.

Longe, no vão de uma janella, Albano  
buscando, sem ser visto, vêl-a e ouvil-a.  
Em volta d'ella, unidos, agrupados,  
para que os veja attentos a applaudil-a,

collocam-se os morgados.

A um lado, o nobre D. Gastão de Mello,  
 pae da gentil menina;  
 um velho alto, delgado, airoso e bello!  
 é como a faia entre floridos prados,  
 pois tem de neve as barbas e o cabello.  
 Cercam-n-o uns primos gordos e anafados.  
 Ao fundo estão Ricardo e Joannita:  
 elle, a satyra audaz, o fino engenho;  
 ella, a mais provocante morenita  
 que usa de signaes pretos semeados  
 em rosto malaguenho.  
 Grupos aqui e alem, e em roda as damas.

Vae cantar Josefina. O murmurinho  
 passa, rareia... expira!  
 o piano começa; as almas pendem  
 dos labios da tremente sensitiva;  
 já os vagos harpejos se suspendem;  
 Começa a virgem casta a

*Casta Diva!*

Ó lua, pára, escuta  
 o flebil canto aereo!  
 no espaço azul sidereo  
 se expande a vibração;  
 ouve a sacerdotisa  
 que em supplices accentos

e em magicos lamentos  
te invoca na amplidão:

— «Casta Diva que prateias  
a sagrada selva annosa,  
volve o rosto a nós, formosa!  
puro, limpido, sem véu!»

Parae, auras do outono  
que andaes furtando amores  
ao calice das flores,  
parae! ireis após  
levar á Casta Diva,  
que sobe á immensidade,  
as notas de saudade  
que solta aquella voz!

— «Dos crueis fogosos seios  
modifica a intensa chamma!  
branda paz aqui derrama  
como a paz que dás ao céu.»

Que voz! flexivel, meiga,  
e limpida, e vibrante,  
como em seu trilo amante  
a solta o rouxinol!  
tem da ventura o enleio,  
echos de voz que implora,

lamentos de quem chora,  
gorgeios do arrebol.

E Albano como a escuta  
ancioso, enternecido,  
tão louco e tão perdido! . . .  
A alma que lhe elle deu  
vae presa áquellas notas  
em mystico delirio  
a demandar o empyreo!  
a descansar no céu!

Terminado o canto angelico  
da saudosa cavatina,  
soa em côro applauso fervido! . . .  
Inda ao longe a voz divina  
se derrama em sons aereos  
pelos echos da campina,  
inda a lua melancolica  
ouve, pára, escuta, e inclina  
para a terra a fronte pallida,  
quando a virgem, purpurina  
como a flor de rubras petalas,  
volve ao astro que a domina  
meigo olhar ancioso e rapido,  
e no rosto que a fascina  
vê brilhar furtiva lagrima!



Que lhe importa o que ouviu, se todo o encanto  
está naquelle pranto?!  
se veio aureolar-lhe a fronte bella  
a luz d'aquella estrella?!

O grupo dos primos anafados

— «Que linda voz, meu primo D. Gastão!  
tomára uma rainha esta garganta!...»

— «Muito bem, muito bem, priminha! bravo!  
Meu primo, a tua filha quando canta  
faz mesmo estremecer cá dentro o peito  
á gente que tem alma e coração!

Eu tambem já cantei!...»

— «Ora! e eu que ouvi!»

— «Acompanhado a cravo.»

— «Bem sei, bem sei!»

— «A voz nesta familia é já de herança;  
meu pae, aquelle grande maganão!  
que era teu... nono primo, e se entroncava,  
tal como tu, na casa de Bragança,  
cantava no *Veludo* e na *Constança*!...»

— «E a prima, a... bisavó da prima Eliza!»

— «A mãe do primo Antão de Albergaria?»

— «Essa mesma! naquelle *Triste Mocho*!...»

— «Minha mulher, que é tua prima... oitava,  
como ella cantava:

— *Azas! azas como ao cysne!*  
*quero voar aos seus lares!*—

D'onde é isto, Gastão?... Elle sabia!»

— «É da *Nova Heloiza*;

isso não é *modinha*, isso é poesia!»

— «*Nova*, já não; mas é bonita a *Luíza!*»

— «Transumpto da alma de um illustre cego  
 que todos conheceis.»

— «Quem é?»

— «Castilho!»

— «Castilho!... não conheço; as *azas*, sim.»

— «Os cegos cantam coisas muito lindas,  
 e nunca vem de balde á minha porta,  
 que eu dou-lhes preferencia a qualquer pobre.»

— «Eu cá por mim  
 gosto d'elles; e tu, primo Gastão?»  
 Gastão sorria de piedade. Albano  
 chega no entanto e diz:

— «Peço perdão!

Castilho, o creador de tanta gloria  
 de inspirada poesia,  
 é vulto venerando, e serio, e nobre!  
 não vê, nem terá pão!... que é dura a sorte  
 dos que têm de viver alem da morte!  
 mas ha de dar-lhe aurea mortalha a historia!  
 Se o inspirado cantor inda algum dia  
 passar á vossa porta,

não entra, descançae! é muito grande,  
 não lhe cabe lá dentro a magestade!  
 Pobre morreu Camões; pedindo arrimo,  
 foi d'um servo, e não sua, a ultima prece!  
 por não achar palacio onde coubesse,  
 abriu-lhe o seu, que é immenso, a caridade!»

(Ignora tudo um nedio... oitavo primo!)

O grupo dos morgados em volta d'ella

— «Que bém, prima Josefina!  
 tomára eu ser lua agora!  
 veria se não baixava  
 dos céus onde ella fluctua...»

— «Que pena que seja a lua  
 tão inimiga da aurora!»

— «Bravo! formoso conceito;  
 a priminha é a aurora esquivada,  
 sim! e a lua... é... a Casta Diva!  
 muito bem!»

— «Porto e Lisboa  
 que blasonam de cantoras,  
 têm por lá muitas senhoras  
 que cantam bem! mesmo bem!  
 Como a prima Josefina  
 digo que não!...

não têm! juro que não têm;  
 nem mesmo as de profissão!  
 Ouvi cantar a Volpini,  
 a Borghi, a Lotti, a Tedesco...  
 inda tenho da Novello  
 tal ou qual reminiscencia...  
 nunca ouvi timbre tão fresco,  
 estylo tão puro e bello!...  
 nunca! em minha consciencia!»  
 — «Que bem, prima Josefina!»  
 — «Se os anjos cantam assim,  
 viver na mansão divina  
 deve ser bom!...»  
 — «Muito bem!...»

(Fallem antes para mim;  
 ella não ouve ninguem.)

Grupo de senhoras

Alto

— «Muito bem, e com muito sentimento!»

Entre si

— «A voz, coitada, é fraca, é de creança,  
 mas afinada muito, e graciosa.»

- «Deve estudar, que é uma bella esp'rança.»
- «Tenho medo que a percam tantos gabos: ella é modesta, hão de a fazer vaidosa!»
- «D'aquella idade... assim tão requestada!... olha! tudo ao pé d'ella!»
- «É muito rica, todos a acham bella!»
- «Um casamento bom para teu mano.»
- «Pois sim! tu não a vêes tão namorada?»
- «Já me quiz parecer! aquelle Albano!...»

—

Ricardo e Joannita ao fundo

- «Olha! as mulheres raivaram! vêes o desdem como adeja?...»
- «As novas, será de inveja.»
- «E as velhas porque acordaram. Como os prosapias cadimos fazem côrte a D. Gastão! vêes ali?»
- «De que será que elle ri?!»
- «Das tontices de seus primos.»
- «Ricardo, poupa a velhice! cabellos brancos são luto! e os nobres no seu caminho...»
- «Plantam *arvores* sem fructo com folhas de *pergaminho*, bem sei.»

— «Ricardo, obrigada!»

— «Dão, por descuido, um raminho...»

— «Como eu... por estar presente.»

— «Não; porque a minh'alma o sente.»

— «Lisonjeiro!... e Josefina?!»

— «Outra flor exceptuada.»

— «E tu?»

— «Por ora mais nada.»

— «Mas tu, que és filho de nobres...»

— «Não tenho primos grutescos!

Eu e tu, minha Joannita,

inda temos uma dita!...»

— «Dita de...»

— «Por sermos pobres

perdermos taes parentescos.»

— «Ricardo!... Lingua maldita!

Ouve!... a voz de Albano!... escuta!...»

— «Bravo! estylo romanesco!...»

.....

— «Aquillo sim, que é nobreza!»

— «Aquillo sim, que é loucura!

De formosas phrases ôcas

tem a indigencia fartura!...

Este orgulho de pobreza

não enche, mas incha as bôcas...

Se ha nada mais quixotesco!»

— «Até de Albano, Ricardo?!

Mas tu bem vês, nem tugiram,

nem palavra responderam.»

— «Vae-lhes perguntar se ouviram,  
e, ouvindo, se perceberam.»

.....

— «Repara, Ricardo! attenta  
no cortejo ciumento  
que persegue Josefina,  
e como ella, estranha á luta,  
me parece venturosa  
de ouvir tanto rendimento!...»

— «Podéra! se os não escuta!»

— «Ricardo, agora sê meu...»

— «Agora só?»

— «Deixa os mais,  
que tudo que não sou eu  
se me afigura rivaes.  
Sou muito, muito zelosa...  
Sempre um riso impertinente!...  
Ouve e responde: imagina  
que vens lá de muito longe,  
que chegas, e de repente  
vês Joannita e Josefina:  
qual te parece mais bella?»

— «Ella.»

— «Mal haja a minha pergunta  
e a tua rude franqueza!»

— «Pergunta mais: — E a quem davas  
logo inteiro o coração?»

— « Eu?! ... Não! »

— « Vou, sem gracejar agora,  
fazer-te uma confissão:  
eu sou ... se queres, um louco ...  
um philosopho ... um perdido ...

importa pouco!

homem sem alma,  
sem futuro e sem historia,  
que nunca soube se a palma  
que deixára após é symbolo  
de um martyrio ou de uma gloria,  
mas que em seu correr sem norte

um dia enfim parou,

porque te viu e amou.

Agora, minha morena,  
pelos teus olhos ardentes!  
pelo teu cabello ondado!  
pelos signaes do teu rosto,  
que o fazem tão namorado!  
por esse riso que nasce,  
como nasce o sól, tremendo,  
tremendo na tua face  
por mais que o rosto lhe esquives!  
por ti! pelo teu futuro ...  
por minha mãe! que mais queres?

juro

que vivo, porque tu vives,  
e morro, se tu morreres! »



Veiu o piano interromper a musica

d'este divino enleio:

pelos rosados labios de Joannita

lhe transbordava o seio

em ondas de prazer, amor e dita.

Cobriu de melodias o piano

os effluvios da ardente namorada,

como cobre o véu branco e transparente

o celico rubor da desposada.

Vae recitar Albano;

Josefina acompanha em lento harpejo

os versos de uma valsa apaixonada:

— «Ó primavera! é tua festa esplendida!

tudo o que exulta é convidado aqui!

tudo se achega aos teus effluvios mysticos!

tudo se enfeita, e refloresce, e ri!

Tudo é feliz! tudo o que nasce e cresce,

viça, floresce, luz, rasteja ou se ergue,

voa, braceja, corre, canta ou chora;

a noite, a aurora, o paço, o templo, o albergue!...»

.....

E a mal soada musica

voejava no teclado

como os murmurios tremulos

de um seio apaixonado

que diz segredos celeres  
 balbuciando um—sim!...  
 Vede os suspiros trepidos  
 e as faces de carmim.

.....  
 — «Tudo é feliz! de musgo novo, morbido,  
 os ninhos brotam no arvoreda a flux!  
 Bemvinda aurora dos bafejos tepidos,  
 chuvas de flores, e canções e luz!

Em nuvens de oiro o immenso espaço abysmas!  
 dás novos prismas ao painel sidereo!  
 suspenso orvalho de esplendor saudoso!  
 pó luminoso do caminho ethereo!»

.....  
 E o mystico dialogo  
 — a musica e a poesia—  
 recresce em fogo e jubilos,  
 como ondas de harmonia!  
 A rosa tenra e timida  
 ergue a corola ao céu!  
 A branda vaga nomada  
 referve no escarcéu!

.....  
 — «Tudo é feliz! cada sorriso fervido  
 diz (e não sabe porque o diz)—amor!—  
 cada suspiro se prolonga em extasis,  
 e diz ternuras em secreto á flor!

Tudo é feliz! a das soidões senhora,  
 fera ou pastora que descanta e ama,  
 acha por leito, do arvoredó á sombra,  
 flaccida alfombra na propicia grama!»

.....

Ai! que voejar de fremitos  
 nos dois amantes seios!  
 que arroubos tão poeticos  
 de amores sem receios!  
 Nem um vapor tenuissimo  
 viam erguer-se ao sul!...  
 Dois cysnes sós, reconditos  
 sobre o seu lago azul.

.....

— «A terra exulta, e do seu manto gelido  
 sacode as pregas, reverdece emfim;  
 e o vento que hontem rebramava asperrimo  
 tornou-se aragem mal que a viu jardim!

Ao bafo agreste do florente maio,  
 a cada raio que descer do empyreo,  
 arma-se um ninho no folhudo acantho,  
 accorda um canto e desabrocha um lyrio.»

.....

E a turba espreita-os avida,  
 e elles não vêm a turba!  
 que importam rostos pallidos,  
 se amor se não perturba?!

que importa ao coro angelico  
 o uivar da multidão?  
 Amor, tornara-os unicos,  
 e em torno... a solidão!

.....

— «Ó florea fada! em teu regaço provido,  
 se a minha fronte se pender... bem 'vês,  
 a vida é sonho!... ó meiga fada, acolhe-m'a!  
 eu sei de certo que te cáio aos pés!

Tudo é feliz! tudo o que nasce e cresce,  
 voa, floresce, luz, braceja, ou corre!  
 eu só, nas trevas da soidão, commigo  
 ás vezes digo: — É bem feliz quem morre! »

.....

E as harmonias celicas,  
 como de voz doente,  
 vão-se apagando languidas,  
 e expiram brandamente!...

Tal a avesinha pavida  
 desce cançada ao chão,  
 e com sua aza candida  
 aperta o coração!

.....

— «Fugi, fugi, cerradas sombras turbidas!  
 longe os lamentos! não se escute um ai!  
 Eia, poetas! ao concerto idyllico!  
 pulsae a lyra! o sol é nado! — amae!

Eu quero a vida! enquanto amor nest'alma  
 regar a palma que hei de ver florida,  
 e a minha estrella me apontar um norte,  
 alma, sê forte! eu quero o amor e a vida!»

.....

Já para o extremo anhelito  
 ella cessára o canto;  
 pejada nuvem tumida  
 veiu enlutar o encanto!  
 Nas entre-abertas palpebras...  
 presentimento ou dor?...  
 tremiam duas lagrimas!...

.....!

Assim floreja amor!

Depois, de novo o baile, o turbilhão, a dança!  
 após lenta quadrilha, o remoinhar da valsa!  
 febre, paixão, furor, que mais e mais se exalça!  
 Tal se enfurece o lago após curta bonança.

E a noite passa lenta, e a lua desce, desce,  
 triste como surgiu nos plainos do infinito;  
 e encosta a fronte á serra, ao leito de granito...  
 virgem que vae dormir, e resa a ultima prece!

Já no oriente fulge um reluzir esquivo;  
 doideja inã o prazer na senhorial estancia;

hora dos filtros maus que exhala, na fragrancia,  
a flor; no olhar, a bella; e o seio no — ai — furtivo.

Quem passeia nos jardins?  
quem, no bosque illuminado?  
algum par enamorado  
que vem fugido aos salões,  
para dizer ás estrellas,  
ás fontes, ao bosque, ás flores,  
confidencias dos amores  
que trazem nos corações.

Pois se os jardins e se as fontes,  
astros, aves e arvoredos  
ouviram ternos segredos,  
juras e timidos ais,  
e os hão de guardar comsigo,  
não seja a lyra indiscreta;  
diga-os sómente ao poeta,  
longe de ouvidos mortaes.

E após um grupo, outro grupo;  
e após um par, outro desce;  
e a pouco e pouco emmudece .  
o palacio festival.  
Vinde todos á frescura  
do vergel convidativo;

vinde! e assistireis commigo  
do baile ao quadro final.

Na clareira do bosque onde se ostenta  
o floreo, illuminado pavilhão,  
Josefina agradece ás camponezas  
as mil singelas prendas que lhe dão.

Ouvi:

— «Bella Maria, o annel tem lettras!»

— «Querem dizer *amor*; leia, menina;  
enfiei-lh'o a cantar, e é branco e verde:  
são signaes de ventura; olhe se o perde.»

— «Porque lhe não pozeste — Josefina —?»

— «É muito grande, e não cabia nelle.»

— «Hei de guardal-o bem. Rosa, o cordeiro  
que tu me deste anda a chorar por ti;  
tem rasão, tem...»

— «Senhora, é tão fagueiro!...

a flor do meu rebanho!...

faça-lhe festas; é porque anda estranho;  
verá que, se o pozer no seu regaço,  
e lhe der muito beijo e muito abraço,  
lhe lambe as mãos e lhe adormece ali.»

— «Como eu vos agradeço, raparigas!  
heis de jantar commigo de hoje a um anno;

já vos convido aqui, minhas amigas.

Hoje sou muito rica!

todos me deram prenda... exceptuando  
um grande ingrato... que se chama Albano.»

— «Senhora, a vossa festa  
nunca podia ser-me indifferente,  
não m'o consentiria o coração;  
guardei-me para o fim humildemente:  
a minha pobre prenda, por modesta,  
escondeu-se naquelle pavilhão!»

E tudo corre á porfia,  
e tudo grita e braceja,  
tudo ri, tudo vozeia!  
Quem será o afortunado  
que entre primeiro, e que veja  
por dentro o caramanchão?  
Ai! que febre de alegria,  
a d'esse enxame doirado  
que entre as folhagens volteia,  
e se enovela e se estende,  
chega á porta e se comprime,  
passa, irrompe de roldão!

.....

Ao descobrir-lhe o centro  
grita surpresa a turba!

Um grupo divinal era lá dentro!



Em molle cadeira coberta de flores,  
                   camélias e amores,  
 e myrtos e loiro, serpol e alecrim,  
 a velha Delfina sorrindo chorava,  
                   e rindo a guardava,  
 d'aqui, Rosalina; d'ali, Seraphim.

Os anjos, que a velam, de branco vestidos,  
                   de rosas cingidos!  
 a pobre é viuva, trajava de dó!  
 do pano mais fino, roupinhas e saia!  
                   collar de cambraia! . . .  
 o aceio escondendo miserias de Job!

De tamanha surpresa recobrada,  
 chega-se á pobresinha, Josefina,  
 abraça-lhe a cabeça, e diz magoada,  
 tomando para si os dois anjinhos,  
 guardas d'aquella martyr, e encostando-lhes  
 ao regaço as cabeças:

— « Bem, Delfina!

bem hajas que vieste! — astro propicio  
 é-me o teu meigo olhar; e o astro veiu  
 presidir ao meu dia natalicio . . . »

E disse a pobre a estremecer-lhe o seio:

— « Senhora, não sei se é sonho

todo este quadro risonho  
 que está passando por mim!...  
 deixae-me chorar, senhora,  
 que sou tão feliz assim!...  
 Ao ver-me entre tanta dita,  
 tão contente e aceiadinha,  
 —que é isto? pois quem sou eu?  
 scismava commigo;  
 uma mulher que morreu...  
     e de repente  
 foge, deixa a fria cova,  
 leva dois anjos consigo,  
 e chega ás portas do céu  
     muito contente  
 por ir co'a mortalha nova! »

Josefina tomára a mão de Albano;  
 aos dois lados o amor e a caridade;  
     a desgraça no meio;  
 completara-se o grupo divinal!  
 elle a sorrir, ella a ínundar de lagrimas  
 o rosto meigo, o casto, eburneo seio!

.....

    Eis os brilhantes  
 que ficam bem, trementes, fulgurantes,  
 scintillando num collo virginal.



CANTO VI



IDYLIO EM GETHSEMANI





## CANTO VI

### IDYLIO EM GETHSEMANI

Ignez

— « Mas o dobrar da torre, aquelles sinos  
não fallaram commigo? .....

Leonor

— « Mui timida sois vós! agora o vejo!  
porque um sino tocou, já são desastres! »

A. F. DE CASTILHO — *Noite do Castello.*

Começa a via-sacra, e talha-se um sudario!  
cae o matiz á flor! descobrem-se os espinhos!  
transformam-se em mortalha a purpura e os arminhos,  
e Gethsemani está na base do calvario!

Feliz quem neste mundo, ao rés da sepultura,  
achar, como Jesus, propicios olivedos,  
disser á solidão seus ultimos segredos,  
e erguer co'a mão bem firme o calix da amargura!

Dez horas da manhã seguinte á festa da bella Josefina. Albano entrava em casa de Ricardo: ia mais pallido, mas co'a fronte mais alta e mais soberba, e crispava-lhe os labios um sorriso.

— «Não dormiste, bem vejo; a cara o mostra.

Meu feliz *D. Juan*, és um demonio!

em amores não tens de que te queixes;

e, com ares de novo Santo Antonio,

andaste-me a fazer sermões aos peixes!

Duvido que os convertas, meu amigo!

Pobres primos!... e então sermões em grego!

fallar-lhes de Castilho e de poesia!...

queres acostumar (louca porfia!)

à luz do sol os olhos do morcego?!»

— «Inda os ha que vêm longe!»

— «Que?! de dia?!»

— «Lê, Ricardo.»

— «Papel que cheira a rosas!...

bilhetinho da bella namorada!...

Então são versos teus! nenias queixosas

contra o invejoso alvor da madrugada!»

— «Lê, Ricardo.»

— «Vou ler. A assignatura

diz... —D. Gastão!... — Olá, meu caro amigo!

— Escutae-me, senhor (Estylo antigo,

mas portuguez de lei) que é grave e serio  
o que venho dizer, e breve o digo:

Esquecestes (e de certo  
por distracção!) de quem era  
a casa onde entrastes hontem.  
Pensae se foi desacerto  
desairar lá sem motivos  
quem tanto vos considera.  
Já agora na minha idade  
não é nobre que me affrontem,  
e aos meus parentes e amigos.  
A mocidade parece  
que no desvario exulta!  
e como os velhos são francos,  
venho dizer-vos: — Senhor,  
quem de si proprio se esquece  
e os meus hospedes insulta,  
cospe os meus cabellos brancos.  
Já sabeis, quero-o suppor,  
o que a nós ambos importa:  
é nunca, nunca esquecer  
que fechastes ao descer  
com grave estrondo esta porta. —

Reparaste na lettra? é grada e firme!  
e falla bem meu primo!»

— «E mira ao largo!

Venho pedir-te, amigo...»

— «Vens pedir-me  
que seja teu padrinho! honroso encargo!  
o florete, a pistola, a espada...»

— «Espera.

Duello é jogo cego, e eu nunca jogo,  
nem por juiz aceito essa chimera  
que dá sentenças de honra a ferro e a fogo.

E depois D. Gastão

dispoz com mão de mestre uma estocada,  
e correu-m'a direita ao coração...»  
— «Com ar de quem não sabe usar da espada!  
Tudo por honra e gloria de seus primos,  
dos quaes sómente fez uma parede  
para esconder a filha aos teus amores.  
Vê com quanta nobreza te despede  
o *illustre rebentão de avós senhores*,  
como diria Horacio. Mas tu vinhas,  
co'o ar (bem natural!) de quem não gosta,  
pedir-me...»

— «Lhe levasses a resposta.»

— «Em que estylo? sermão de quantas linhas?»

— «Escuta e vê:

— Senhor,

comprehendo a vossa carta!

enviou-m'a um odio atróz... que pouco monta,  
escreveu-m'a o designio de uma affronta,  
dictou-a uma ambição que se não farta.



O pretexto que destes,  
perdoae-me a palavra... é baixo... é vil!...  
e quando a carta hypocrita escrevestes  
nem vos tremeu sequer a mão senil!

Porque me não dissestes:

—Albano, és louco; eu sei dos teus amores,  
não tentes impossiveis. Eu sou pae,  
adoro a minha filha, e taes grandezas

lhe sonhei no futuro,

que nunca, nunca, Albano, lh'as daria,  
por mais que te envaideça a ignota lyra,  
um noivo como tu, que és pobre e obscuro!—

Ousasseis vós dizer-m'o!... e era mentira!

ai! que nem vós sabeis quanto eu podia!

mas fallava-me um pae, e era sagrada

a mão que se me vinha pôr diante,

a voz que me accusava do meu nada.

Assim fallou-me... um cavalleiro andante,

Magriço de uns illustres parasitas...

illustres... vêde bem que digo —illustres!—

não mais me accusareis de irreverente

para com essas pobres creaturas

que não têm no futuro, no presente,

nem inda no passado... oh! não! silencio!...

deixemos o segredo ás sepulturas!

Vós, sim, suppunha eu nobre, D. Gastão,

e é pena que tenhaes um coração

pequeno, como agora se descobre.

As phrases, fezes d'alma que está mortã,  
que me dissestes ao fechar-me a porta,  
são de um guarda portão, não são de um nobre. —»

— «E nada mais, Albano?»

— «E nada mais.»

— «Deixa ficar a carta.»

— «E se t'a não recebe? e se a não lê?»

— «Eu leio-lh'a, descança; deixa-a aberta.

Queres que Josefina...»

— «Oh! não! jamais!»

— «Tens pois alguma esp'rança, alguma fé?»

— «Nenhuma; o meu futuro está perdido.»

— «E dizes-me isso assim co'a cara enxuta,  
e ficas-te a scismar esmorecido!»

— «Pois eu que hei de fazer, Ricardo?»

— «Luta!

Sae! sae-me já de aqui  
e deixa-me pensar:  
os grandes pensamentos  
procuram-se pelo ar  
e encontram-se nos ventos.  
Vae passear, Albano;  
refresca essa cabeça;  
verás que é pouco o damno,  
por mais que se encareça;  
e eu sou teu diplomata.  
Sorris com ar de dó?

Pois bem, sorri!  
 Deixa-me só,  
 e á noite, aqui!»

Albano deu-lhe a mão,  
 e saíu;  
 e Ricardo, apertando o coração,  
 murmurava baixinho a sós comsigo:  
 — «Lá vae! d'aquella sombra o espirito partiu!  
 Mataste-o, D. Gastão! mataste o meu amigo!»

Vae-se findar o dia eterno e sem conforto!  
 vejamos noutro quadro, em que mais punge a dor,  
 como o infeliz sorri! como acrescenta amor  
 venenos de amargura ao martyr no seu horto!

Albano enfim cansado,  
 talvez perdida a propria consciencia,  
 foi assentar-se e repousar, coitado!  
 sobre os gastos degraus de pobre ermida  
 que demora a noroeste, e da eminencia  
 vigia o povoado.

Escutae! falla só! e inda na mão  
 tem a carta fatal de D. Gastão:

— «Pallidas frondes que a outoniça aragem  
sacode com seu halito de morte

no roble que estremece!

flores que após sasão rides no prado  
por engano do sol, e a noite gelida

enruga e amarellece!

como vós sois formosas nestas veigas!

que amavel pallidez melancolisa

a vida que vos foge!...

como as aves canoras do arvoredado

cantam comvosco os carmes de saudade

do curto dia de hoje!...

Hoje! hoje, é para vós toda a existencia!

âmanhã quem verá no prado a rosa,

e quem, no roble, a fronde,

se a geada nocturna ha de crestal-a,

e as brizas matinaes leval-a á campa?!...

Ventura que se esconde!

Sympathica estação das luzes timidas,

confidente fiel dos que têm maguas

que não revela o rosto;

diz riso a primavera, e tu, saudade?

eu quero mais que ás rosas da alvorada,

aos lyrios do sol-posto!

Quero-te muito! eu, como tu, sou triste!

és a minha estação, que me disseste  
 as penas que ora sinto!  
 ultimo som de um cantico sagrado!  
 ultima luz, no templo do universo,  
 de cyrio quasi extincto!...

Nasci para romeiro de ruinas.  
 Minh'alma atribulada é como a lampada  
 em templo solitario;  
 se o temporal invade a rota ogiva  
 e m'a extingue, quem ha de alumiar-te,  
 meu intimo sacrario?!...

Vejo-me em ti, retrato meu symbolico!  
 perdes, uma por uma, a folha, as flores,  
 os fructos, as bonanças,  
 os cantos de ave, as virações balsamicas,  
 'té seres mudo e nu! e eu perdi todas  
 as minhas esperanças.»

Assim dizia o triste, o sonhador Albano,  
 co'o rosto sobre a mão, co'a vista esmorecida,  
 sentado no portal da pardacenta ermida  
 da *Senhora do Amparo*. E alem, se não me engano...

Jesus! Jesus! faltava-lhe  
 agora aquella dor!

Mal sabem os ditosos  
quanto és veneno, amor!

Lá vem por detraz da ermida  
a graciosa Josefina  
    pé ante pé...  
subtil, aerea, escondida!  
Pára... escuta... espreita... esconde-se...  
alonga o collo... e o retrae  
quando Albano, que a não vê,  
se move, ou disfarça um ai!...  
Mais um passo a furto e a medo;  
e, se as auras chocalheiras  
se baloiçam nos sarçaes,  
põe ella um dedo na bôca  
    a impor segredo  
ás hervinhas, ás balseiras  
e aos sonoros pinheiraes.  
Se um tentilhão se esvoaça,  
ou pisco serapintado  
    pia e passa  
junto a pardal invejoso,  
ou cotovia loquaz,  
ella treme de impaciente,  
ruga o rosto nacarado,  
e refoge um passo atraz.

E assim, timida, furtiva,

ingenua, accesa, fugaz,  
impalpavel, fugitiva,  
vae-se a ermida costeando,  
sem que ruja um pé no chão,  
sem que exhale o som mais brando.  
Dissereis que a santa empreza,  
a piedosa romaria,  
dos céus á terra baixára  
o anjo casto da alegria,  
e parára  
junto ao vulto da tristeza.

— Que fazes tu, virgem? foge!  
aurora, vens ao sol-posto,  
e no teu candido rosto  
tanta alegria retratas?  
Innocente, olha que o matas  
co'o teu sorriso fagueiro!...  
Oh! não! vem! que o dia de hoje  
é talvez o derradeiro!—

Quando chegára ao cunhal  
da ermida, que o sol banhava  
a declinar no occidente,  
não reparou que ante Albano  
seu vulto se projectava,

e que, enquanto ella o julgava  
 immerso em seus pensamentos,  
 elle lhe via na sombra  
 as fórmãs e os movimentos.

Viu-a, e escondeu no peito  
 subito a carta fatal!  
 O sangue girou violento!  
 ensanguentou-se-lhe o aspeito!  
 viu, por entre visões turbidas,  
 a campa, o esquife, um punhal!  
 A vertigem foi relampago:  
 fulgiu, passou num momento.  
 — Albano, Albano, sê forte!  
 — dizia o triste — é preciso!  
 amanhã já vem a morte!  
 Mente, Albano!... estamos sós!  
 Martyr, prepara um sorriso! —

Depois, levantando a voz,  
 e inda a fingir que a não via:

— «Meu Deus! como sou feliz!  
 O sol é meu confidente:  
 vê tudo, e tudo me diz!

.....  
 Nunca falta, inda que tarde,  
 uma flor que esmalte um sêrro;



cada alma a cumprir desterro  
tem sempre um anjo que a guarde.

.....

O meu, que é ciumento e avaró  
da alma que Deus lhe confia,  
é já perto e me vigia...  
diz-m'ó a Senhora do Amparo.

.....

Jurára que, surprehendido  
de ver que o vejo em meu seio  
como num limpido espelho,  
com pudibundo receio  
retrae o rosto vermelho,  
e o tem nas mãos escondido.

.....

(Ai! a mentira-esmola,  
a quem se dá consola;  
mas dilacera o peito  
o riso contrafeito.)

De novo o seu collo estende,  
de novo o seu rosto inclina...  
diz-m'ó este sagrado lume  
que dentro de mim se accende  
ante o olhar que me fascina!  
diz-m'ó o celico perfume  
que em torno de mim se exhala!  
diz-m'ó à luz, que mais esplende

e o murmúrio, que se cala  
 ante a aparição divina  
 do meu anjo guardador!  
 sei, sei que és tu, Josefina!  
 diz-m'ó o sol e o meu amor!»

Ella corre e lhe entrega  
 a seductora mão,  
 que Albano aperta, e beija,  
 e leva ao coração.

— «Que faz aqui tão sósito  
 o meu querido poeta?»

— «Scismava num quadro bello!...

pedia ao mestre infinito  
 inspiração, tella e côres  
 para pintar... imagina!

todo um poema de amores  
 num retrato de Julieta,  
 e nisto chega o modelo!»

-- «Sou eu?! vê que amavel sina  
 me trouxe aqui!...

mas tu scismas co'ó infinito,  
 e eu sómente scismo... em ti!»

— «Pois se a creação divina  
 em ti o céu me traduz,  
 não vês que és tu, Josefina,  
 o meu quadro tão formoso!

o sol c'roa-te de luz!  
 tens, por fundo, o céu radioso;  
 por artista, a inspiração  
 que vem de ti e a ti volve;  
 por sendal, o casto véu  
 da pudibunda belleza;  
 e eu tenho, da audaz empreza,  
 um grande amor, que me absolve!»  
 — «Mas falta ao quadro um Romeu,  
 serva de rosto assustado,  
 e a calhandra sentinella  
 que nos mostre de alva a estrella,  
 denuncia do novo sol.»  
 — «Bem vês que é meu quadro, ó bella,  
 todo *a giorno* illuminado.  
 e se uma noite sombria  
 o envolvesse, eu preferia  
 à calhandra o rouxinol.»  
 — «E a tal ponto sou formosa  
 que inspire ao teu coração  
 palavras que são poemas  
 de uma ignota seducção?»  
 — «Se és formosa e se me inspiras?!...  
 pois, mal teu rosto apparece,  
 não vês que tudo me esquece?!...  
 mal que se ouve a tua falla,  
 não vês que tudo se cala,  
 balsas, brizas, aves, lyras?!...»

Pois tu não sabes que és bella?»  
 — «Tu dizes-m'o, e tu não mentes;  
 o teu olhar me revela  
 que dizes tudo o que sentes.  
 Nunca pensei tanto em mim  
 como ha muito poucos dias  
 vou pensando!

queres saber?... mas não rias,  
 e nem me julgues vaidosa:  
 quando passo no jardim  
 não sou boa como d'antes!  
 tenho invejas que não tinha!...

De quando em quando  
 páro a ver humida rosa  
 que me acena e me sorri!  
 e os meneios petulantes,  
 que só lhe descubro agora,  
 nunca os vi!...

e digo-lhe afflicta e má:  
 — Sim, sim, serás mais formosa,  
 mas amor ninguem t'o dá; —  
 e quando sou tão raivosa...  
 tu és bom... mas penso em ti,  
 que a estás olhando tambem...  
 não com odio!... com desdem!»  
 — «Odio ou desdem, Josefina,  
 á pobre rosa!... que horror!  
 mas se eu lá andasse contigo

não via a pobre da flor!»

— «Oh! bem hajás, meu amigo!

Quando vejo erguer-se a aurora

do seu leito fulgurante

e admiro tanta alegria

no seu rosado semblante,

e os olhos da côr dos meus,

profundos, grandes e bellos,

rasos de luz tão brilhante,

eu julgo que é minha irmã:

— Porque me negaste, ó Deus,

exclamo, os loiros cabellos

que deste á aurora louçã?! —

Vês? tenho pena!»

— «Da aurora fulgente e amena

fez-te Deus transumpto ethereo

na frescura do teu rosto;

para cumulo de amores,

ás ondas dos teus cabellos

quiz dar as nocturnas côres:

e eis-te o divino composto

de riso, amor e mysterio!»

— «Bem! nunca mais tenho inveja

da minha irmã desditosa,

que, em vista d'isso, deseja

ser... tanto como eu, formosa!»

— «E pôde invejar-te, e deve;

que do mar no espelho liso

não vê bôca de tal riso!  
nem faces tanto de rosa!  
nem collo tanto de neve!»

— «Pois sabes? quando no espelho  
fui hoje ver o meu rosto  
tive um tamanho desgosto!...

pareceu-me feio e velho!

Repara bem: pois não vês  
que ora sou verde e amarella,  
ora o rosto de vermelho  
dardeja lume e calor?

Não é de rosa esta côr,  
nem aquella é pallidez!»

— «É que o teu sangue anda em vagas,  
e, ou sobe ao rosto o cachão,  
ou desce ás intimas plagas,  
e dorme no coração;

maré montante e vasante,  
febre, aneio e convulsão!»

— «Marinheiro, marinheiro,  
que sabes tanto do mar,  
e não quizeste fallar  
de bonança e de aguaceiro!»

— «Ai, filha minha, que dizes?  
pois tens um céu tão sereno  
e um caminho tão ameno  
de fragrancias e matizes,  
e fallas de tempestades...»

— «Não! só de prenuncios fallo.»

— «Os teus extasis divinos...»

— «São de... não sei que saudades!

De dia canto e estremeço!

de noite sonho e esmoreço!»

— «Dormes o somno da infancia...»

— «E acorda-me intimo abalo!

Assusto-me de tudo!

tremo de cada voz:

do campo, se está mudo;

de estar contigo a sós;

do riso de meu pae;

das flores do meu quarto;

do fumo que se esvae;

de ti, se me procuras;

de mim, quando me aparto;

dos cantos da ave;

da flor; do arbusto;

da funda nave

do templo augusto!...

serão loucuras,

mas tenho medo.

Albano, juras

que serás meu?...

oh! não! não digas!

o teu segredo

póde matar-me!...

oh! não!...

cala-te, Albano, que nos ouve o céu!...

Ai!... meu coração!...»

E um soluçar que lhe intumece o peito,  
lhe inunda o rosto e lhe estrangula a voz!

Albano, ante ella ajoelhado, ancioso,  
abraça contra o seio o meſto lyrio,  
que chora de mimoso;

vae fallar... sente a mão d'ella nos labios,  
e beija-lh'a em delirio!

E a Virgem Santa, que da ermida ouvia  
os ais d'aquella dor,  
velava-os e sorria!

se era tão casto aquelle immenso amor!

.....  
Foi-se apagando a pouco e pouco o incendio;  
foi-se encurtando o soluçar e o choro;  
foi-se accendendo sobre a face um riso,  
e abriu-se emfim a melindrosa bôca  
para dizer em tom de aereo cantico  
de anjo descido ali do paraizo:

— «Não vêes como sou louca?»

— «Minha querida, escuta!»

— «Logo! espera.

Lembra-te acaso a nossa meninice?»

— «Se lembra!...»

— «Nessa quadra dos delirios  
um dia, ao mando de infantis amores,  
tecemos no jardim duas capellas



e coroámos nossas frentes bellas...  
 (horrendo agoiro!) sabes de que flores?  
 de perpetuas, de goivos e martyrios!  
 Que triste acaso nos guiava o instincto!...

Tinha eu tres annos quando a vez primeira  
 transpuz o limiar da tua porta  
 pela mão de meu pae; triste romeira  
 que ia ver a que tanto me queria,  
 a tua santa mãe, e achava-a morta!...  
 vê se me eu lembro ou não. Depois, morria  
 minha mãe no teu dia anniversario!...  
 Teu pae, quando tu vinhas de Coimbra  
 da conquista de illustres pergaminhos...  
 e quando eu lhe beijava de contente  
 o rosto e as mãos, e em férvidos carinhos...

Mas para que lembrar a dor vehemente  
 que venerâmos no intimo sacrario?...  
 zunia sobre nós da sorte o açoite!...  
 Já d'este amor a immensa chamma ardia...

    ha pouco mais de um anno!  
 em Santo Estevão, lembras-te? era noite:  
 atravessámos o relvoso pateo;  
 a lua cheia dominava o céu!...  
     era em agosto, Albano;  
 ao norte, a serra, negra como um tumulo;  
     ao sul, Vizeu,

a branquejar e a erguer-se como um throno  
sobre formoso altar,  
a dardejar seus lumes, e nas cupulas  
esplendentes palhetas de luar.  
Ao longe, em todo o fundo, a altiva Estrella;  
por sobre ella  
as estrellas do céu,  
abrilhantando a faixa do horisonte.  
Suspensa do teu braço, percorremos  
a longa, ampla carreira que se inclina  
ao convento do monte;  
depois entrámos na avenida longa  
que lhe vem parallela  
dentro da quinta amena, e que domina  
os valles de Quintella.  
Tomámos para a fonte, e ali sentados  
sob as ramas altivas do arvoredado,  
ai! dissemos de amor tanto segredo,  
ouvidos só da fonte e do jardim! . . .  
convidativo sitio para amores,  
propicias ramas e discretas flores!  
queres saber por fim  
que abobada escondêra as nossãs chammas,  
ouviu nossos protestos de ternura,  
sonhos mimosos de fugaz ventura? . . .  
foram de cedro as funerareas ramas!  
Vês? sempre o agoiro infausto,  
sempre o fatal destino

a sustentar a luta!  
 e ao seu poder ferino  
 sinto que cede já meu peito exaustão!...

Escuta!... escuta!...

ouves ao longe a voz d'aquelle sino?»

— «Annuncia consorcio ou baptisado,  
 não tens de que tremer; feliz a sorte...»

— «Não! não! são dois! e o dobre compassado  
 aos echos manda o seu pregão de morte!

Albano, esconde-me em teu seio; eu morro!  
 aquelle som vem-me gelar! soccorro!»

E de repente, erguendo-se,  
 com gesto de inspirada:

— «Albano — exclama — enganás-me!

eu já não sou amada!

a carta que escondeste

aqui, aqui no seio?!...

deixa-me procurá-la!...

de que tens tu receio?

mentiste, vejo-o em tudo!...

oh! quero-a, quero-a! Falla!...

que é isto? ficas mudo?...

Achei-a... é minha emfim.»

— «Não leias, Josefina!

não leias, desgraçada!»

.....

.....

Debalde clama, é já tarde!  
 a infeliz a fronte inclina,  
 e, como estatua arrancada,  
 cae-lhe nos braços . . . . .

. . . . .  
 . . . . .

— «Jesus!

Que é isto, Senhor dos céus?  
 Deus! Deus! pelo teu amor,  
 ampara-a, dá-lhe valor,  
 de novo á vida a conduz'!  
 Pois é possível, meu Deus,  
 que tanto amor, tanta luz,  
 se extinga e morra num dia?!  
 pois hei de ficar sósinho  
 a chorar sobre os abrolhos  
 da minha triste existencia  
 até cegar os meus olhos?  
 Pois não has de ter clemencia,  
 Deus do céu?! que horrendo crime  
 macula a minha existencia?!...  
 Tens lá meu pae, minha mãe,  
 e matas-me o ultimo affecto!...  
 Senhor, mata-me tambem!...  
 é beneficio completo!  
 não tenho nada de meu!...

. . . . .

Josefina!... Josefina!...  
 não me conheces? sou eu,  
 que te aperto nos meus braços,  
 ao pé do meu coração!  
 Ai! que horrenda pallidez  
 na tua face divina!  
 filha, porque não acordas  
 ao calor dos meus abraços,  
 á voz da minha afflicção?!...

E ninguém que me acuda! ó minha mãe, ampara-me!  
 tu, que do céu me vês, tem dó da minha dor!

acode á minha magua!...

O meu sangue por uma gota de agua!  
 pelo cheiro vital de uma só flor! »

.....

Soa de um côro ao longe o canto ameno e vario;  
 sobe, sobe, apparece um rancho de donzellas  
 pela fronteira encosta! Elle a chamar por ellas!...  
 ai, triste! o côro passa... e o campo é solitario!...

Ao naufrago infeliz tambem no mar profundo  
 refulge no horisonte um iris numa véla;  
 mas leva-a, esconde-a, abysma-a a furia da procella,  
 e fica solitario... o mar e o moribundo!

Inda em dobrar pausado os sinos dão da morte  
 a nova sepulchral aos pavidos viandantes;

inda pelo horisonte os echos mais distantes  
choram nos tristes sons a inexoravel sorte;

quando o infeliz Albano á amante inda em desmaio  
diz, apertando-a ao seio, onde tem leite e abrigo:  
— «Se voas, anjo meu, leva-me ao céu contigo!  
que, se me deixas só, falta-me a força e cáio!»

Depois, silencio e soluços!  
nem o fulgor de uma esp'rança  
de que ella voltasse á vida!  
elle, curvado a abraçal-a,  
beija-lhe o rosto inundado!  
robusto cedro vergado  
cobrindo uma flor pendida!  
era o martyrio sem falla,  
a dor de todas as dores,  
ludibrio infernal da sorte!...  
era um mysterio de amores  
junto aos mysterios da morte!...

Da morte, ó Deus! pois eu fallei de morte!...  
De que me espanto? inda ha peor desdita;  
a morte é o esquecimento; e quem se esquece,  
nem diz, nem dá, nem pede, nem carece,  
nem ri, nem chora: é sombra que se agita  
por um sepulchro abaixo; e quando pausa,  
nada mais soa que o fragor da lousa!

O sol tinha caído já nas aguas;  
 e a lua, que surgira entre as neblinas,  
 luz feita para angustias e ruinas,  
 dava de rosto sobre aquellas maguas!

— «Albano!... Albano!...» diz um grito ao longe.

— «Quem me chama?»

— «Ricardo!»

— «Vem, amigo!»

— «Até que enfim! custou-me a dar contigo...

Ao pé da ermida! queres já ser monge?!...

.....

Que vejo?! Josefina?!»

— «Caiu-me desmaiada sobre o peito...»

— «Ah! sim! questão de nervos! bem conheço.»

— «Oh! não! foi mais, Ricardo! foi delirio!...»

— «Parece-me um formoso amor perfeito,

um pouco murcho, um tanto contrafeito,

que tu prendeste sobre o lado esquerdo

á laia de taful!...»

— «Se este martyrio,

Ricardo, te faz rir, por Deus te peço,

foge!»

— «Deixar-te assim nesta amargura!

mal me julgaste, amigo! eu sou dos poucos

que têm predilecção por estes loucos

assim, taes como tu, que fazem versos

e deliquios ás bellas. Ergue-a e vamos,

que o velho D. Gastão já vos procura,  
 e convem preparar motes diversos,  
 e apologos de lobo ou de serpente,  
 auroras boreacs, a luz de um raio,  
 coisas que ditas a quem for... demente  
 lhe justifiquem bem um bom desmaio!  
 É tarde! eil-os que vem!»

Surge em tumulto,  
 uma turba de servos e senhores!  
 toma o caminho do olival das cruzes,  
 sobe a encosta do monte, e ameaçadores  
 os olhos flammejantes e inquietos  
 buscam por toda a parte o grupo occulto,  
 ao sinistro clarão de muitas luzes.  
 Encontra-o! pára, e cala! era o momento  
 do extremo desenlace! após instantes,  
 dizia D. Gastão, convulso e pallido,  
 com desvairado olhar medindo o grupo,  
 torvo o gesto, e o fallar pausado e lento:

— «Por quem quereis que vos tomem,  
 senhores que a noite encobre?  
 quando em fundas trevas o homem  
 procura o ermo e a calada,  
 deixa a distancia annullada  
 entre o salteador e o nobre!  
 Eu venho em nome de Deus  
 pedir-vos a minha filha:  
 sou velho, viuvo e pae!



eis tudo o que vos importa;  
dizei-me se é viva ou morta!  
sereno escuto, fallae.

— «D. Gastão, no mundo ha dores  
que nos roubam da alma o siso!  
talvez que neste momento...»

— «Neste momento... é preciso!  
a quem é tão desgraçado  
nenhuma pena se occulta.»

— «Senhor, ella volta á vida;  
o longo desmaio passa,  
e a historia d'esta desgraça  
de seus labios a escutae;  
não aggraveis esta magua,  
que tanto em meu seio avulta,  
e que ha de morrer commigo!...»

— «Foste feliz, minha filha,  
por achar encosto e abrigo  
sobre um seio tão amigo...»

— «E honrado!»

— «Senhor, que a insulta!»

— «Meu pae, meu pae, que me mata!

dê-me o seu braço;  
ha de escutar-me sem ira,  
e veja bem se a mentira  
no meu rosto se retrata!...»

— «Sei o que vaes dizer-me; eu t'o repito,  
que tudo o teu desmaio me revela.

Tu amas e és amada! és, acredito;  
 que és rica, e nobre, e virtuosa, e bella.  
 Vaes dar-te a quem já deste o coração.  
 Albano é bom; affianço a tua sorte!...  
 pouco tens que esperar! — a minha morte!

Antes... não!»

.....

Ouviu-se um immenso grito.

.....


.....

Filha da noite, ó lua melancolica,  
 scismadora dos plainos transparentes,  
 ouviste-o? esconde a tua face pallida,  
 triste rainha das soidões luzentes!

Astros do céu, ó solitarias lagrimas,  
 congeladas na face do infinito!  
 desprendei-vos! correi! que a eterna magua  
 resume-a a vibração d'aquelle grito!



CANTO VII



ENTRE-ACTO



## CANTO VII

---

### ENTRE-ACTO

Ah, dimmi: é vero  
Ch'io ti perdo, o mia vita?

METASTASIO.

Desce o pano; levante-se a platéa.  
Leva a passar dois annos o intervallo,  
para dar tempo a que no palco immenso  
que ha de abranger o espaço entre dois mundos,  
se prepare o scenario e a perspectiva.

Pois que ha tempo de sobra para criticas,  
 façamos nós sinceramente o escorso  
retrospectivo do confuso drama

cujo remate se prepara:

—O entrecho  
 corre diffusamente; é frouxo o enredo;  
 a acção, partida aqui e alem; e ás vezes  
 começa um novo assumpto e esquece o antigo!...  
 De um poema surdiram dois poemas:  
 a miseria e o amor!... (Verdade seja  
 que nem sempre estes motes são diversos.)  
 Ha duas heroínas em vez de uma:  
 Josefina e a leprosa!... Fins diversos  
 se propõe cada acção. Os personagens:  
 Maria e o desertor, desapareceram!...  
 A Delfina do mal, protagonista,  
 quasi em olvido é já!... Absurdo! absurdo!—

A critica fallou, e eu curvo a frente,  
 porque os preceitos da arte me fulminam!  
 E comtudo o meu canto é verdadeiro!  
 historiei cantando. É pois bem certo  
 que mil vezes no mundo a chã verdade  
 absurdo se afigura aos olhos da arte!

.....  
 Esperae o final, e após julgae-me!  
 Nascem de um tronco só ramos diversos,  
 que se afastam do centro, e se recurvam  
 em direcções oppostas; mas do meio  
 sobe a altiva coruta, e põe remate  
 á harmonia do roble. O templo augusto

abre-se de um só portico e desparte-se  
em renques de columnas e arcarias  
que formam fundas e sonoras naves;  
ao fundo ha só o altar; em cima, a abobada,  
que tudo prende ao fecho de uma ogiva.  
Mas que fui eu buscar ao roble? ao templo?...  
Exigir symetria nos meus cantos  
é condemnar-me ao leito de Procustes!  
Oh! não! deixae, deixae que eu ande immune  
pòr todas as paragens do infinito  
a sabor dos caprichos do meu estro!  
ensinou-me a cantar a natureza!  
a symetria é da arte; o grão preceito  
da grande obra de Deus é a harmonia,  
que palpita nos seres diversissimos  
da profusa criação. Pois no *principio*,  
quando a mão do Senhor semeou mundos  
nos plainos transparentes do infinito,  
em que os fez elle iguaes? em luz? em vulto?  
em movimento?! acaso equidistantes  
orbitas lhes marcou?! horas precisas,  
identicas, fataes, a dois que seja,  
para findarem seu caminho a um tempo?!  
Não! e a solemne rotação se cumpre  
varia e constante, desigual e harmonica!

A lei reguladora do infinito  
presente-se, adivinha-se... revela-se

na agitação constante e imperturbavel  
 que se vê na fulgente ramaria  
 d'essas florestas virgens de brilhantes  
 semeadas por Deus; mas lingua de homem  
 inda não formulou, nem disse o verbo  
 da lei da criação. A geometria  
 dos insectos reptis do atomo globo  
 inda não descobriu compasso ou regua  
 que lhe desse o theorema das pyramides  
 da celeste geodesia.

A lei da immensa variedade harmonica  
 existe! mas não pôde a vista humana  
 ir na mente de Deus descortinal-a!

Eis o eterno mysterio!

Em cada ser, ou seja insecto ou mundo,  
 duplo raio vital impera e inspira:  
 —a vida universal e a vida propria; —  
 naquella, ha o servo; ha nesta o individuo;  
 ali, o imperio; aqui, a liberdade.  
 Uma só d'estas leis a arte conhece;  
 ambas, a natureza.

Eu sou o insecto impavido que tenta  
 na orbita singular do seu caminho  
 remir-se do seu fado aventuroso  
 através do infinito;  
 sou atomo a rolar no abysmo ethereo.



arrastado no sopro incomprehensivel  
dos tufões do destino.

Atomo e insecto a mão de Deus me toma,  
e da harmonia immensa no conjuncto,  
invisivel embora, permaneço;  
mas sou tambem poeta! hei de ser livre.

Quando o mundo quizer levar meus cantos  
às craveiras de Horacio (ó-desventura!)  
—fôra da lei— terá de proclama-los,  
e réus de lesa-regra. Eu sobre a terra  
conspiro contra imperios absolutos  
por direito divino.

As leis do metro  
que Roma e Grecia fez, e o mundo applaude,  
chamaram para mestres os poemas,  
e não estes as leis para modelos.

É bella a minha musa — a immensidade! —  
onde se esconde a eterna lei do bello;  
nella o busquei debalde, e enfim prendi-me!  
embellezei-me no divino extasis,  
neste capricho deslumbrante, esplendido  
devaneio do eterno! e tão absorto  
fiquei neste delirio, que, bem vêdes!  
teço, em vez de poemas, devaneios.  
Sei que uma lei preside ao meu trabalho,  
não sei como se chama;

conheço que me inspira uma harmonia,  
 não sei como se explica.

Que tem que isto aconteça ao vate humilde,  
 se, antes de mestre Horacio escrever codigos,  
 e legislar contrastes de poemas,  
 o mundo repetia o canto homerico  
 sem pensar nos quilates que teria?

.....

Deixae-me aqui prender, minimo insecto,  
 ao grande vulto do cantor da *Iliada*.

Dois annos vão correr, e no intervallo immenso  
 o palco vae ficar sem vida, sem actores,  
 qual se no templo cheio um raio entrasse, e as flores,  
 o vaso, o altar, o pallio, o lampadario, o incenso,  
 lançasse aos ventos cego;  
 aquelle — não — tremendo, aquelle grito aziago,  
 assim desfez em nada a flor da extrema esp'rança,  
 o riso, a luz do amor! As brizas da bonança  
 torceram-se tufões, caíram sobre o lago,  
 erguendo-o irado pégo!

Entre o silencio torvo, após a tempestade,  
 não sei que vaga voz aos meus ouvidos passa!  
 é como flebeis ais, lamentos da desgraça,  
 que vão juntar-se longe á voz da immensidade!...

murmurio que desmaia!...

E eu sinto na minh'alma um lugubre presagio!  
 Ó meiga compaixão, se em peito humano existes,  
 vem, vem-me acompanhar! vamos buscar os tristes,  
 como se vão buscar os mortos de um naufragio  
 sobre a deserta praia!

Caminhando aldeia abaixo  
 vê-se um largo ameno e ledó;  
 para a esquerda, amplo e ridente,  
 um palacio côr de rosa;  
 para a direita, arvoredó,  
 e ao longe os véus do occidente.  
 Ali se esconde a formosa  
 que deixámos fulminada  
 junto á Senhora do Amparo.  
 Não se ouvem passos na escada!...  
 pelas janellas... ninguem!...  
 as portas... fechado é tudo  
 como um sarcophago avaro!  
 tem rosea côr, mas é mudo!  
 lembra só que ali pousou  
 anjo de mysticas fallas  
 que, morto ao gear nocturno,  
 as brancas azas fechou!...  
 Dos anginhos o taburno  
 todo se forra de galas!

Alonguemos o caminho :  
à esquerda, o largo dos freixos,  
e a casa de D. Martinho ;  
tomando sobre a direita,  
abre um longo e erguido muro  
de granito negro e duro  
amplo, esmerado portão,  
em que olvido ou desamparo  
de longos annos, talvez,  
deixou pender para o chão  
e apodrir as amplas portas  
de espesso castanho escuro,  
em ramagens moldurado,  
velho estylo portuguez.  
Em cada leme arrancado  
inda a inutil pregaria,  
como na mão do esqueleto  
os longos dedos inertes  
apontando a terra fria!  
Era o desprezo completo!  
Nas ombreiras de granito,  
longos relevos de musgo,  
que brota de cada fenda ;  
sobre a torça, a silva e o feto ;  
em tudo signaes de olvido,  
emblemas da solidão!  
Um longo pateo sombrio,  
atapetado de relva,

se estende em frente ao portão ;  
pela esquerda, os muros negros  
de um decrepito edificio,  
d'onde fogem despedados  
uns ramos de trepadeiras,  
de loureiros e limeiras,  
que, em tempo antigo, á parede,  
por esmerado artificio,  
teceram florida rede ;  
do outro lado, altas figueiras  
ao pé de uns cardos ingentes,  
de ingentes armados braços.  
Não têm vidros as janellas,  
cortinas ou transparentes !  
lembram olhos de caveira !  
Quando a ventania enrija,  
estremece a casa inteira.  
Pela fendida cornija  
cae o telhado a pedaços ! . . .  
Têm grandeza estas ruinas !  
Quem seguir a rua, encontra  
na fachada principal  
amplissima escadaria  
que dá para a entrada nobre,  
e ao lado, a frente e o portal  
de uma fendida capella ;  
uns fragmentos de caixilhos  
nesta e ness'outra janella.

e um vidro de longe em longe!...  
 Tempo, tempo inexoravel,  
 que apagas todos os brilhos,  
 e és causa de tanto damno!...  
 Quem vive aqui? pobre ou monge?  
 pobre e monge! vive Albano!

.....

Ai! como ha de aquella alma ser contente,  
 sorrir-se, espanejar-se á luz do sol,  
 vivendo aqui, neste sepulchro ingente,  
 onde não entra um riso do arrebol?!

Se, victima infeliz de improbas sinas,  
 vê cardos, silvas bravas, fetos vis?!  
 se vejeta sumido entre ruinas,  
 como goivo de campa entre reptis?!

Como ha de ir afagal-o amiga a sorte,  
 se nada que o rodeia lhe sorri?!  
 se tudo quanto o cerca falla em morte?!  
 se tudo é bravo, e negro, e mudo ali?!

Ai! na atmospherá densa, triste, infecta  
 d'aquelle escuro, frio, fundo algar,  
 como póde expandir-se a alma ao poeta.  
 e achar inspirações para cantar?!...

Por isso é sempre triste aquella fronte!  
 por isso o triste olhar, que ao chão prendeu,  
 raras vezes passeia no horisonte,  
 e quasi nunca se levanta ao céu!

Por isso, quando folga alegre a turba,  
 elle, pareia infeliz, suspira e sae;  
 e a festa com seus lutos não perturba;  
 e foge como a sombra que se esvae!

É cruel a viuvez de uma alma nobre;  
 triste, a pobreza; a solidão, mortal!  
 porém, como a tristeza que se encobre...  
 não ha tristeza assim, martyrio igual!...

.....

Entremos! entrae commigo  
 na triste mansão calada!...  
 Não oiço ninguem!... ninguem!...  
 pela entrada principal...  
 temos a porta fechada;  
 a da capella... tambem!...  
 Este silencio é fatal.  
 Caminhemos pateo alem.  
 Vêdes? uma porta aberta;  
 chamemos: — «Albano!... Albano!...»  
 nem um echo se desperta,  
 nem signal de passo humano

da funda estancia nos yem!...  
 Entremos!... O salão, mudo!...  
 mudo, o longo corredor!...  
 podre e roto o pavimento!...  
 no estuque aberto e cinzento  
 o barro, o musgo, o bolor!...  
 Mais outra sala... outra sala...  
 como solitario tudo,  
 nu, desguarnecido está!...  
 e nas estancias desertas  
 o vento, sómente, falla  
 pelas mil bôcas abertas  
 que o tempo ás ruinas dá!...  
 Os velhos tectos de cupula,  
 de velho, nobre castanho,  
 aqui, nus, alem, doirados,  
 todos florões e relevos,  
 já dos muros desligados,  
 coroam de aspecto estranho  
 este sarcophago ingente,  
 onde misero o presente  
 recorda opulentos evos!...

.....

Ó triste solidão, triste de quem te habita!  
 E aqui a vida arrasta o pobre cenobita!  
 e aqui lhe desce Deus na luz da inspiração!  
 e aqui lhe desabrocha a pallida canção!





quasi inodora flor! lume que mal scintilla!...  
 mas vem o vento e leva as folhas da sibylla,  
 e vão disseminar, pela atmosphera vã,  
 poemas de uma noite as brizas da manhã!...  
 e que resta ao poeta?... os ais que o peito exhala!  
 a lagrima furtiva! a dor que geme e cala!  
 dos sonhos de esperança o raio que se esvae...

.....  
 Atraz d'aquella porta ouviu-se agora um ai!...

Lá dentro chora alguém!...

Quem?

Num salão arrogante, alto, quadrado,  
 vasto, formoso, e mais que os outros nobre,  
 dos ventos inda e chuvas resguardado,  
 velho damasco azul os panos cobre  
 das paredes; o tecto emmoldurado  
 é branco, azul e oiro; o pavimento,  
 de rugosa madeira, pedê e espera  
 alcatifa de Hamburgo ou Cachemira;  
 duas cadeiras e um sofá que restam  
 mostram no almofadado, fofó assento,  
 uns fragmentos de seda... uma chimera  
 de fausto e de miseria, em que se admira  
 o esplendido passado que inda attestam.

Vê-se encostado alem  
 o mais formoso armario, onde entalhára

da arte provinciana a phantasia  
ramagens, camafeus, palmas e flores,  
cordões... quantos bordados e primores  
do paciente escultor a alta poesia  
imaginára, ali disseminados

se ostentam á porfia.

De alem, um trophéu de armas; d'este lado,  
uma estante de livros, mesa ao pé,  
cadeira de espaldar, papel, tinteiro;  
pendente da parede, um bilheteiro,  
uma bolsa de caça e uma espingarda.

Do outro lado se esconde para um canto,  
alumiada só de escassa luz,  
uma pequena mesa de pau santo;

sobre ella, um oratorio;

nelle, tres miniaturas de marfim:  
o Evangelista, a Virgem, Magdalena...

falta o martyr e a cruz!...

Tudo o salão recebe e tudo abarca,  
e tudo ali se agrupa e se confunde,  
para que, quando o inverno a casa inunde,  
os muros do salão lhe sirvam de arca.

Inda não conheceis a velha preta,  
a serva... a mãe de Albano, dêz que a morte  
o fez orfão no mundo, e pobre, e só?  
a triste companheira do poeta?

a coragem, o amparo, a paciência,  
 o desvelo, a família, a providencia,  
 que é ciume, prazer, amor e dó?  
 a que o trouxe creança nos seus braços?  
 a que poz sempre o seio entre elle e a sorte  
 que o tentava esmagar? a que o carpia  
 nas horas tenebrosas da amargura,  
 e, afagando-o com tremulos abraços,  
 lhe dizia: — Meu filho, descançae! —?  
 essa alma toda rosa, alvura, dia,  
 sob a lutuosa côr da noite escura,  
 inda a não conheceis? pois vêde-a! olhae!  
 Quasi de todo cega vive agora!  
 nesses olhos que o pranto inunda e alaga,  
 dia por dia a luz se lhe descora,  
 como a luz da candeia que se apaga!

Prostrada, e co'as mãos postas,  
 tendo o oratorio em frente,  
 submissa e reverente,  
 baixinho implora a Deus  
 Domingas, a africana!  
 e no tisonado rosto  
 retrata-lhe o desgosto  
 de dentro os escarcéus.

Recurvam-se-lhe as ondas  
 no intimo do peito,

e um grito contrafeito  
entre uns murmurios sae.  
Nas palpebras vermelhas  
o pranto que rebenta,  
fugir, suster-se tenta,  
vacilla, treme, cae.

C'roa-lhe a negra fronte  
a carapinha breve  
de pura e crespa neve;  
mas tem no coração  
as chammas africanas,  
que accesas lá conserva  
a octogenaria serva.  
Oiçamos-lhe a oração:

— «Mãe de Deus! Senhora! mãe  
dos peccadores tambem!  
que é do meu filho, Senhora?  
levantou-se antes da aurora,  
e não vem!... porque não vem?!

— Adeus, Domingas! adeus! —  
me disse elle, e aos braços meus  
veiu prender-se... e chorava!...  
que dor, Senhora, o matava?...  
Justos céus! ó justos céus!...

Virgem, olha para mim!

pois queres que eu morra assim  
no meio de tantas penas?...  
Mãe! e és tu que me condemnas?...  
Que fim de vida!... ai! que fim!

Pois dize! não ha de vir  
meigo, contente, a sorrir,  
o meu filho tão querido?...  
ou de vibora mordido...  
Partir! oh! sim, vou partir!

Creei-me nos meus sertões  
entre as onças e os leões!  
nas suas lutas bisarras  
ganhei a leveza e as garras!  
sou costumada aos baldões!...

Não! meu filho ha de voltar!  
nem eu quero já chorar,  
que a dor meus olhos estanca!...  
Virgem, se a senhora branca  
o matar... se ella o matar!...

Eu sei-lhe do ardente amor!  
vigio-lhe o riso e a dor!...  
Virgem, meu filho tem zelos!  
se num só dos seus cabellos  
pousar a mão de um traidor,

ai da vil que m'ò roubou!  
 quasi cega como estou,  
 hei de a branca para exemplo  
 matar no leito... no templo...  
 vou dilaceral-a! vou!...

Triste mãe! quando morreu  
 deu-me o seu filho!... era meu!...  
 certamente aquella santa,  
 se o matam, chora e se espanta  
 d'elle entrar sem mim no céu!»

Assim deprecava Domingas, a cega,  
 nos duplos impulsos de serva e de fera;  
 na humillima prece blasfemias emprega!  
 arrulhos de pomba! rugir de panthera!

E um passo apressado soava na escada,  
 entrava na casa... tornou-se mais tardo!  
 parava ante a porta que estava cerrada...  
 passados momentos entrava Ricardo!

Jesus! que assustado, que pallido rosto!  
 nos labios trementes lhe adeja um segredo!  
 que raios sinistros no olhar descomposto!  
 que riso convulso que gela de medo!

Quer ser prazenteiro, cruel se apresenta;

disfarça-lhe as maguas ficticio marasmo;  
vem cheio de penas, prazeres ostenta;  
quer ser desdenhoso, e é todo sarcasmo!

— «Bons dias, velha Domingas!  
venho banhado em suor!  
Hoje é dia de aguaceiro,  
mas eu sou bom marinheiro,  
saltei bancos e restingas,  
e eis-me a teus pés, minha flor!»  
— «Trazeis-me novas?»

— «Podéra!

pois pensas que ando no mundo,  
eu! philosopho profundo!  
atrás de alguma chimera?»  
— «Do meu filhinho?»

— «Uma carta!»

— «Partiu?!...»

— «Foi dar um passeio!»

— «Por onde?»

— «Perguntas bem!

em viagens de recreio,  
escusas de ter receio,  
que não ha de haver estrago!  
foi buscar... pinhões a Esparta;  
figueiras e aipo a Carthago;  
benze em Roma algum rosario,

e a cruz em Jerusalem...  
 Sabes que indulgencias tem  
 quem sobe ao monte Calvario?...  
 —(E crisa os labios trementes,  
 e em vez de rir range os dentes!)—  
 Passa o entrudo por Sevilha;  
 na paschoa ha de ver Toledo,  
 e compra-te ali (segredo!)  
*una terciada mantilla!*  
 Visita na primavera  
 as nobres cinzas de Mario,  
 alguma extincta cratera,  
 e o tumulo de Lucrecia;  
 depois atravessa as ondas,  
 e vae descobrir na Grecia  
 as cinzas de Epaminondas!  
 Bom caminho, mau caminho,  
 levam-n-o a povos diversos...  
 quando volta ao patrio ninho  
 traz... um volume de versos!»  
 —«Meu Deus! meu Deus! é pois certo  
 que nunca mais hei de vel-o?  
 quiz furtar-se ao meu desvelo!...  
 Se a sorte me quer escrava,  
 já agora me não liberto!  
 sempre, é certo! a fera brava  
 tem de morrer no deserto!...  
 .....



Minha patria! meu jardim!  
minhas florestas amenas!  
minhas selvaticas flores!  
minha vida sem amores,  
e minha morte sem penas!

Ai de mim!

Lá se parte o desditoso,  
semeando inuteis ais,  
sem leito, sem agasalho,  
elle! que era tão mimoso  
do suor do meu trabalho  
depois que ficou sem paes!...

Velava-o, se elle dormia;  
beijava-o, se elle acordava;  
se elle chorava, eu sorria;  
se elle sorria, eu cantava!...

Ingrato, que assim me deixa  
curvada na sepultura!...

Oh! levae-me esse retrato!  
deixar-me! se a minha queixa  
póde chegar-lhe aos ouvidos,  
ha de ter remorso! Ingrato!  
trocar a minha ternura...

por quem?...

por quem prefere ao meu filho  
umas joias e uns vestidos!  
por um montão de vaidades  
que não têm valor, nem brilho!

Quero morrer de saudades!  
 hei de queixar-me a sua mãe!

.....  
 .....

Partir... e é quasi inverno!  
 se fosse inda no estio!...  
 porém, meu filho! agora  
 vae-se morrer de frio  
 por esse mundo fóra!...

Meu Deus! e sem dinheiro  
 sair de Portugal!...  
 aquecem pouco e mal  
 os lares do estrangeiro!

Chora, velhinha, chora,  
 que já não tens ninguem!  
 —Tu és a minha mãe—  
 dizia-me elle!... e agora?!...

Agora, cão sem dono,  
 escrava sem senhor,  
 vae-te deitar á porta  
 da sua alcova, e chora,  
 dizendo-lhe o seu nome!  
 Expulsam-te? que importa?

talvez a tua dor...

talvez tenha mais dó

do que esse que tão só...

Sim! sim! morro de fome!...

Deus! Deus! dá-me vista, e eu corro

atrás d'elle a terra inteira!...

Cega!... Soccorro! soccorro!

prantos! lavae-me a cegueira!»

— «Domingas, ouve!»

— «Que escuto?!

choraes?! vós, que sempre rides?!

oiço-vos soluçar!

chorae, senhor! choremos como as vides!

hoje é dia de luto;

que havemos de fazer, senão chorar?!»

— «Isto... não é chorar, Domingas!... isto...

é fazer concessões á natureza!...

precisei... de ensaiar o estudo pratico

d'esta philosophia da tristeza;

se na lição tu vês que tanto insisto,

é... porque... estou provando o gosto ao pranto!

Sim! chorarei!... talvez!... por elle, não!

louco de mim, que lhe queria tanto!

tratar-me com tamanha ingratidão!

pagar-me co'uma carta esta amisade!...

é levar muito longe a crueldade!

é ser bem ferozmente deshumano!

Depois... teve rasão, senhor Albano!

um frívolo, como eu, que mais merece?  
 um homem que faz rir tem lá saudades,  
 ou póde lá ficar em pena immerso?!  
 numa carta um —adeus—, e tudo esquece!...  
 Domingas, ouve!... Albano era um perverso!...»

— «Mentira, senhor! mentira!

elle! o meu filho dilecto!

Jurae-me que é vosso affecto

quem taes palavras inspira!

A carta!»

— «É para ambos nós;

lê, Domingas, e medita!»

— «Ai! quem me podéra ver

a sua querida escripta!»

— «E eu sei lá se a posso ler,

tremendo-me tanto a voz?!»

Depois de alguns instantes de silencio  
 a leitura se faz, só de soluços  
 de momento a momento interrompida:

— «Ricardo:

Vou partir; não sei lutar co'a sorte;  
 não é fraqueza, é brio; evito a ingloria morte  
 dos martyres sem palma, e poupo á multidão  
 estúpida e feroz ensejos de irrisão.  
 Lutar!... oh! não! jamais! porque me julgo, amigo,  
 baixo para mandão; alto para mendigo.

Eu sei que era loucura este indomado amor;  
tinha-m'o dito, ha muito, uma secreta dor  
que me pungia na alma. Ao pobre as penas cabem,  
e a c'roa de aurea luz, no dia em que se acabem.  
Para onde vou?... não sei; nem tentes descobrir  
as portas que o destino ao meu caminho abrir;  
vou... não sei onde, não; entrego á desventura  
o leme do meu ser; a minha sorte obscura  
promette-me no mundo ingentes solidões,  
onde eu possa curtir saudades e afflicções.  
Á multidão que importa o nomada que passa?  
lamento que se esconde, é fumo que esvoaça,  
folha que se desprende, arrulho que se esvae!  
e a vida passa breve, e a campa breve cae  
a proteger o morto. Emfim, se a longa vida  
o céu me condemnar, e, lebre perseguida,  
voltar ao meu covil, virei talvez morrer  
no leito de meus paes, e ao lado seu jazer;  
mas se eu cair por lá, no longo apartamento,  
aqui te deixo, amigo, o escasso testamento  
que tens de me cumprir com pio amor: A ti...  
deixo-te o meu retrato... e os versos que escrevi!  
mas isto, meu irmão, tem um piedoso encargo!  
adoça á minha negra o calix fundo e amargo  
que em suas mãos trasborda; onde ella vacillar,  
ampara-a; que não falte o lume no seu lar  
durante o longo inverno; o pão, na velha mesa;  
a roupa, no seu leito, e a luz, de noite accesa.

Se morre, aceia-a bem!... Se já me não restar  
o preço da mortalha... amigo, o que faltar...  
que suppra o teu amor o immenso que lhe eu devo!...  
Cobre de feral crepe a mesa onde te escrevo,  
a minha livraria, e esse diploma vão  
que trouxe de Coimbra; eis todo o meu brasão.  
A Josefina... Ai, triste!... O pranto ás faces desce!  
a vista se me enturva!... o braço desfallece!  
dize-lhe... que outro amor... Não! não!... que te pedi...  
que nunca mais... Jesus!... dize-lhe que morri!  
mas que ella nunca saiba este martyrio insano!  
Não posso mais! Abraça o desditoso

Albano.

Chorei, retomo a penna; eis-me sereno e forte;  
não quero que me esqueça a solitaria Ucha;  
Domingas é tão velha!... após a sua morte  
dá tudo o que me reste á pobre da Sagucha;  
e dá-me á tua noiva... (eu já não tenho a quem!...)  
a Virgem de marfim... era de minha mãe!»



CANTO VIII



PROVIDENCIA







## CANTO VIII

### PROVIDENCIA

Nous n'avons que nos mains à lever en silence  
Vers cette Providence,  
D'où vient la récompense,  
D'où le bienfait descend.

LAMARTINE.

Eis-te chegada emfim, hora solemne,  
após dois annos de silencio e trevas!  
Eis o fatal momento em que os romeiros,  
que em paragens distantes vão perdidos,  
hão de encontrar-se, os que boiarem vivos  
e libertos, no pelago do mundo!

A humana vida é como a vaga triste:  
um rio a traz no berço, e ao mar a entrega;

ergue-se a ingenua entre enxovaes de escuma;  
encosta-se á collina, e rumoreja;  
na praia se deleita, e ao mar se volta.  
De outras ondas o fervido cortejo  
a beija, a acaricia, a cerca, a envolve  
em amplexo convulso e estremecido;  
e o mar no seio a toma, e o vento a encrespa,  
e com ella as ignaras companheiras.

Um tufão zune, cae, desparte o grupo!  
abre no centro o abysmo! as ondas tremulas  
partem oceano em fóra! após momentos,  
outro mar, outros ventos, outras praias,  
em paragens oppostas, longe, longe,  
cospem as açoitadas foragidas  
ao comido esqueleto de um cachopo;  
e vae-se-lhes cambiando assim a vida,  
momento por momento, a gota e gota!

Após um anno, um seculo, um minuto,  
que o só capricho do destino marca,  
no gêlo dos escuros invios polos,  
ou nas tropicaes laminas de argento,  
ou do equador nos mares que se cobrem  
de escamas de oiro e lume, vem cruzar-se  
d'aquellas brandas vagas, que partiram  
em doce amplexo juntas mar em fóra,  
mal distinctos fragmentos! uma baga

gelida ou luminosa, e um véu de escuma;  
 uma palheta e um som, que denunciam  
 gastas feições, ou cantos de saudade,  
 de voz e rostos que já foram juntos  
 em convivio fraterno! Ai! mas tão outras  
 são do que foram já! E as companheiras?!  
 e o riso? e a esp'rança? e os tepidos aromas  
 da praia natalicia? tudo é morto!  
 e essa breve estação, que o seu fadario  
 ali as deixa a memorar saudades,  
 finda breve tambem: cruzam-se as vagas,  
 e inteira a transfusão vae completar-se  
 no vortice do tempo!...

A vida humana  
 tem por espelhos vagas fugitivas!

Vinde, voae commigo ás solidões do espaço!  
 E pois que a todos falta uma aza em cada braço,  
 e olhos que vejam longe, ó rei da criação,  
 reptil vaidoso e nu, remonta na amplidão,  
 pedindo á phantasia azas de azul e verde  
 com que a tua alma voa... e quanta vez se perde!...  
 Descerra os olhos da alma; os terreos fecha, e vem!  
 ascende á grande luz! revoa espaço alem!  
 deixa os confins da Europa, as ribas do occidente!

Ahi tens o espelho grande, a grande voz gemente!  
 D'ali, a Africa adusta; o ninho dos leões;  
 cidades junto ao mar; no centro, amplos sertões,  
 rugidos e areaes; e o sol a prumo aberto,  
 pousando em cada raio um monstro no deserto!  
 da Europa o mercador tenaz, doente e cru,  
 e o negro dos sertões, selvagem semi-nu,  
 a olhar e a presentir no barco aventureiro  
 grilhões! e em cada braço um caçador negreiro!  
 e o bravo que despreza a sanha do leão,  
 treme quando tremula Augusto pavilhão  
 de povo *culto e bom* no topo de algum mastro!  
 Que importa o mote e a côr? a luz fatal d'esse astro  
 leva a profundo abysmo! o negro sabe-o já!  
 A Africa é só... viveiro! a Europa é culta e má!  
 que em seu mercado immundo humanos fructos vende,  
 e ao preço ascoso e vil, mão fraticida estende!

Caiâmos ao poente... aqui! no centro... aqui!  
 Vê-se de extremo a extremo! a America sorri  
 nas orlas do occidente; áquem, o velho mundo;  
 no centro, o grande oceano, o pelago iracundo,  
 o mar! a eterna luta e a eterna escravidão!  
 gigante que se arroja aos muros da prisão,  
 e sobre o leito immenso abate o vulto enorme!  
 murmura, desfallece, arqueja, chora... dorme!  
 É prancha lisa então, que a mão de Deus lançou  
 entre as nações què um dia o cahos separou;

é quadro onde se admira a etherea formosura,  
com astros por esmalte, e mundos por moldura!

No ponto eis-nos emfim! convem aqui pairar!  
silencio! o pano sobe! o drama vae findar!...

Tento na praia africana!  
Vêde! entre as cores da Europa,  
cores, pendões de alem-mar!  
Barca veleira e garrida  
Africa deixa na pôpa;  
foge aos bafejos da terra:  
sôlta de boias e amarras  
vae-se de rota batida:  
entre as corvetas de guerra  
passa como aguia atrevida,  
presa levando nas garras.  
azas levando nas vélas!...

Singra entre os bancos da costa:  
corta marneis e baixios;  
mostra aos pasmados navios,  
alta, a bandeira de estrellas.

Vela-lhe a carga o pendão;  
carga que chora e blasfema  
sob os flagicios da algema,  
sob os vergões do grillhão!

Leva... bem vêdes! escravos!  
negros leões ás centenas!  
leva rebanhos de bravos  
sob alvitanas de antennas!

Leva...

Meu Deus! pois que vae lá na tolda!  
brancos ali?!... oh! não! não póde ser!  
Mulher... mentira! a vista se me tolda!...  
Um filho ao collo!... e é mãe essa mulher?!...

Vendida! vendida!  
tu vaes a gemer!  
tão pobre e tão rota!  
chorosa!... ai! chorosa!...

.....  
.....

Florinha pendida,  
tu vaes-te a morrer  
na longa derrota!  
Pobrinha e mimosa!  
tão nova e tão magra!  
descalça e bonita!  
Que dor te consagra  
soluços de amor  
no peito que estala,  
nos olhos de afflicta?...

Teu filho não falla,  
mas beija-te, e ri!  
Que germen de flor  
tu levas ahí!  
Que durma e se acoite  
ao doce agasalho  
do teu coração!  
Tu és como a noite,  
que choras orvalho  
no teu botão!...

Mulher, porque geme  
tua alma penada,  
e alongas, coitada,  
sem preces, nem queixas,  
teu braço que treme,  
à praia que deixas?!...

Na patria da raça negra  
fica, nos trances d'est'hora,  
tanta saudade que chora,  
tanta ambição que se alegra!

Junto ao mar, sobre um rochedo,  
assomou neste momento  
rosto branco, macilento,  
espreitando a furto e a medo!

A barca é longe! suspira!...  
 Abre as mãos, acha um thesoiro!  
 —Oiro!... oiro!... peças d'oiro!...—  
 De novo as conta e remira!...

Que remorso, Deus eterno!  
 que susto o seu rosto exprime!...  
 Esse oiro é preço de um crime,  
 de um crime que vale o inferno!

e anceia, pavida lebre!  
 Por cada longo cabelo  
 lhe escorrem bagas de gêlo;  
 treme de frio, e tem febre!

Ruge-lhe intima a borrasca!  
 olha em torno: o olhar chammeja,  
 como o raio que dardeja  
 sobre a rocha, e a fende, e a lasca!

É como na jaula o tigré:  
 ruge, raiva, e se devora  
 nessa aflicção que o descora,  
 nesse furor que o denigre.

— «Parae, lobos da America!  
 —exclama enfim— malditos!  
 se chegam lá meus gritos,



demonios, são de um pae!  
 Vendi-vos só Maria!  
 meu filho vae roubado!  
 deixae-o ao desterrado!  
 ladrões, parae! parae!»

E responde-lhe um canto de alegria  
 de sobre o tombadilho,  
 e a voz chorosa da infeliz Maria:

Còro dos marinheiros

— «Nos mares de vagas ferventes,  
 aos sopros crueis do pampeiro,  
 se choram amores ausentes;  
 tu cantas e ris, marinheiro!  
 Pica a amarra!  
 prôa á barra!  
 Ó marinheiro! ó marinheiro!»

Maria

— «Perdi tudo! Amor, amor,  
 que me dás tão negro fim!  
 Triste vida morta em flor!  
 Eu vendida, escrava... ó dor!  
 Ai de mim!...»

E sobre a rocha, além, o espectro erguido,  
 espumante, blasfemo, rugidor,  
 diz, de lume no olhar, collo estendido:

— «Voaе, legiões do inferno!  
 Não vêdes tanto abutre  
 que em sangue meu se nutre?...  
 Afunda-vos um raio!...  
 Mal haja a vossa escrava!...  
 Oh! dae-m'a, revendei-m'a  
 pelo oiro que me queima...  
 É vosso! ahi vae... tomae-o!...»

E semeia oiro no ar,  
 que tine, luz, cae no mar!

Côro dos marinheiros

— «Ficae-vos em terra, dormentes!  
 queimae-vos ao pé do braseiro!  
 Os mares são só dos valentes;  
 a tolda, colchão do gageiro!  
 Gavea geme!  
 Pulso ao leme!  
 Ó marinheiro! ó marinheiro!»

Maria

— «Vem commigo, ó filho, vem!  
 toiro amor, meu cherubim!

Deus castiga! é justo! é bem!

Minha mãe! ó minha mãe!...

Ai de mim!...»

E de novo o rugir da fera brava  
responde á voz da miseranda escrava:

— «Mal haja a fonte pura,  
que me não mata á sêde,  
e o sol, que me concede  
o seu calor e brilho!  
Mal haja o Deus eterno,  
que me ouve e não troveja,  
o Deus que se não peja  
de ter em mim um filho!...»

E a voz blasfema ecoa no infinito!  
e os mal distinctos sons do côro ao longe,  
e a rugidora voz dos cavos mares,  
vão abafar nos ares  
os pavorosos carmes do precito!

#### Côro dos marinheiros

— «As barcas são pontes do mundo!  
Quem passa na ponte, barqueiro?  
Cuidado no rio, que é fundo!  
cuidado, que o vento é ponteiro!

Caça a véla!  
 Olha a estrella!  
 Ó marinheiro! ó marinheiro!...»

Maria

— «Inda o vejo! e a sua voz  
 ao convez do bergantim  
 vem chamar... talvez por nós!...  
 É teu pae... é meu algoz!...  
 Ai de mim!...»

Haveis já conhecido aquelles vultos  
 que para sempre Deus vae separar  
 por duplo, horrendo abysmo: o crime e o mar?...

Tem symetria a sorte em suas dores,  
 em suas alegrias, e em seus damnos,  
 como têm symetria as vibrações  
 dos echos e do mar!

Não vos lembraes de um cantico de amores  
 que ouvistes ha dois annos,  
 de um côro festival, de umas canções  
 meigas de affecto, e tristes de saudade,  
 junto ás aguas do limpido Pavia  
 tão brando e tão sereno?  
 Pois na scena que vêdes inda ha cores

d'aquelle quadro ameno,  
 inda ha vultos e sons que se conhecem,  
 collocações de grupos como lá!  
 Mas que tom differente no conjuncto!  
 e em cada ser, que luz, que sentimento,  
 tão demudado já!

O effeito é sempre grande;  
 mas um tinha, no ameno e no tranquillo,  
 o *qué* dos quadros sacros de Murillo;  
 outro reflecte as cores de Rembrand.  
 Tinha aquelle do outono o brando sol  
 coado pelas ramas;  
 este, o sol africano: lava e lume;  
 e no abrasado mar, fundo crysol,  
 fervente, immenso, eterno,  
 das coruscantes vagas o cardume;  
 relampagos e chammas,  
 reverberos do inferno!

Naquelle havia o vulto já de Antonio,  
 sobre a collina extrema:  
 sempre covarde e vil, sempre demonio;  
 mas lá inda tentava, e aqui blasfema.  
 Lá descantava um côro de donzellas  
 á sombra de chorões e de loireiros;  
 aqui, á sombra de enfunadas vélas,  
 resoa um côro rouco de negreiros.  
 Alem, Maria, a memorar saudades  
 de casto amor; aqui, remorso e penas,

confiadas á voz das tempestades,  
e ao susurrar do vento nas antennas.

Só falta ao quadro a velha mutilada,  
que talvez... sabe-o Deus! neste momento  
esteja triste em supplice lamento  
rezando... pobre mãe! á mãe do céu  
pela sorte da filha desgraçada,  
e pela alma do filho que morreu!...  
E falta-nos (cruel reminiscencia!)  
o triste, o amante, o scismador Albano!...  
Quem sabe? falta acaso a Providencia,  
embora o amor em todo o mundo acabe?...

.....  
Quem sabe?...

—  
Vac-se perdendo o negreiro  
por entre as brumas do oceano!  
Inda alem no altivo sêro  
se ergue o vulto do precito,  
infame, torvo, maldito,  
que veiu remir um crime  
nas agruras do desterro,  
e novo crime o macula,  
e novo remorso o opprime!...

.....  
.....

O seu turbido aspecto causa medo!

Referve-lhe em cachões

o sangue que ás lufadas lhe circula!

No meio de violentas convulsões

uma vertigem passa ante os seus olhos!

Quer fugir... impossivel! que o rochedo

o tem chumbado a si!...

Embaixo o abysmo o chama, e lhe sorri!...

Outra vertigem vem, e o toma, e o cega...

Debaixo de seus pés vacilla... nuta...

treme-lhe inteiro o pedestal de escolhos...

Tenta gritar... é mudo! apenas ruge

um som sumido e cavo! espera... escuta...

e um sonido infernal em torno estruge...

Dos pés lhe foge o chão... vertiginoso

sobre si gira... os olhos dilatados

querem saltar das orbitas sangrentas...

o pesadelo o esmaga... a luz se esvae...

recrece o rodopio pavoroso...

A extrema convulsão vem-n-o agoitar:

inteiriça-se... pára... estende o braço...

inclina-se... cae!...

luda um momento a remoinhar no espaço...

.....

Trinta braças abaixo abre-se o mar!...

Achou sepulchro entre as marinhas rochas;

ali o reclamava o seu thesoiro

no leito de indomados temporaes.  
 Na campa leve, por funereas tochas,  
 os sinistros clarões das peças de oiro,  
 accendidas com chammas infernaes!...

E a vaga passa;  
 une-se o mar!  
 e a mansa brisa  
 que se esvoaça  
 o mar alisa,  
 e a escuma apaga.  
 Sorri-se a vaga,  
 o sol, e o ar.

Ao longe, de entre o nevoeiro,  
 resoa uma gargalhada  
 sobre o convez do negreiro;  
 e de Maria ajoelhada  
 responde ao profundo choro  
 a voz da maruja em côro:

— «Chorae, crocodillos da praia!  
 vesti-vos co'a pel' do cordeiro!  
 cobri-vos co'o mar que se espraia!  
 debalde! não volta o negreiro!

lça! amaina!

Tudo á faina!

Ó marinheiro! ó marinheiro!»



E Maria, apertando o filho ao peito,  
diz, com prantos na voz, rosto desfeito:

— «Ante o Deus que sempre em vão  
te chamava para si,  
leva, Antonio, o meu perdão...  
Martyr, lava o coração!...  
Ai de ti!...»

Vêdes um vulto além, no fim do largo oceano,  
mirando o vasto mar, cevando a dor da ausencia?...  
Ali vae ter Maria; e ali poz Deus Albano!  
Já vêdes que não falta á dor a Providencia!...





CANTO IX



VIA-SACRA



## CANTO IX

---

### VIA-SACRA

Em meio da jornada a estrada se trancou,  
e eu sem norte me vou, não sei por onde vou!  
Sou como o viandante errabundo e sósinho<sup>o</sup>  
entre rochas a prumo onde não vê caminho.

JULIO DE CASTILHO.

Abril, mez das aguas limpidas!  
terra amena, e céu profundo!  
mez das flores e dos canticos!  
mez dos amores do mundo!...

Cantae, cristaes do ribeiro!  
cantae, rouxinoes das balsas!  
cantae, ermo e viração!  
cantae, aragens do outeiro!

e vós, florinhas descalças,  
cantae canções ao serão! . . .

Que primavera cheirosa,  
que susurro, e qué fragrancia,  
em torno d'esta fogueira!  
É que a infancia cheira a rosa,  
e a rosa recende a infancia!  
flor e infancia é primavera,  
riso, amor, ventura inteira!  
e é, dizer no olhar amores  
á mais guapa fiandeira,  
a canção que mais se esmera  
junto á rosa que mais cheira.  
Ai! que affectos que não diz  
o arquejar de peitos rudos  
neste protestar paixões,  
em que os labios ficam mudos  
e fallam . . . as virações;  
e se a bôca se descerra,  
logo o serrano cajado  
acode ao rosto córado  
riscando flores na terra.  
Amor que espreita e se esconde  
num ai que se exhala a medo!  
se um suspiro lhe responde,  
fica entendido o segredo  
e correspondido o amor!

Inda ha mais outra linguagem  
que entra bem da alma no centro;  
agrada, se anda ao redor  
do peito, em grata romagem...  
oh! mas quando ella consola  
é quando penetra dentro,  
bem dentro dos corações!  
sabe-a dizer a viola,  
o serrano e a rapariga,  
nos requebros dos bordões,  
no remate da cantiga!

Nem só rosas têm fragrancia,  
nem só aves são cantores,  
nem só balseiras têm lyra!  
a primavera é da infancia,  
a infancia canta de amores,  
recende a rosas, delira!...

Uma fogueira e um serão,  
uma viola e uns amores,  
ventura plena e sincera  
no rir, no olhar, na canção...  
não sei que mais primavera  
tenham céus, ou tenham flores!

O céu tem rosas de lume?  
tem a terra philomelas

entre balseiras de estrellas,  
que, em vez de luz, têm perfume?  
pois todas essas riquezas  
na aldeia um serão resume!  
canta o rancho das donzellas,  
carpindo o linho da roca;  
dos labios, que se descerram,  
que aroma se não exhala!  
parece mesmo que falla  
uma rosa em cada bôca!  
E ouve-se um zumbir de abelhas  
naquelle enxame de amores,  
buscando o mel porque almeja  
na diaphana balseira,  
que, por phantasticas flores,  
em pennachos de centelhas  
se derrama e se estrelleja!  
porque a magica fogueira,  
que entre as bellas e os tafues  
de muito arder se consume,  
lembra estranho arbusto loiro  
que, sobre um tronco de lume,  
remeche as ramas azues  
e as suas florinhas de oiro!...

Uma fogueira e um serão,  
uma viola e uns amores,  
ventura plena e sincera



no rir, no olhar, na canção...  
não sei que mais primavera  
tenham céus, ou tenham flores!

Pois ao pé d'este brazido,  
que tantos pés nus aquenta,  
e tanto rosto alumia,  
quem tiver prestes o ouvido,  
vista perspicaz e attenta,  
ha de achar vagas feições  
de algum vulto conhecido,  
e, entre risos e canções,  
ouvir casos de agonia,  
de tristezas e baldões,  
de gente amiga talvez!

Tres annos correndo vão  
dês que em profunda viuvez  
deixámos a pobre aldeia!...  
De saber noticias hoje  
minh'alma porque refoge?  
meu peito porque receia?...  
Que nos dirás tu, serão?!...

---

Uma fiandeira

— «Tempéra a viola e canta!

Vamos! quem pede sou eu!...  
 Não sejas tão avarento  
 das prendas que Deus te deu!...»

O tocador da viola

— «Vou cantar! se me negasse,  
 perdia a minha demanda!  
 feia que pede, supplica;  
 formosa que pede, manda!...»

Conversa á parte

— «Escuta, Guilhermina! enquanto canta  
 d'aquella banda o Marcos e a Luzia...  
 Tenho aqui um engulho na garganta...  
 se t'o não digo, abafo!»

— «Ai que porfia!

Falla por uma vez!... Dize — que queres?»

— «Mais baixo, Guilhermina, ou vou-me embora!  
 Sabes o que me dizem lá por fóra?»

— «Que te morres por todas as mulheres!...»

— «Não! não! por ti sómente!...»

— «Ora ainda bem!

E que eu morro por ti?...»

— «Não o diz ninguem!

Casou-se n'outro dia o Sá e a Rita;  
 casa-se neste povo o mundo inteiro;  
 casa o José do Alqueve e a Mariannita;  
 casa o diabo a quatro...»

— «E tu solteiro!

Deves tomar por teu medianeiro,

de hoje ávante,

S. Gonçalo de Amarante,

que é santo e casamenteiro.»

— «Quero o amor que me consagres

à sombra das nossas telhas;

S. Gonçalo casa as velhas...

obrigado aos seus milagres!»

— «Não n-o escutes, Guilhermina,

que é mentiroso e melado!

não creias o que elle diz!

Se aqui estivesse a Josina

a ouvir-te o palavreado...

adeus, orelhas!

adeus, nariz!

levavas que era um consolo!»

— «Esse amor era uma vez!

um dia chamou-me tolo,

e...»

— «Errou-te o nome, talvez!?»

Luzia e Marcos cantando ao desafio

— «Menina dos pés pequenos,

deixe-os 'star, porque os retira?

quanto mais os pés esconde

mais a viola suspira!»

— «Retiro de ao pé do lume,  
que não quero a pel' crestada;  
tenho os pés tão pequeninos...  
se os queimo... fico sem nada!»

— «Antes ponha os pés em agua,  
do que em tamanho calor:  
com agua se cria a rosa,  
no fogo se cresta a flor.»

— «Mas isso é flor de canteiro,  
não é cá rosa de gente:  
essa é mais bella e mais fria,  
eu sou mais feia e... mais quente!»

— «É quente, e pede emprestado  
um pouco de lume ás brazas,  
sem pensar, branca pombinha,  
que póde crestar as azas?»

— «Talvez que seja por brio  
que eu chego os pés ao clarão...  
e são a coisa que eu tenho  
mais longe do coração!»

Vozes da turba

— «Anda, Luzia! aquece-me o peralta!  
Marcos, olha os bordões, e desce a prima!»

*afinas* muito quando a idéa falta...»

— «Pobre rapaz, se a *prima* lhe vae alta, sempre tem um *bordão* a que se arrima!»

— «Marcos, deixa fallar, e viva a malta! tempéra-me a viola, e busca a rima!»

— «Rosita, só tu hoje tão calada, de quando em quando a suspirar...»

— «São dores que lhe andam lá no peito!»

— «Nada! nada!»

— «Se são no cotovello, inda peiores!»

— «Que penas tenho, Rosa!...»

— «Tu?! coitado!

Tens *pennas*, pobre Gil! és mocho, ou pato?

Pensei que eras, vê lá! doninha, ou rato, por andares... assim, tão depennado, mesmo um pedinte!...»

— «E sou pedinte, sou: peço esmolas de amor...»

— «Busca outro officio!»

— «Tenho fome!»

— «Não tens! é manha! é vicio!

Irmão, busca outra porta: eu cá não dou!»

— «Tens outras devoções?»

— «Talvez que tenha!»

— «Com santo milagreiro?»

— « Assim, assim! »

— « Vade retro, diabo! e Deus me avenha!  
Dizes-me a sua graça... o *santo* e a senha? »

— « Presente, meu alferes! »

— « Serafim!... »

Pois já, meu rapazote?!... »

— « É como canta!... »

— « E co'uma franga assim toda chibante!... »

És inda franganito, petulante! »

— « Quinze annos tenho já! de que se espanta? »

— « Eu? capitão menino! amor gentil!

Ora diga-me aqui muito em segredo:

já pôde receber os sacramentos?... »

— « Já conto um mandamento em cada dedo;

e, se me aperta muito, senhor Gil,

estampo-lhe na cara... os mandamentos! »

— « Sabe doutrina o moço!... »

— « Olá! caluda,

que vae passando a ronda: o cabo e a lei.

Se pega a bulha, eu chamo—Aqui de el-rei!

e ha de chegar alguém que nos acuda.

outra cantiga, Marcos! »

— « Vá que seja! »

— « O Gil, o Gil tambem ás vezes canta! »

— « O Gil, quando tem medo, só gagueja! »

— « Tenho o laço da corda na garganta!... »

Vamos a ver! — Começa, rapariga!  
 uma de vós: a Filomena, a Angelica,  
 a Beatriz, a Firmina, ou tu, Perpetua! . . .

Então! vem a cantiga? . . . »

Firmina e Gil cantando

— «Canta o melro no loireiro,  
 e o pardal nos milheiras;  
 canta o pimpão, que tem medo,  
 de noite nos pinheiras! . . . »

— «Nos pinheiras andam lobos,  
 e eu dos lobos não receio;  
 tremo, sim, da artilheria,  
 menina, que traz no seio! »

— «São peças que não têm carga,  
 peças que andam sempre frias;  
 forte soldado brioso  
 que treme de armas vazias! »

— «Não! lá dentro ha lume acceso!  
 Por mais que negue, não creio . . .  
 seus olhos são artilheiros,  
 e estão-me apontando em cheio! »

— «Inda que oiça trovoada,  
 não tenha medo a corisco:

se algum dia derem fogo,  
 não ha de ser contra um pisco!...»

Vozes da turba

— «Bravo, Firmina!

Marcos, mais outro á cinta! afina! afina!»

— «Ficou-lhe de onze varas a camisa.»

— «Coitado! pobre Gil! bem n-a precisa!»

— «Boas noites!»

— «Bemvinda, Rosalina!

Porque vens a chorar? que succedeu?»

— «Fui hoje á Ucha...»

— «A velha já morreu?»

— «Antes ella morresse!

Pobre Delfina! que penas  
 a triste velha não tem!...  
 já vale a pena ser mãe  
 para chorar de afflicção  
 noite e dia!...»

— «Morreu-lhe acaso... a Maria?»

— «Tambem não!

Isto é caso de pasmar!:  
 foi vendida, a pobresinha...»

— «Por quem?»

— «Pelo proprio amante  
 aos moiros de alem do mar!...»

— «Jesus! Maria santissima!



vendida uma alma christã!...»

— «Como quem vende um cordeiro,  
tudo a peso: carne e lã!...»

— «E aos moiros, que não têm Deus,  
ou não têm o verdadeiro!...

Ó Jesus! Senhor dos céus!...»

— «Quem trouxe a nova?»

— «O soldado

neto da Antonia do Gago

foi quem disse hoje á Delfina

esta noticia que eu trago.»

— «Chegou já hoje, é verdade!

vem da Africa, o desgraçado,

co'uma doença mofina

que o tem tido: vae... não vae!»

— «Ai de quem commette um erro!

uma dor cria outra dor,

quem anda mal sempre cáe!...»

— «Pagou-lhe bem tanto amor,

e o sacrificio que fez

de acompanhal-o ao desterro!...»

— «E o filho?»

— «Foi-se com ella!»

— «Inda bem!

se ha de viver com tal pae,

antes vá morrer co'a mãe!...»

— «Viver com tal pae?! se é morto!»

— «Morto! morto! Pae do céu!...»

— «Pois quando o navio negro  
 saiu do porto,  
 logo o malvado morreu!...  
 Levantou-se um furacão  
 mal que o barco abriu as vélas...  
 era dia, anoiteceu;  
 o mar chegava ás estrellas:  
 e viu-se fugir o céu  
 através da cerração!  
 e eram trovões e coriscos,  
 e o céu todo feito em fitas,  
 todo accêso e todo roto!  
 nisto avistou-se um leão  
 a correr por uns restolhos  
 mais que um lobo ou que um cavallo,  
 deitando fumo da bôca,  
 e faiscas pelos olhos...  
 chegar, medil-o, agarral-o,  
 e engolir inteiro o Antonio!»  
 — «*Per signum crucis!* canhoto!  
 Anjo bento! Era o demonio!...»  
 — «É bem de crer!:  
 fórma um pulo, cae nas aguas,  
 sae de dentro lume e fumo...  
 e o mar fica todo a arder!...»  
 — «E a barca seguindo o rumo,  
 e a triste carpindo magoas...  
 isto... Jesus!... faz morrer!...»

— «Tenho o cabello erguido na cabeça,  
como se visse um lobo ao pé de mim!»

— «É provavel que a velha desfalleça!»

— «Já hoje o Serafim  
a foi achar por morta,  
enregelada e fria,  
no limiar da porta!»

— «Pois de certo! nem ella hoje devia  
ficar sósinha!...»

— «E quem te diz que fica?  
Graças a Deus, levei-lhe companhia!»

— «Quem?»

— «A cega Domingas, mal escuta  
da minha bôca historia tão mofina,  
que a leve á triste mãe, pede, supplica,  
dizendo:— Se quizesse, Rosalina,  
davas-me a tua mão, que já não vejo,  
e levavas-me lá.

Tambem... vivo tão só neste sepulchro!...

Vâmos!... Que faço eu cá?—  
Saltei-lhe á cara negra, e dei-lhe um beijo!  
Não ha nada, não ha, que tanto afoite,  
como o servir a Deus num bom desejo!  
Caía a tarde, e as duas desgraçadas  
choravam abraçadas.

Á cerradinha da noite  
voltei-me sósinha a casa,  
sem tremêr da escuridão!

Pela mão levei a cega,  
 trouxe-me Deus pela mão!...»  
 — «Desgraçada e desgraçada...  
 se Deus não for ajudal-as  
 não podem dar grande rego!...  
 uma, cega!... outra, aleijada!...»  
 — «Ao menos são duas fallas,  
 e uma á outra faz conchego!»

— «Parece que a desgraça fez morada  
 na pobre aldeia!: um dia... e nunca esquece!  
 foge o senhor Albano... alma penada!  
 a fidalga consome-se e enlouquece!  
 hoje a morte do Antonio!... É sina! é sina!...  
 Se inda resistirás, pobre Delfina!...»

.....  
 .....

E calaram-se as cantigas,  
 e a viola emmudeceu!  
 e as pobres das raparigas  
 lembram estatuas plangentes  
 em torno das cinzas quentes  
 de uma pyra mausoleu!

Serão sombras? terão vida?  
 A mente escruta e receia!  
 quando a chamma bruxoleia,

vida em seus rostos retrata;  
 mas sempre a mente duvida  
 se o que vê não serão só  
 volateis sombras de pó,  
 como as da velha Pompeia,  
 que um beijo da aragem mata!

Ouve-se em torno um soluçar confuso;  
 em cada rosto a interna dôr se pinta;  
 descêe a roca em funeral da cinta;  
 da mão inerte pende inerte o fuso!

E treme fatua na fogueira a chamma;  
 nos rostos mestos sombra e luz vasqueja:  
 quadro phantastico onde o horror adeja;  
 o fumo o envolve, a labareda o inflamma!

.....

.....

Apaga-te, morre,  
 furtivo sorriso!  
 desruga-te, corre,  
 cortina de crepe,  
 cobrindo-me as cores  
 do meu paraiso!  
 Ó candidas flores,  
 que o rócio geoso  
 vos creste e decepe!

Ó côro mimoso  
das aves canoras,  
amantes e amadas  
gentis philomelas,  
fugi co'as auroras!  
fugi co'as estrellas!  
Das verdes ramadas  
deixae as alfombras!  
deixae a deveza!  
deixae-me co'as sombras  
da minha tristeza!...

Dez horas da noite! Um vulto  
segue a tortuosa estrada  
que parte de *Santo Aleixo*,  
e sobe à *Pedra do Coito*.  
Traz o rosto quasi occulto  
do chapéu co'as abas largas;  
ao lado esquerdo sobraça  
a longa capa que o cobre.  
Vê-se artistico desleixo,  
e o tom que imprime a desgraça,  
naquella figura nobre!  
Na dextra, robusta mão,  
empunha, com gesto afoito,  
longo, nodoso bordão.

Á Pedra do Coito pára!  
Olha o lagar, na fundada;  
olha, em frente, os olivedos;  
olha, á direita, a seara,  
que o brando orvalho estrelleja;  
á esquerda, o soito, que espera  
as suas plumagens de oiro;  
ali, gaipos de vinhedos,  
e um pomar florido e loiro! . . .  
Escuta a fonte, o ribeiro,  
a briza, o mocho, os reptis,  
latidos, uivos distantes,  
e a flauta do pegureiro,  
que namora echos vibrantes  
nas quebradas e alcantis!  
Dentro de si mesmo escuta  
o côro de uma só nota,  
que todas as notas conta  
dos hymnos do Creador!  
longinqua harmonia ignota  
que enche o espaço, e ninguem sabe  
se de um murmurio despona  
de uma abelha e de uma flor,  
se nasce do mar, da gruta,  
se a flux das estrellas brota,  
se do alto vem, se remonta,  
se é riso, ou choro profundo.  
Serão de uma eterna luta

ais cavernosos do mundo?  
 ou serão das primaveras  
 solemnes psalmos ethereos?  
 ou será rolar de espheras  
 pelo abysmo dos mysterios?...

— «A patria! o que foi meu! a mesma voz!...

Echos da minha infancia, eis-vos despertos!

— diz elle emfim — sois vós!

não vos perdi nas vastidões do oceano,  
 não vos mataram povos, ou desertos,  
 a furia dos bulcões, a podre calma!...

Eis-te acordado, Albano!...

Guardaste-os bem, minh'alma!

És tu, lagar das lendas pavorosas,  
 tão negro e tão soturno!...

És tu, pomar paterno, onde eu na infancia  
 colhia fructos, se poupava ás rosas!  
 Diz-me que estás florido esta fragrancia  
 do tepido ar nocturno,  
 que me envolve e sauda,  
 como fraterno abraço estremecido,  
 quando os olhos têm pranto e a bôca é muda,  
 ao pobre irmão que andou por lá perdido!  
 Floreja e canta, meu pomar de amores,  
 já que eu perdi meu canto e minhas flores!...



Soito mysterioso, inda te guarda  
 o teu fructo ouriçado,  
 após as ledas fainas da vindima,  
 a branca serraninha loira é sarda,  
 rosto do norte a que, por mais agrado,  
 quiz Deus lançar um raro véu por cima?  
 Recordas inda os d'ella e meus segredos,  
 e, junto á noite, os magustaes brinquedos?...

Vinhedo de meus paes,  
 onde eu vinha colher brandos *abraços*  
 nos vossos longos, estendidos braços!  
 Busquei depois outras prisões fataes,  
 cingiram-me outros laços,  
 perdi-vos, e perdi-me,  
 numa culpa de amor que se não rime!

Escuros, sempre tristes olivaeas,  
 onde a ave não descanta: cala, ou chora!  
 Venho mais triste, sou mais vosso agora!

.....

.....

Tudo o mesmo que foi, e eu tão diverso!  
 Tudo na primavera... eu só no inverno!  
 Pois eu não sou teu filho, Deus eterno?!  
 Bastardo, envilecido no universo,

o miserrimo sou,  
 o só de quem afastas o teu braço,  
 que é magestade e amor,  
 de quantos seres á amplidão do espaço  
 a tua mão lançou?!...

Senhor!... Senhor!...»

Será blasfemia, ou supplica?!...  
 desgosto,  
 lhe dizem a voz tremula  
 e o rosto!

O olhar sinistro e languido  
 scintilla!...

Encara o abysmo, pavido...  
 vacilla!...

— «Eis o marco fatal! eis o limite  
 da minha aldeia natalicia!... Eu tremo!...  
 Um passo mais, e quebro um juramento  
 que a Deus aqui prestei!... Ai dos perjuros!  
 quer meu fado cruel que vos imite,  
 e vejo-vos o peito inda sangrento,  
 fataes sombras de Cesar e de Remo!  
 Passar o Rubicon... Salvar os muros  
 da minha pobre Roma, que deixei  
 para nunca mais ver?!... E Deus consente?

E Deus perdoará?...

.....

Elle bem sabe a dor com que voltei;  
 seguiu na via-sacra o triste ausente;  
 as esperanças que me trazem cá  
       sabe-as elle!...

De todo o teu poder, Senhor, te mune!  
 Eis prostrada a teus pés a hostia imbelle...  
       Perdôa, ou pune!...»

E descoberto, e prostrado,  
 para os confins do oriente  
 estende os olhos e os braços.

A lua meiga e doente,  
 luz dos afflictos dilecta,  
 tem-n-o em cheio alumiado.

Era um vulto de propheta  
 sobre o monte alcantilado  
 olhando a santa cidade!

Falla aos ethereos espaços  
 neste cantar de saudade:

— «Venho peccar, Senhor! Graça, perdão te peço!

Dizes que lava a dor o crime do confesso...

abro-te a consciencia... abro-te o coração!...

bem vês a minha dor! deves-me o teu perdão!

Longe me andava errando em terra estranha, longe!

tão só como divaga o triste, a fera, o monge,  
 sósinho a combater contra a desdita! Emfim  
 ia a cair um dia... Ergui-me! olhei por mim!  
 Morrer... morrer de fome!... Era fugir da luta!  
 era o suicidio vil de uma alma que se enluta,  
 e desce por temor de se fazer voar!  
 era... não ter valor... nem mesmo de chorar!  
 Surgi, lidei, vivi! A terra brazileira  
 é-nos amiga e irmã; foi lá que a vez primeira,  
 após deixar a patria, eu pude emfim dizer,  
 aos céus erguendo as mãos: — Senhor! quero viver! —  
 Vivi!... Seria esp'rança?...

À tarde, quando a aragem  
 vinha brincar serena ás ondas e á folhagem,  
 deixava o meu trabalho, ia-me á beira-mar,  
 subir para um rochedo, e ali scismar, scismar!  
 dizendo aos olhos: —Vêde! alem vos fica a aurora,  
 a patria! — e ao coração: —Lá nos mataram! chora! —  
 Se airoso barco eu via ao longe na amplidão,  
 e as quinas ondular no tremulo pendão,  
 voava num batel mal que elle entrava a barra!  
 ia abraçar-lhe o leme! ia beijar-lhe a amarra!  
 sentia-me chorar! sentia-me tão bem!...  
 beijava nelle a patria! e o berço! e minha mãe!  
 e no humido costado a face lhe poisava!...  
 Ai! quanta vez tremi quando elle m'a beijava!...  
 Beijava! eu bem sentia, e o beijo era leal!  
 era um saudoso adeus! mandava-o Portugal!

E quanta vez, oli! quanta, a um rosto conhecido  
 não ia a minha voz!... Mas eu tinha morrido!  
 que iria o morto... a sombra... ouvir, saber ali?  
 e á tentação fatal mil vezes, mil! fugi!

Um dia (Deus, escuta!) á praia americana  
 chega negreira barca! O frete é carga humana...  
 a nodoa do presente... escravos, e grilhões!  
 o que ha de encher de horror vñdoiras gerações!...  
 Entre o infeliz rebanho eu vi, Senhor, Maria!  
 Maria, que chorava! e um filho, que sorria!  
 Que havia de eu fazer? salv-a! A minha voz  
 fel-a cair-me aos pés! e a sua historia atroz  
 prendeu-me! ouvi-a absorto! Era um delirio, um sonho,  
 um pesadelo enorme, um trovejar medonho!  
 a morte do carrasco! a sorte da infeliz!  
 uns cahos! um inferno!

—E agora vós, me diz,  
 a filha que não teve um pobre d'um carinho  
 que desse á velhã mãe que jaz no immundo ninho,  
 deixae! Quando meu filho, o loiro cherubim,  
 que vêdes tão gentil, me desprezar a mim,  
 como eu a minha mãe... (é lei de Deus, e é justa!)  
 hei de eu comparecer ante a presença augusta  
 co' a palma do martyrio, e a c'roa do perdão!  
 Bemvidos, meus grilhões! começa a expiação!  
 Mas vós, vós não tremeis de serdes meu retrato?  
 pois não vos horrorisa a expiação do ingrato?

se um grande amor vos chama, a que ficaes aqui?  
 não sejaes mau, senhor! salvae-a! ide! parti!  
 roubae a louca amante á febre que a consome!  
 E pois que dia e noite é sempre o vosso nome...  
 —Louca! disseste louca?!...

—Acaso o não sabeis?

Dês que a deixastes só, nos tratos mais crueis  
 lhe vive a alma sem luz! em vós só cuida e falla!  
 Deixae-me a ingratição, senhor! ide salva-a!—

Aqui me tens, meu Deus! Pelo meu parco haver  
 comprei o seu resgate. A velha ha de morrer  
 nos braços que eram seus; e, na hora derradeira,  
 ha de encostar o rosto á molle travesseira  
 do filial regaço; e ha de esmaltar-lhe então  
 as faces um sorriso; os labios, um perdão!  
 Um dia mais, e chega a filha peccadora...  
 Eu devorei o espaço!... eis-me chegado!...

Agora

o réu confesso espera!... Outorgas tanto dom  
 ao peccador que chora!... eu choro, e tu és bom!...  
 Beijo da patria o chão! saúdo o céu radiante!  
 cumpra-se o meu destino! eis-me sereno!... Ávante!»

Lá vae o vulto sombrio!  
 e o côro dos mil cantores  
 das balseiras e arvoredos

retoma o quebrado fio  
 dos epithalamios ledos  
 em honra dos seus amores!...

.....  
 .....

Homem, que és ante o Senhor?  
 és fumo de um grão d'incenso!  
 Pois que importa a tua dor  
 ás alegrias do immenso?!

.....  
 .....

Deixa os caminhos, e passa  
 pelo *Enxudro*, o soito annoso;  
 chega aos pomares da *Costa*...  
 pára! Defronte a desgraça  
 parece olhal-o iracunda!  
 Chega a um roble o desditoso,  
 ao tronco se abraça e encosta,  
 e frio suor o inunda!

Duas janellas abertas,  
 de luz interna incendidas,  
 como as fogueiras despertadas  
 de sentinellas perdidas,

o estão defronte a mirar!  
Lembram dois olhos ardentes  
de insomnias, febre e delirios;  
e nos vasquejos trementes  
mostram reflexos de cirios  
ao pé de funereo altar!  
Quem vive ali? Josephina!  
ali o principio e o termo;  
a luz que mata e fascina!...  
tudo mais escuro e ermo!...  
Eia, pois! cumpra-se a sina!...

Chega ao pé dos velhos muros  
da casa onde viu a luz...  
encontra a capella aberta...  
entra... vacilla... recúa!  
que receio o prende e espanta?  
Bate um reflexo da lua  
na face da Virgem santa  
que o mira, meiga e desperta,  
e tem nos braços Jesus,  
menino risonho e mudo!  
Sobre o altar caída a cruz  
parece dizer a Deus:  
— «Ninguem, Senhor, me levanta!»

Ruinás! ruinas tudo!  
muros, tecto a desabar!



côro, estante, sacristia,  
 tribuna, sacrario, altar!...  
 e o lampadario, que ardia  
     noite e dia,  
 eil-o sem oleo, apagado,  
 preso do fendido cume,  
 qual thuribulo no ar,  
     parado,  
 sem ter incenso, nem lume!

Entra, procura, ajoelha  
 sobre a campa de seus paes.  
 A lua não lhe viu prantos,  
 nem a capella ouviu ais;  
 mas nunca templo mais pobre  
 ouviu murmurios mais santos!  
 e após a prece fervente  
 curva-se, e termina assim:  
 — «Minha mãe, vela por mim!  
 A tua benção, meu pae!»

Sobe ao altar, reverente  
 levanta a cruz, beija-a, e sae.

Passa um homem pela rua...  
 — «Guarde-te Deus, bom paizano!»  
 — «Que o Senhor vos guarde e acoite.»  
 — «Que horas são?»

— «Vae alta a lua...

onze horas, ou meia noite.»

— «Nesta casa vive alguém?»

— «Em tempo, o senhor Albano,  
que, se não tiver morrido,  
ninguém sabe onde se emprega  
por esses mundos além,  
e uma velha preta e cega...

hoje, ninguém!»

— «Ninguém?!... a velha morreu?»

— «Não sei!... desappareceu!»

.....  
.....

— «Dize-me: sabes, ou não,  
de um senhor Ricardo?...»

— «Basta!

um fidalgo, um rapazão,  
de bom tronco e boa casta...  
foi-se agora a Santo Estevão  
desposar a sua amada;  
ámanhã recebe a noiva,  
a prima cá da morgada,  
que era a mãe de todos nós!...  
Matou-a a teima do pae...»

— «Vae com Deus, paizano, vae!  
Deus te guarde, e não murmures!»

— « Adeus, senhor!... — Esta voz!...  
 Já vi esta cara algures!... »

Junto do vasto palacio, hoje tumulo,  
 onde a ventura sorrira noutr'ora,  
 pobre de Albano! das dores no cumulo  
 gira, volteia, soluça, deplora,  
                   pungindo-lhe a dor  
 intima n'alma, o profundo martyrio,  
 penas tão sevas que deu... que lhe deram...  
 Cerce cortaram-lhe o pallido lyrio!  
 triste! e em seu peito que flores morreram  
                   à mingua de amor!

Chegou-se ao portão de ferro,  
 que se abre para o jardim,  
 como ante as grades do encerro  
 onde mora um cherubim  
 vedado ás vistas do mundo...

Na longa, extensa alameda,  
 que se abre em flocos de rosa,  
 reina um silencio profundo!  
 A avesinha muda e quêda  
 na madresilva cheirosa  
 tambem sabe o que são dores!...  
 A lua velava as flores  
 de luz doirada e saudosa.

A grade, apenas cerrada,  
 desuniu-se ao brando impulso  
 da mão tremula e gelada,  
 e elle entrou hirto, convulso,  
 e parou!...

Tal como o réu sentenciado á morte,  
 que um dia os fossos da prisão salvou,  
 fugindo aos duros tratos que lhe infligem,  
 e, respirando o ar da liberdade,  
 sente-se estranho, e pára allucinado  
     prêsa de uma vertigem,  
     traído, falseado  
     das forças e da sorte;  
 e segura a cabeça que se esvae  
     perdendo a esp'rança e o norte,  
     treme e delira,  
     forceja, luta, e emfim  
     vacilla e cae,  
 assim Albano, entrando no jardim,  
 co'os effluvios vitaes que ali respira  
 das flores do vedado paraíso,  
 sente o valor fugir-lhe, e a vida, e o siso!...

Corre-o sossobro tremulo  
     a fibra e fibra!...  
 Nisto... voz meiga e limpida  
     na alma lhe vibra!

Longe, em balseira flórida,  
 desponta o canto!  
 Conhece a voz angelica . . .  
 funde-se em pranto!

— «Casta diva, que prateias  
 a sagrada selva annosa,  
 volve o rosto a nós, formosa . . .»

Pára o canto!  
 e a cavatina sonora  
 termina entanto  
 numa risada que chora! . . .

— «A voz d'ella, meu Deus! — exclama o triste—  
 Ó meiga pomba, que é da luz d'essa alma  
 que irradiava tanto?

Ai, negra desventura, que a feriste!  
 Senhor! Senhor! torna-lhe a luz e a calma!  
 tira-lhe o riso, e restitue-lhe o pranto!

Ó Virgem mãe de Deus e dos afflictos!  
 ó candida açucena do Calvario!  
 ó minha Mãe divina!  
 não te movem, Senhora, aquelles gritos?!  
 É tempo, ó Mãe! termina o meu fadario!  
 ou toma esta alma, ou dá-me Josephina!»

— «Quem é? quem foi que chamou  
a pobrinha que morreu?»

— «Eu!»

— «Olha! o echo respondeu!...  
dorme!... coitado, acordou!

não tenhas medo... aqui estou!

vou-te cantar, adormece;

vamos, que a noite arrefece:

— Dos crucis, fogosos seios,

modifica a ardente chamma...

ah!... ah!...

Queres que eu seja tua ama?...

Filho, adormeceste já?...

E a louca adoravel de rosto sereno  
ao longe atravessa na florea clareira;  
phantastica virgem das lendas do Rheno,  
deixando entre as brumas luzente rasteira!

São brancas, aereas, as vestes que arrasta  
a fada nocturna, que á luz se evapora!  
esquiva, saudosa visão meiga e casta  
que foge ante os beijos da aragem da aurora!

A lua, o silencio do quadro, a distancia  
do côro das aves tão meigo e tão vago,  
das humidas flores a etherea fragancia,  
os prantos da fonte chorando no lago.

e o immenso mysterio das horas tão mortas,  
 nos mostram no vulto, que vaga desperto,  
 um anjo, que espera que Deus lhe abra as portas  
 do lucido templo do eterno concerto.

Recobra-se Albano ao vêl-a!  
 Percorre a alameda inteira,  
 e chega à vasta clareira  
 onde a luz da sua éstrella  
 surgira e se lhe móstrara!

Albano pára, e ella pára!...  
 Olham-se de frente a frente!  
 No centro espreita a desgraga;  
 de cima a esp'rança vigia!  
 Vae travar-se a extrema luta!...

de repente  
 compacta nuvem sombria  
 defronte da lua passa,  
 e mais o quadro se enluta!  
 Nenhum se move, nem falla:  
 ella, hirta; elle, tremente;  
 elle commovido a olhal-a,  
 ella pasmada e contente;  
 nelle a borbulhar o pranto,  
 nella um riso a despontar;  
 nelle o amor devoto e santo.  
 nella o templo sem altar.

sem luz, sem cantos, sem Deus!

Eram extasis de um crente

que toma por divindade

fugitiva sombra fatua!

Era um poeta, um vidente,

que fica immerso em saudade

ante as feições de uma estatua!

— «Josephina!» exclama...

Ninguém lhe responde!

ninguém lhe enxuga os prantos que derrama

na mesta face que nas mãos esconde!...

— «Josephina!... pois tu não me conheces?...

não tens uma palavra que me dêes?...

Mandei sem fructo a Deus as minhas preces!...»

E caiu-lhe aos pés!

— «Triste! d'onde vens tu?... Não sei quem és!...

Eu já não sou mulher: sou uma estrella,

e desço á meia noite ao meu jardim,

quando não vê ninguém,

a chamar ás florinhas para mim,

e a entretecer a nupcial capella

de laranjeira, e myrtos, e jasnim...

e o noivo nunca vem!...

Olha! tão linda a minha c'róa, vêes?

Juntei-lhe hoje este ramo de cecem,



e mais o amor-perfeito...  
 mas amanhã, verás, tudo é desfeito!  
 e eu volto á meia noite inda outra vez  
 tecer outra capella,  
 um mimo de singela...  
 e o noivo nunca vem!...  
 Se elle amanhã vier,  
 vem cá, se queres ver felizes noivos  
 em divinaes delirios!...  
 Eu torno a ser mulher!  
 Não é linda a capella?...»

Era de goivos,  
 de cypreste e martyrios!

— «O noivo, o teu amor, que tanto esperas,  
 repara bem! sou eu!  
 Ai, flor das mallogradas primaveras!  
 olha-me bem!...»

— «Não és... não és... morreu!

Hontem um passarinho  
 chamou-me do seu ninho,  
 e disse-me: —Vem cá, senhora bella!  
 eu sei do teu amor...  
 vive longe! mais alto inda que o sol!  
 Que lhe queres mandar? —Toma: esta flor!  
 e dize-lhe que venha, rouxinol!  
 Subiu, subiu, subiu, e entrou no céu!  
 Eu subi atrás d'elle, e fiz-me estrella.»

— «Ó Deus! ó Providencia!  
 tu queres que eu blasfeme?  
 vaso de etherea essencia,  
 minh'alma se evapora!  
 a fé vacilla e treme!  
 a esp'rança já descora!  
 Que me será do amor?...

.....

Josephina, inda um momento,  
 e matas-me, ou dás-me a vida,  
 vida que foi, que é tormento,  
 da alma que trago perdida!  
 Por alma de tua mãe!  
 pela tua alma, querida!  
 pela bemaventurança  
 dos paes que Deus me lá tem!  
 pela sagrada lembrança  
 dos nossos castos amores!  
 pela divinal essencia  
 das tuas queridas flores,  
 e pela tua innocencia  
 pura, celeste, divina!  
 por ti... por mim, Josephina!  
 vê, vê bem se me conheces!  
 A minha voz não acorda  
 no teu sacrario das preces

algum som nalguma corda  
 que por lá seja esquecida  
 no mais recondito arcano?  
 tu não te lembras de Albano?...»

— «Albano?!... tu és Albano?»

— «O teu amante!»

— «O poeta?...»

Era um pintor, que pintava  
 retratos de Julieta...»

— «Junto á Senhora do Amparo...»

— «Sim! sim! quando eu soluçava...»

Mas inda agora reparo!

no céu ha festas, e eu falto!...

Moro tão alto, tão alto!...

Vês? além,

mesmo ao pé d'aquella estrella

minha irmã!

Queres a minha capella?...»

O meu noivo inda não vem...»

tecerei outra amanhã...»

E fugiu,

luzente meteoro

a que o abysmo ethereo o seio abriu!

Um frio glacial no seio d'elle  
 estancou de repente os ais e o choro;  
 e, nas ancias crueis de um paroxismo,



sente que o tomam attracções do abysmo...  
tenta suster-se... e mão fatal o impelle!

.....  
.....

Ergue-se... olha... escuta...  
e cáe sem forças!...

Terminou-se a luta!



CANTO X



Á BEIRA DO ABYSMO



## CANTO X

---

### Á BEIRA DO ABYSMO

Memento . . . quia pulvis es.

PSALMOS.

É naquelle salão tristonho e vasto  
onde ha trinta e dois mezes se chorava  
Domingas, a africana, a cega escrava.  
Vêde-o sentado alem pallido e gasto!

Retesadas as veias do pescoço ;  
tez pallida, rugosa, macerada ;  
e alveja-lhe a cabeça descarnada,  
como se fosse um velho o triste moço!

Do amante desditoso resta aquillo!  
do genio uma só luz: a febre accesa!...  
Folheia um manuscripto sobre a mesa,  
e lê trechos avulsos; vinde ouvil-o:

—Adeus, ruidosa Hespanha:  
Madrid—a dos folgares;  
Granada—a moira, a estranha;  
Malaga—a dos cantares;  
Valencia—a dos matizes;  
Sevilha—a flor da terra;  
Cadix—a flor dos mares;  
adeus! por toda a parte  
abafa os trons da guerra  
um festival concerto;  
serás para os felizes;  
sou triste, vou deixar-te;  
inda me fica perto  
o fumo dos meus lares.

Adeus, Hespanha! adeus, formosa louca!  
tu não vês o destino alem attento  
a medir-te e a espreitar?  
e tu, ora no campo, ora no circo,  
ebria sempre de sangue! assim foi Roma!  
um dia ferrea mão te busca e toma,  
e morres... a cantar!

.....

.....



Monstro de fogo, arrebatá-me!  
silva! muge! ao norte o rumo!  
sacode as crinas de fumo!  
leva-me, igneo\_furacão!  
rasga a terra! sobe! afunda-te!  
róla! devora os espaços!  
retesa os teus ferreos braços!  
abre as crateras, volcão!

Monstro — arrojado — reptil — machina  
de multiplicar a vida,  
fez-te a sciencia, o estudo, a lida,  
que inventa, cria, destroe;  
e ao crer-se o homem no vertice  
dos destinos (que o dirigem!)  
sentou-se e disse: —Vertigem!  
creei-te, leva-me! —E foi!

E, coriscando relampagos,  
o novo férvido nume  
traçou lavouras de lume  
em todo o globo, e passou!  
e os horisontes chegaram-se,  
e os povos viram-se ao perto,  
e illuminado o deserto  
disse: —o deserto acabou!

.....  
.....

Altivos Pyrinéos, lá me ficas ao sul:  
 irmãos da minha estrella, adeus!  
 meus horisontes e meus céus,  
 de vós não mais verei o transparente azul!

.....  
 .....

Liberdade... era aqui; mentiu-me a fama!  
 França! França!... onde estás, ó grande! ó magna!  
 eras fonte, e és lagòa, onde se estagna  
 a agua que o mundo infecto em ti derrama!

Eras luz, e és espelho, onde se estampa  
 todo o mudavel perpassar do mundo;  
 e em derredor de ti, berço fecundo,  
 vicejam tristes cyprestaes de campá!

Onde a idéa que tens? onde os teus hymnos?  
 vives á lei da sorte, á lei do acaso,  
 julgando norte o sul, nascente o occaso...  
 tu, que viveste a preparar destinos!

.....  
 .....

Visão querida, porque assim fugiste?...  
 Hontem á noite, o céu era sereno,

fui sentar-me a scismar triste, bem triste,  
 numa collina do encantado Rheno;  
 formam lendas aqui a terra e os céus!  
 dos gazes transparentes da neblina,  
 maga visão etherea, me surgiste!

eras tu, Josephina!

viste-me, e caminhavas, caminhavas,  
 co'os teus olhos azues presos nos meus;  
 a encontrar-te, visão, também corri

tremulo, anhelante,

para apertar-te contra o scio amante;  
 mas comecei a ver (triste condão!)  
 que, quanto mais corrias para mim,  
 mais me fugias, relutando em vão;

e já cansada emfim

do impotente lutar, visão celeste,  
 em tenue vapor te desfizeste!

.....  
 .....

Nobre Polonia, luta! é grande esse estertor!  
 já que ninguem acode ao teu gemer profundo,  
 morre lutando só! tinge de sangue o mundo!  
 pois que outro lhe não resta, impõe-lhe esse rubor!

Ó fortes contra o fraco! ó aguias! ó leões!  
 ouvis da liberdade os lamentosos brados?

não vindes? tendes medo, ignobeis potentados!  
vergonha sobre vós, monarchas e nações!

Polonia, aqui me tens! oh! possa-me envolver  
na mais pequena dobra a homérica mortalha!  
seja no cadafalso, ou seja na batalha,  
sombrio Mouravieff, bemdigo-te ao morrer!

Só vós sois grandes, sim; mas não morrereis sós!  
eu quero a morte! e, pois que a minha mocidade  
tão malograda foi, que a vossa heroicidade  
me dê sombra de palha em campa junto a vós.

.....

Alirei-me a sonhar á sepultura  
onde os felizes mortos seus aquece,  
amante desvelada e estremecida,  
a gloria! mas em breve, ó desventura!  
acordei entre as garras d'esta vida  
que me segue, me prende, me endoidece.

.....

.....

Não sabes, Josephina?  
estes lagos da Italia e da Suissa,  
na sua clara, lisa, e doce calma,

têm o mago condão que me fascina,  
 e inspiram-me um scismar que me enfeitiça!  
 É porque dos teus olhos têm a côr,  
 e a etherea transparencia da tu'alma;  
 porém que frios! não lhes acho oh! não!

esse raio de amor

que me vinha direito ao coração  
 a encher-me de harmonias no meu intimo,  
 a entornar-me diluvios de paixão!

.....

.....

Ó theatro! ó Norma! ó Norma! ó Casta-diva!...  
 mas eu fugi de lá, não pude ouvil-a!  
 era a minha saudade rediviva!...

.....

.....

Hontem a turba dizia  
 na cathedral de Milão:  
 —Formosa Santa Isabel!  
 são d'oiro e de pedraria  
 as rosas que traz na mão!  
 —Aquillo explica o milagre.  
 Conheceis o artista? — Não.  
 —Pois ao divino pincel

é justo que se consagre  
 a gloria que mereceu.  
 Repara como são bellos  
 aquelles negros cabellos  
 por sobre uns olhos do céu!—

A santa és tu, Josephina;  
 o ignoto pintor fui eu.  
 Tu, divino Raphael,  
 meu pobre tributo abonas;  
 tu, que nas tuas Madonas  
 retrataste a Fornarina.

Não quer outros premios a arte,  
 nem gloria que a condecure;  
 já que eu morro por amar-te,  
 quero que o mundo te adore.

.....

.....

O titanico esforço nunca morre;  
 Hercules não morreu, revigorisa  
     inda os braços e os hombros;  
 a lida é dom do céu, que se eternisa,  
 e o fecundo suor que em fios corre  
     dá prodigios e assombros.

Hontem creou a imprensa; o sol portento  
 ás almas diz: — É dia! — e de esplendores  
     crepita e reverbera!  
 depois cria os volcões locomotores,  
 dá raios por transporte ao pensamento,  
     e tem nas mãos a esphera!

Afunda-se na terra! sobe aos ares!  
 une á America a Europa! e, sempre duro,  
     o braço omnipotente  
 toma, aferra o alvião, brande-o seguro,  
 rasga a terra em Suez, une dois mares,  
     e mostra alem o oriente!

Some-te, Adamastor, que nova estrada  
 abre aos nautas Lesseps, o novo Gama,  
     braço, paciencia, idéa!  
 Que mais erguido assumpto, e nobre fama!  
 Harpa das grandes glorias, canta a enxada!  
     transforma-te, epopéa!

Albano, eis o trabalho que engrandece!  
 váe callejar as mãos, obscuro obreiro,  
     neste chão que dá gloria!  
 seja o teu nome embora o derradeiro  
 no rol dos operarios, nunca esquece!  
     ha de aprendel-o a historia!

.....  
 .....  
 Ó patria do Senhor! ó terra da agonia!  
 adeus, copia fiel da minha soledade!  
 se aqui me demorasse um dia mais... um dia...  
 uma hora... que sei eu?... morria de saudade.-

E aqui fechou Albano o seu roteiro;  
 à pouco e pouco o desviou de si;  
 poz nas mãos a cabeça escandecida,  
 murmurando baixinho: — «E não morri!!...  
 Adeus, inseparavel companheiro,  
 confidente fiel da minha vida!  
 fechei-te para sempre! e, se te abri,  
 foi só porque, ao chegar do abysmo á aresta,  
 quiz olhar para traz... e nada vi!...  
 olho para diante... e nada resta!...»

.....  
 .....

— «Eis tudo consummado! Acho suave,  
 após a longa via dolorosa  
 do meu tormento obscuro,



colher as azas, immerger, poisar,  
 e adormecer! Não póde mais uma ave  
 que desfallece no altaneiro vôo!  
 Eu vim bater ás portas do futuro:  
 cansei-me de bater e de chamar...  
 que me resta, se nada ouvi, nem vi?...  
 ficar de fóra; adormecer aqui.

.....  
 .....  
 Tudo no mundo se parece ao mundo;  
 a esphera é sempre o typo d'esta vida:  
 nella extremos não ha! num ponto só  
 fincâmos a balisa da partida;  
 e, quando completâmos a jornada,  
 sem volvermos atraz, em nossa frente  
 inda a mesma balisa sobre o pó  
 nos delimita o extremo da tornada!...

Se a nossa alma, de triste ou de contente,  
 se perde espaço alem, vôa, delira,  
 doideja, cria, encontra, colhe, offerta,  
 sonha e dorme, deixae-a, que desperta  
 achando o ponto emfim d'onde partira!

Pois tambem eu, como a açodada fera,  
 após muito fugir, chego ao meu ninho,

e frio inverno encontro a primavera!...  
 Se da vida eu riscasse o dia de hoje!...  
 Requeimam tanto as penas e o deserto!...  
 Não se foge no mundo, não de certo,  
 uma vez que do mundo se não foge!...

.....

.....

Eis-me de novo em posse do meu lar!  
 Mas onde estão as bençãos, a alegria,  
 a acolher o bemvindo? Só chegar,  
 abrir a porta, que nos não resiste,  
 e achar na casa velha, nua, e fria,  
                   sómente um companheiro,  
 fiel, mas sempre mudo, —o candieiro,  
 que nos alumiou sem nos amar!...  
                   Como isto, ó Deus, é triste!

.....

.....

Entrei; fui percorrer a casa toda;  
 que cheiro a solidão! que morto aspecto!  
 ninguém veio lançar-se entre os meus braços!  
 nem um sorriso, um pranto, um pobre affecto  
 acordou ante os echos de meus passos!...

.....

.....

Preguiçosas ruínas do meu tecto,  
 porque não desabaes?  
 poupaes um crime a quem viveu sem crimes!  
 fazeis, dando-me vós a morte amiga,  
 que eu na hora derradeira a Deus bemdiga,  
 e mancho as mãos se vós me não mataes!

.....

.....

O homem sobre a terra é como o arbusto:  
 em quanto uma raiz o alenta, o prende,  
 sustenta-se de pé;  
 mesmo se o raio da desgraça o fende  
 não cac: florece inda ferido e a custo;  
 mas se lhe falta a esp'rança, o amor, a fé!...

.....

.....

O suicida não se mata:  
 não!... cae, fere-se na quéda;  
 aperta-lhe a sorte ingrata  
 o laço em que os pés lhe enreda.

.....

.....

Dizem que o suicida é fraco...  
 será?...

Quereis que lhe venha a morte  
 d'um poder, que, sendo forte,  
 tão poucas forças lhe dá!...

.....  
 .....

Vive-se para um fim, e eu já não tenho  
 um fim para que viva!

A alma creou-a Deus para ser livre,  
 e a minha está captiva!

Vou demolir-lhe o encerro!

Alma, volve-te aos céus!

foge d'aqui, vae, vae mostrar a Deus  
 as chagas que te abriram no desterro!...

.....  
 .....

Duas horas da noite!... Quando a aurora  
 apparecer, as agonias do horto  
 para mim serão findas!

Que a aurora, ao menos, chore sobre o morto,  
 que mais ninguem, ninguem, no mundo chora!

.....  
 Lagrimas da manhã, sêde bemvindas!...

.....  
 .....

Acaso estarei louco?...

Triste de certo; e sem alento... embora!  
mas louco... ai! não! quero morrer em calma!

Pensemos inda um pouco;  
entremos dentro d'alma:

Porque me pendes tu, fronte esvaída,  
para os frios umbraes dá sepultura?...  
Porque aos rudes trabalhos d'esta vida  
veiu convidativa a noite escura.  
tentar-me co'o prazer do somno eterno,  
e arrastar-me invencível ao meu leito!...  
tenho finda a tarefa, e estão sem força  
os pés, os braços, a cabeça, o peito...  
impossível é já suster-me em pé!  
As raizes que á vida me prendiam,  
o amor, a esp'rança, a fé,  
quebrou-as o tufão da desventura,  
e impelle-me ao abysmo, á sepultura!...

.....  
.....

Se meus paes me vivessem, viveria,  
para lhes ser amparo na jornada,  
juro da minha divida sagrada,  
e para os não matar cõ'a minha morte;

e eu teria um regaço onde encostar-me,  
 e onde esconder-me á vingativa sorte...  
 não tinha, minha mãe desventurada?  
 Meu pae, o meu amigo, o honrado velho,  
 dar-me-ia animo, braço, amor, conselho...  
 mas não tenho ninguem... não tenho nada!

.....  
 .....

Quando tinha esperança amei a gloria,  
 sonho o mais seductor da humanidade!  
 sonho que nos eleva á divindade  
 no sacro altar do Pantheon da historia.  
 Mas quando vejo o resfolgar volcanico  
 das crateras que assopra a sociedade,  
 e o transmutar de face a quanto existe,  
 e o vacillar constante da verdade,  
 e este desmoronar da fragil tenda  
 que no infinito coube á raça humana,  
 que dia a dia treme, oscilla, range,  
 e ameaça abysmar a caravana  
 ao proximo bramir do cataclysmo,  
     a mim pergunto então:  
 —Pois o fragil batel em que boiâmos  
 no temeroso pelago do abysmo  
 será nau almirante em que embarcasses  
 de Deus ao nuto, ó rei da creação?!—

.....

Vaidade humana, cinge a c'roa, e canta!  
 pois te acclamas rainha, eia, soberba!  
 toma o sceptro... de canna, e ascende ao solio  
 de lodo que amassaste!... Ai! o teu erro!  
 Humanidade, em tua lida acerba  
 és seria, enquanto és nobre no desterro;  
 ridicula, subindo ao capitolio.

.....

Quando olho a lua absorto,  
 e o pensamento abysmo  
 naquella face nua,  
 naquelle vulto morto,  
 calado, esteril, frio,  
 ao mundo meu sombrio  
 descaio attento, e scismo,  
 e á terra aponto a lua!  
 Talvez... talvez que houvesse  
 esp'ranças, flores, vida,  
 um dia ali; quem sabe?!  
 mas tudo se arrefece  
 de Deus a um sopro leve...  
 bem póde ser que breve  
 o que em ti vive acabe,  
 ó terra; e fiques erma  
 soidão nas solidões,

dizendo que és enferma  
 os ais de teus volções.  
 E ahí tens a *eterna gloria*,  
   que se abysmou!  
 e a *immensa luz da historia*,  
   que se apagou!

.....

E quantos nomes são findos,  
 e quantos clarões extinctos  
   no vortice das eras?...  
 Homem dos futuros lindos,  
 ó sonhador de chimeras,  
 soterra a tua vaidade!  
 risca das folhas da historia,  
 dos dictionarios da gloria,  
 o sonho: *immortalidade*.

.....

.....

Existe Deus?... existe!  
 Falla-lhe a voz potente  
 nos prantos do contente,  
 e no sorrir do triste.  
 Mas Deus pune o suicida?  
 não póde, não receio;



pois se o fugir da vida  
 é demandar-lhe o seio,  
 a celestial guarida,  
 onde não chegam damnos,  
 como ha de a Providencia  
 punir tão santo anceio?  
 Tambem a penitencia,  
 que é suicidio lento,  
 encurta os terreos annos,  
 e nos depura a essencia,  
 que para si Deus quer.  
 Perdida toda a esp'rança  
 no equuleo do tormento,  
 é nelle só que ponho confiança;  
 para tudo lhe dar, quero morrer!

.....  
 Meu Deus! meu Deus! e não será vaidade  
 pensar que tu me vês? que tu me esperas?  
 a mim, atomo vil da immensidade!  
 reptil do globo-insecto entre as esferas!...

É muito engrandecer-me, e amesquinhar-te!...  
 Espirito doente, ergue-te... parte!...  
 .....  
 .....

Nossa alma vem de Deus, como do sol  
vem um raio de luz a cada ser;  
quando chega do occaso a despedida,  
o triste anoitecer,  
cada baga de luz toda incendiada  
se volve á lante do immortal pharol  
que esparge a luz e a calma...  
Assim parte a noss'alma  
ao pôr do sol da vida!  
Chama-se-lhe: morrer.

.....  
.....

Entre o ser e o não ser que dista?  
um passo curto só... pois dê-se;  
breve a vida mortal fallece.  
Oh! feliz quem a paz conquista!

.....

Bem vês, Senhor, não sou louco;  
acho-me sereno e frio;  
não tomes a minha morte  
á conta de um desvario,  
não tomes!  
As inclemencias da sorte  
has de encontrar, quando as sommes,

que foram muitas de mais  
 a pesarem-me nos hombros;  
 desaba-me a vida em ais,  
 e eu morro sob os escombros.

.....  
 .....

Tres horas da manhã! Meu bom revolver,  
 deixa-me preparar-te... eis o tinido,  
     frio,  
     secco,  
     sem echo;

tal como deve ser a voz da morte!...  
 Cadaverico, azul, fulge o teu brilho!...  
 fascinas-me! és formoso! ao meu ouvido  
 dize, gelida bôca, o teu segredo...  
 enquanto eu firmo o dedo no gatilho!...

.....

A minha mão não treme! eu não descoro!  
 bem hajas, coração! não tenho medo!

.....  
 .....

Resta escolher sepultura...  
 Será na presa do rio,  
 onde, nas manhãs do estio,

se banhava Josephina,  
 sob a cerrada espessura  
 dos sinceiraes junto á Ucha...  
 Seja. E, por bem da minh'alma,  
 levo uma esmola á Sagucha,  
 á que no céu já tem palma,  
 e que ámanhã já tem céu  
 na filha que Deus lhe deu,  
 na flor do seu coração.

.....  
 De tudo, tudo que é meu  
 tem Ricardo o testamento,  
 e sabe a minha intenção.  
 Sê forte, meu coração,  
 no derradeiro momento.

.....  
 São horas já. Senhor, espera o martyr...  
 se o vês.

Meus paes, vou-me prostrar aos vossos pés.»

Saiu.

Do limiar da porta,  
 e dos umbraes da vida,  
 olhou a casa morta!

a extrema despedida  
tremeu-lhe num murmurio.

A vida é como a hera,  
que se enraiza e abraça  
às pedras do tugurio  
onde se nasce, e passa  
a florea primavera;  
a furia da tormenta,  
o redomoinho iñsano,  
as hastes despedaça,  
mas desprendel-as... não!  
Ao despedir-se, Albano  
partira o coração.

Passando ante a mansão de Josephina  
ouviu, no seu delirio,  
notas finaes de uma canção divina,  
talvez do seu amor... talvez do empyreo.

Chega aos altos da Laceira,  
quando a lua no occidente  
da serra os pincaros salva,  
emquanto alem do nascente  
surge lucida e tremente  
sobre a Estrella a estrella d'alva;  
e vem buscando-lhe a esteira  
uns raios de luz festiva,  
prenuncios da aurora esquiva;

aureas franjas do lençol  
do immenso leito de amores,  
que adornam perlas e flores,  
e tem na cupula o sol.

Era o momento escolhido.  
Em baixo o rio marulha,  
nos sinceiraes escondido;  
o orvalho treme nas flores;  
longe uma rolinha arrulha  
não sei que penas de amores.  
Albano a ladeira desce,  
e dos seus passos a bulha  
no musgo rente emmudecc.  
Da escura choça é já perto...  
scintilla uma luz na Ucha,  
signal certo  
de que não dorme a Sagucha!...

Quando elle depunha a esmola,  
de ao pé do rio um susurro  
de voz humana  
se ajunta ao carpir da rola!...  
A taes deshoras quem é?!...  
Costeia a negra cabana,  
prolonga-se co'a silveira,  
e vae abraçar-se ao pé  
da frondosa laranjeira.

Duplica-se a voz,  
 mais distincta por mais perto;  
 e taes palavras se ouviam  
 crescendo mais e mais:  
 — «E assim viveremos nós!»  
 — «De certo,  
 cumprindo neste deserto  
 penas que os céus nos enviam.»  
 — «Aqui vae água, cuidado!  
 o passo mais largo... assim!  
 temos á esquerda um silvado,  
 chega-te bem para mim!  
 agora em frente... Coitada!  
 levas o braço moido  
 de me amparares?»

— «Pois não!  
 são d' aço os ossos da preta;  
 eu já sou pau resequido;  
 não se azomba o teu bordão,  
 não quebra a tua moleta.»

.....

Offerecendo a Deus a sua mágua,  
 os dois vultos caminham para a Ucha;  
 Domingas abraçada co'a Sagucha  
 vinha do rio co'uma bilha d'agua!

ajuntando-se em mysticos abraços,  
evitando os barrancos e os abrolhos,  
prestando, a decepada, a luz dos olhos,  
Domingas, a ceguinha, os pés e os braços!

Milagres divinaes da paciencia!  
ó sublime potencia dos affectos!  
d'estes dois pobres entes incompletos  
inteira-se, perfaz-se uma existencia!

— «Compara bem, covarde impenitente!  
Aquellas, sim, que choram no seu horto!...»  
murmura Albano triste, afflicto, absorto,  
e cae-lhe a arma fatal da mão tremente.

Prostra-se, e exclama: — «É Deus que me alumia!  
ente inutil não ha, que Deus m'o ensina!  
Senhor, eu surjo á tua voz divina!  
toma est'alma sem fé, que se perdia!

O homem não é de si!... Eis-te, ó verdade!  
Emquanto houver um som, a Deus se louva;  
emquanto houver um braço que se mova,  
esse braço pertence á humanidade!

Só Deus marca o principio, e marca o termo;  
só elle sabe quando está cumprida  
a suada tarefa d'esta vida,  
por mais que o seio nos pareça enfermo.



Nas convulsões crueis d'um paroxismo  
vinha-me a despenhar cego! ás escuras!  
e sois vós, miserandas creaturas,  
pharoes com que o Senhor me aclara o abysmo!

Fugi de mim, designios meus protervos!  
suicidio, és do egoismo, és da descrença!  
Senhor, aqui me tens! lavra a sentença  
do miseravel servo dos teus servos!»





